

MEDITAÇÕES SOBRE OS TEXTOS LITÚRGICOS DE OUTUBRO DE 2022

Na alegria da beatificação de Pauline-Marie Jaricot

Sábado, 1 de Outubro de 2022

S. Teresa do Menino Jesus (MO)

Job 42,1-3.5-6.12-17; Sal 118; Lc 10,17-24

Meditação

Retenhamos duas ideias do livro de *Job*. A primeira é: “Sei que tudo podeis e que todos os vossos projectos se realizam” (v. 2). A segunda ideia é: “Job morreu velho, depois de uma longa vida” (v. 17).

Posto à prova, Job veio a conhecer um pouco mais o seu Senhor, tendo chegado à seguinte conclusão: “Sei que tudo podeis e que todos os vossos projectos se realizam.” Pensemos nos nossos projectos pessoais, nos nossos projectos missionários, naqueles relacionados com a organização das nossas comunidades, das nossas instituições, das nossas paróquias e dioceses. Sabemos como ligar a sua realização aos planos de Deus – para que nos salve e leve a Sua salvação até aos confins da terra? Os planos de Deus estão enraizados no Seu amor, na Sua paz e justiça, no Seu desejo de salvar a humanidade. Finalmente, se Job morre numa idade avançada, satisfeito com os dias vividos, é sem dúvida para lhe dar tempo para cantar as maravilhas de Deus, para falar bem do seu Criador e Salvador dentro da sua grande família, mas também dos que o rodeavam.

Podemos perguntar-nos: são os nossos planos inspirados pelo Deus de Jesus Cristo que quer salvar toda a humanidade? Acrescentemos-lhe uma segunda pergunta: estamos nós preocupados em anunciar um Deus que ama a Sua criação, que a quer salvar, um Deus que nos ama e que nos quer associar ao seu projecto de amor, de justiça e de paz? Ouçamos o que diz o Salmo 118, de forma tranquilizadora: “Bem-aventurados os rectos em seus caminhos, que andam na lei do Senhor. Bem-aventurados os que guardam os seus testemunhos, e que o buscam com todo o coração.” Procurar Deus é também manter as Suas exigências e organizar a própria vida de acordo com o Seu amor manifestado em Jesus. Evangelizar é amar e colaborar, educar e curar, acolher o reino de Deus e apressar a sua vinda (Pierre Diarra, *Évangéliser aujourd’hui. Le sens de la mission*, Paris, Mame, 2017, p. 63-64). Isto significa para o ser humano, o discípulo-missionário, uma vida inclinada para a busca da paz e da justiça, mas também para a proclamação de um Deus gracioso. Assim, podemos regozijar-nos desde agora, porque a nossa missão dá frutos e o Reino de Deus está a chegar, como pedimos na oração do *Pai-Nosso*.

Jesus pede aos setenta e dois para se regozijarem, não porque estejam a fazer maravilhas no decurso da evangelização, mas porque os seus nomes estão escritos no céu. Portanto, não convida os Seus discípulos a proclamar o Evangelho para “ganhar” o céu. Os seus nomes já lá estão escritos. O que é urgente é o anúncio de Jesus Cristo. A proclamação do Evangelho visa a salvação de todos, a dos “enviados”, dos evangelizados, mas também a dos missionários. Para propor bem o Evangelho, é necessário aceitá-lo pessoalmente e vivê-lo com sinceridade, com toda a verdade. A proclamação do Evangelho não é possível sem o testemunho. Testemunhas de Jesus, o Cristo, testemunhas do Evangelho e da salvação oferecida a todos, somos assim testemunhas da presença do Espírito no mundo. O Espírito trabalha no coração de todos os seres humanos, em todas as culturas. O objectivo principal não é a salvação dos missionários, mas a salvação de todos, e por isso o serviço do Evangelho deve ser gratuito.

Como diz o Papa Francisco na *Fratelli Tutti*, “Quem não vive a gratuidade fraterna, transforma a sua existência num comércio cheio de ansiedade: está sempre a medir aquilo que dá e o que recebe em troca. Em contrapartida, Deus dá de graça, chegando ao ponto de ajudar mesmo os que não são fiéis” (n.º 140). Não faz Ele nascer o sol sobre os maus e os bons? (*Mt* 5,45). A recomendação de Jesus é clara: “Quando tu deres esmola, não saiba a tua mão esquerda o que faz a tua direita, para que a tua esmola seja dada em segredo” (*Mt* 6,3-4). Recebemos a vida e o

Evangelho de graça, sem pagar nada. Ofereçamos o Evangelho gratuitamente, convidemos os nossos contemporâneos a amar Jesus, como Santa Teresa de Lisieux. Como ela, rezemos pelos missionários e pelo sucesso da missão. De facto, Jesus disse aos seus discípulos: “Recebestes de graça, dai de graça” (Mt 10,8). Peçamos ao Senhor que dê o Espírito Santo aos missionários, homens e mulheres, para que sejam fortes e corajosos na proclamação de Cristo, quaisquer que sejam as provações que possam enfrentar.

Domingo, 2 de Outubro de 2022

27º Domingo do Tempo Comum

Hab 1,2-3; 2,2-4; Sal 94, 2 Tim 1,6-8.13-14; Lc 17,5-10

Meditação

Vendo o que está errado no mundo, podemos desanimar e pensar: de que servem todos os nossos projectos? A miséria instalou-se no nosso mundo e o número de pessoas que vivem em condições indignas do ser humano multiplica-se sem fim. Que violência! Quantas pilhagens, quantas cenas de disputa e discórdia! Podemos até censurar Deus, como o profeta Habacuc, quando lhe gritamos, para expressamos a nossa preocupação, mas Ele parece não nos ouvir, ou pelo menos não parece ter pressa em vir salvar-nos. Neste contexto, atrevemo-nos a oferecer a Boa Nova do Salvador Jesus? Confiamos realmente em Deus, nosso Salvador?

É claro que não devemos esquecer todas as maravilhas de Deus, todos os sinais de fraternidade e solidariedade humana, mas devemos abrir os olhos para ver o mal e olhar para a miséria. Então a urgência da salvação e da missão torna-se mais clara. Com o salmista, usemos reconhecer que devemos aclamar o nosso Deus como a nossa Rocha, a nossa Salvação! É Ele que dá força ao justo para viver na fidelidade. Desta forma, pode dar graças. Somos convidados a compreender, seguindo São Paulo, que não é um espírito de medo que Deus nos deu, mas sim um espírito de força, amor e ponderação. Ouçamos os conselhos de Paulo a Timóteo e não tenhamos vergonha de dar testemunho de Nosso Senhor. Não tenhamos vergonha de todas as pessoas presas pela sua fé, dos mártires de todos os tempos, daqueles que testemunharam a Jesus Cristo ao ponto de darem a sua vida.

O serviço do Evangelho pode levar-nos até aí, por amor de nosso Senhor Jesus, mas também por amor de todos aqueles que esperam o Evangelho da salvação. Este compromisso missionário é também um serviço, uma ordem de Nosso Senhor. Quando fazemos o que podemos para anunciar o Evangelho, usemos dizer: “Somos meros servos: apenas cumprimos o nosso dever” (Lc 17,10). Evangelizar é um acto eclesial, disse Paulo VI na *Evangelii Nuntiandi* (n.º 60), e cada um, nos seus empreendimentos missionários, está intimamente conexo à actividade evangelizadora de toda a Igreja. Cada um dá testemunho do Evangelho, de Cristo, e oferece-o de várias formas “em união com a missão da Igreja e em nome da mesma” (*Evangelii Nuntiandi*, n.º 60).

Nenhum evangelizador é o mestre absoluto da sua acção evangelizadora. A referência é a Igreja e, para além dela, Cristo, a Trindade: daí a importância da comunhão entre missionários, os discípulos-missionários. A Igreja deve sentir-se responsável pela tarefa de divulgação do Evangelho. Esta tarefa é tanto mais frutuosa quanto mais está ligada ao testemunho e ao diálogo com todos, ao compromisso para melhorar as condições de vida dos pobres e necessitados. Não esqueçamos a oração pelo sucesso da missão e a acção de graças pelas maravilhas que o Espírito Santo opera no coração dos nossos contemporâneos e em todas as culturas. É importante neste contexto notar a importância da Igreja universal, que não é nem a soma nem a federação mais ou menos heterogénea das Igrejas particulares essencialmente diversas (*Evangelii Nuntiandi*, n.º 62). A Igreja, universal por vocação e missão, tem as suas raízes na variedade de terrenos culturais e sociais, assumindo ao mesmo tempo os rostos de homens e mulheres com diversas expressões externas. Deus está a trabalhar de várias maneiras na Igreja e no mundo.

Não serão os Anjos da Guarda um sinal das diversas acções do nosso Deus, sem ao mesmo tempo negar a Sua singularidade? Não serão eles o sinal da proximidade de Deus em relação a cada ser humano? Cada um de nós é confiado ao cuidado especial de um anjo, um sinal do amor especial de Deus por cada um de nós. Cada rosto é único, assim como o é cada cultura e o coração de cada pessoa. “Nós cristãos sabemos que Deus quis dar-Se a conhecer ao homem em Jesus, verdadeiro Deus e verdadeiro homem. Mas também sabemos que Deus está em acção no coração dos crentes de outras religiões, como Ele está em cada pessoa humana. É por isso que, todos juntos, respeitando as nossas especificidades e os nossos caminhos, temos o dever de purificar as nossas memórias, não de impor, mas de indicar o significado a dar à prodigiosa aventura humana” (Mons. Jean-Marc Aveline (dir.), *Jean-Louis Tauran. Le courage et la liberté*, Marselha, Publicações Chemins de Dialogue, 2019, p. 132). Somos convidados a preocupar-nos com a salvação de todos os nossos contemporâneos – cada qual é único – porque ninguém aceitaria ser totalmente “derretido” ou “diluído” numa massa onde, no final, a sua personalidade se perderia, seria ignorada. Deus conhece-nos a todos, a cada um de nós, pelo nosso nome, os nossos desejos e os nossos pecados, mas também pela nossa generosidade, o nosso amor, a abertura dos nossos corações e os nossos esforços no caminho da fidelidade e da santidade. Peçamos ao Senhor que nos conceda a todos a força do Espírito Santo para amar melhor a Deus e às pessoas que Ele coloca no nosso caminho, para empreender com lucidez actos de solidariedade e para lutar pela justiça e pela paz. Rezemos para que os nossos Anjos da Guarda olhem por nós e sejam o sinal da presença do nosso Deus, o sinal dos seus cuidados benevolentes para cada um de nós. Que nos seja dada a força para continuar a missão com ousadia e determinação, pois Deus está connosco.

Segunda-feira, 3 de Outubro de 2022

Gal 1,6-12; Sal 110; Lc 10,25-37

Meditação

“Mestre, que hei-de fazer para receber como herança a vida eterna?” Esta é uma questão que pode parecer uma expressão do egoísmo. De facto, a pessoa que faz esta pergunta parece estar preocupada com a sua própria salvação. Podemos, portanto, perguntar-nos se essa pessoa está a pensar na salvação dos outros. E quanto a cada um de nós? Estou preocupado com a minha própria salvação, em herdar a vida eterna? Jesus refere-se à Lei, ao que lá está escrito e à forma como estes textos podem ser compreendidos. Todos sabemos o essencial: “Ama o Senhor e ama o teu próximo como a ti mesmo.” A questão deve ser transferida do conhecimento da lei para a sua aplicação. Antes de mais, devemos recordar o verbo “ouvir”. Como o fez com Israel, Deus convidou-nos a ouvi-l’O. Então temos de nos perguntar com verdade: como pôr em prática estes dois mandamentos que são, de facto, duas faces do mesmo? Como podemos amar a Deus com todo o nosso coração, com toda a nossa alma, com toda a nossa inteligência e com todas as nossas forças? Como podemos amar o nosso próximo como a nós próprios? O ponto de referência para compreender o amor e as suas exigências é obviamente Jesus Cristo. Amar o nosso próximo como a nós próprios é bom, mas devemos ir mais além: amar como Jesus nos amou, dando a sua vida por nós, pela nossa salvação e pela salvação de todos.

Não podemos esquecer que Deus é Amor, como explica São João. “Aquele que não ama não conhece Deus” (1 Jo 4,8). “Amemo-nos, pois o amor vem de Deus” (1 Jo 4,7). Andemos um pouco mais longe para afirmar com Jesus: “Não há maior amor do que dar a vida pelos amigos, aqueles que dizemos amar.” Ninguém tem maior amor do que aquele que abdica da sua vida por aqueles que ama. O mandamento é claro: “Amai-vos uns aos outros como Eu vos amei” (ver Jo 15,11-15). A referência é, portanto, Jesus, na Sua *Kenosis* (esvaziamento). De facto, o Filho de Deus vai até à morte para expressar o amor de Deus pela humanidade. Somos convidados a comportar-nos como Jesus Cristo: “Embora sendo Deus, não considerou que o ser igual a Deus era algo a que devia apegar-se; mas esvaziou-se a si mesmo, vindo a ser servo, tornando-se semelhante aos homens.

E, sendo encontrado em forma humana, humilhou-se a si mesmo e foi obediente até à morte, e morte de cruz!” (*Fil* 2,5-8). De agora em diante, já não basta amar o próximo como a si mesmo; temos de ir mais além, isto é, amar como Jesus nos amou.

O amor em questão não se limita a algumas relações interpessoais, a algumas boas ações. Temos de ir mais longe e buscar o *amor na verdade*, que por si só é uma fonte de paz. Tudo o que pudermos fazer pela salvação dos outros, somos convidados a fazê-lo. Sabemos que o agir de Cristo, baseado no amor, transcende o mínimo exigido pela justiça humana, como o Papa Bento XVI explica em *Africae Munus* (n.º 28). Já não é suficiente dar ao outro o que lhe é devido. A lógica interior do amor deve levar-nos a ir para além desta justiça. Somos convidados a dar o que temos (*Caritas in Veritate*, n.º 6) e mesmo o que somos, ou seja, todo o nosso ser: cada um de nós é convidado a dar-se a si mesmo. “Não amemos com palavras ou com a língua, mas com obras e em verdade. O discípulo de Cristo deve ir ao ponto de se entregar para a salvação dos seus irmãos e irmãs” (*1 Jo* 3,16-18). Este é talvez o preço da paz autêntica em Deus (cf. *Ef* 2,14). Todas as sociedades precisam de um serviço fraterno animado pelo amor, pois haverá sempre sofrimento, que exige consolação, solidariedade e ajuda. Haverá sempre solidão, exclusão, pessoas que enfrentam as dificuldades da vida, os pobres, os pequenos, as pessoas que se sentem excluídas. Haverá sempre situações de necessidade material, para as quais a ajuda é indispensável. O que é necessário, portanto, é um amor concreto pelo próximo, que espera ajuda, presença e atenção da nossa parte (*Deus Caritas Est*, n.º 28). É o amor que acalma os corações, as pessoas abandonadas e isoladas. É o amor que gera paz, estabelece-a e restaura-a no coração humano.

Nas suas parábolas, Jesus fala do pastor que vai em busca da ovelha perdida. Trata-se do pai que espera o filho pródigo e o abraça. Estas não são apenas palavras de Jesus, mas uma explicação do Seu próprio ser e agir. Na Sua morte na cruz, o dom supremo é realizado: Jesus, o Filho, entrega-Se para ressuscitar o homem e salvá-lo. Isto é amor na sua forma mais radical. Somos convidados a contemplar o lado aberto de Cristo, de que fala *João* (cf. 19,37), e a compreender que “Deus é amor” (*1 Jo* 4,8; cf. *Deus Caritas Est*, n.º 12). Ninguém jamais viu Deus como Ele é em Si mesmo. No entanto, Deus não é totalmente invisível, inacessível para nós. Ele amou-nos primeiro (cf. *1 Jo* 4,10) e este amor de Deus manifestou-se entre nós; Ele fez-se visível, pois “enviou o Seu Filho único ao mundo para que pudéssemos viver através dele” (*1 Jo* 4,9). Em Jesus podemos ver o Pai (cf. *Jo* 14,9). Na realidade, Deus faz-se visível de muitas maneiras.

Na história de amor que a Bíblia nos conta, Deus vem ao nosso encontro, procura convencer-nos de que nos ama. Tudo o que Jesus viveu é uma expressão do amor de Deus por nós. Tomemos nota, em particular, da Última Ceia, da Cruz e das aparições após a Ressurreição, sem esquecer todas as grandes obras pelas quais, através da ação dos Apóstolos, Deus guiou o caminho da Igreja nascente. Note-se também que, na história da Igreja, o Senhor nunca esteve ausente: Ele vem sempre ao nosso encontro, através dos homens e da sua Palavra, nos Sacramentos, especialmente da Eucaristia. Na liturgia da Igreja, na sua oração, na comunidade viva dos crentes, experimentamos o amor e a presença de Deus. Desta forma aprendemos também a reconhecer a presença do amor na nossa vida quotidiana. Ele amou-nos primeiro e continua a amar-nos. Somos, portanto, convidados a responder ao Amor com o nosso amor e fidelidade. Deus ama-nos primeiro; Ele deixa-nos ver o Seu amor e podemos experimentá-lo. Em resposta, o amor pode também surgir em nós (cf. *Deus Caritas Est*, n.º 17).

Como podem as pessoas dar graças ao Senhor se ninguém as despertou para o amor, se ninguém lhes anunciou o amor? Como podem as pessoas dar graças se ninguém as ajudou a maravilhar-se com as obras do Senhor, com a beleza das Suas ações? Como pode cada um de nós abrir o coração aos pobres e infelizes do nosso mundo, se ninguém nos ajuda a compreender que o Senhor é ternura e misericórdia? Deus-Pai ressuscitou Jesus Cristo de entre os mortos. De agora em diante, graça e paz são-nos oferecidas por este Deus-Pai e pelo Senhor Jesus Cristo, que se deu a Si mesmo, por amor, para nos libertar dos nossos pecados, para nos livrar deste mundo maligno. O Pai e o Filho enviaram-nos o Espírito Santo, o laço de amor entre o Pai e o Filho. Que

alegria é dar graças, mas também perceber as exigências deste Amor que nos impele a amar os nossos contemporâneos e a ter iniciativas missionárias.

Terça-feira, 4 de Outubro de 2022

S. Francisco de Assis (MO)

Gal 1,13-24; Sl 138; Lc 10,38-42

Meditação

Hoje não podemos meditar nos textos bíblicos sem ter em mente a figura de Francisco de Assis, o irmão universal, com a sua arte de viver, a sua maneira de ser cristão em comunhão com a natureza. Canonizado em 1228, aparece hoje como um santo amante da natureza. Em 1979, o Papa São João Paulo II fez dele o santo padroeiro da ecologia. Mas ele é também o padroeiro da não-violência e a sua oração é bem conhecida: “Senhor, fazei de mim um instrumento da vossa paz...”

Somos convidados a tomar consciência da vontade do Criador de ver o ser humano cuidar da terra e de todos os seus seres, e viver em comunhão com a natureza. Não é uma questão de estar em oposição à terra ou numa posição de exploração ou destruição. São Francisco de Assis é apresentado por João Paulo II como o santo padroeiro dos ecologistas, numa altura em que eles eram ainda desprezados. A salvaguarda da criação é importante e, desde a *Laudato Si'*, a reflexão sobre a ecologia tornou-se essencial.

Vale a pena notar que, após uma juventude despreocupada, São Francisco de Assis escolheu viver de acordo com o Evangelho, servindo Cristo, descoberto principalmente nos pobres e abandonados. Tornou-se pobre e reuniu à sua volta companheiros, os Frades Menores, para pregar o amor de Deus a todos. Ele queria seguir Cristo o melhor que podia através de palavras e actos que eram apreciados pelos seus contemporâneos. Com São Francisco, ousemos dizer: “Louvado sejas, meu Senhor, com todas as tuas criaturas, especialmente o senhor irmão sol, que clareia o dia e que com a sua luz nos ilumina. Ele é belo e radiante, com grande esplendor; de ti, Altíssimo é a imagem.”

Por vezes, esquecemo-nos de contemplar o Senhor, de contemplar a Sua obra, as Suas criaturas, o universo, a lua, o sol, a beleza do nosso ambiente. Por vezes esquecemo-nos de contemplar o Senhor, de O ouvir e de encher os nossos corações com a Sua palavra de vida. Por vezes tentamos impedir que aqueles e aquelas que dedicam um pouco de tempo ao Senhor, o escutem, e contemplem.

Deus está disposto a revelar o Seu Filho a cada um de nós, como o fez com São Paulo, para que o possamos anunciar a todos, aos pequenos e aos poderosos, aos que já O conhecem e aos que O conhecem menos. Como baptizados, somos enviados a todos, a todas as nações. Ele, o Senhor, conhece-nos, a todos e a cada um de nós. Ele sabe quando nos sentamos ou nos levantamos, como diz o Salmo 138. De longe, Ele penetra todos os nossos pensamentos. Ele está connosco, mesmo quando duvidamos da sua presença invisível; Ele coloca constantemente a Sua mão sobre cada um de nós; vela por nós e abre caminhos de esperança e salvação.

Mas arranjemos tempo para O conhecer, para estar com Ele, para meditar na Sua palavra. A tentação é grande de dizer, como Marta: “Senhor, não Te importas que minha irmã me deixe sozinha a servir? Diz-lhe que venha ajudar-me.” Temos sorte se conseguirmos ouvir a resposta do Senhor: “Marta, Marta, andas inquieta e preocupada com muitas coisas, quando uma só é necessária. Maria escolheu a melhor parte, que não lhe será tirada.” Certamente, precisamos de articular bem as tarefas a realizar e o tempo para ouvir a Palavra, o tempo para a meditação e a contemplação. Precisamos de ouvir o Senhor, de mergulhar na Sua palavra, para viver, agir bem,

converter-se e transformar as nossas comunidades de vida, as nossas sociedades e o nosso mundo.

Com o Papa Francisco, rezemos:

“Ó Deus dos pobres,
ajudai-nos a resgatar
os abandonados e esquecidos desta terra
que valem tanto aos vossos olhos.
Curai a nossa vida,
para que protejamos o mundo
e não o depredemos,
para que semeemos beleza
e não poluição nem destruição.
Tocai os corações
daqueles que buscam apenas benefícios
à custa dos pobres e da terra.
Ensinai-nos a descobrir o valor de cada coisa,
a contemplar com encanto,
a reconhecer que estamos profundamente unidos
com todas as criaturas
no nosso caminho para a vossa luz infinita. (...)
Senhor, tomai-nos
sob o vosso poder e a vossa luz,
para proteger cada vida,
para preparar um futuro melhor,
para que venha o vosso Reino
de justiça, paz, amor e beleza.
Louvado sejais!
Amen!” (*Laudato Si'*, n.º 246).

Quarta-feira, 5 de Outubro de 2022

Gal 2,1-2, 7-14; Sal 116; Lc 11,1-4

Meditação

Hoje somos convidados a meditar sobre uma oração que conhecemos bem. “Quando orardes, dizei: Pai, santificado seja o Vosso nome; venha o Vosso reino; dai-nos em cada dia o pão da nossa subsistência; perdoai-nos os nossos pecados, porque também nós perdoamos a todo aquele que nos ofende; e não nos deixeis cair em tentação.”

A oração do *Pai-Nosso* é verdadeiramente a oração dos filhos de Deus, uma oração que nos transforma no “nosso Pai”, mas também nos nossos irmãos e irmãs. Como irmãos e irmãs, somos convidados a dirigir-nos a Deus, o mesmo e único Deus. De facto, depois de dizer: “Venha o Vosso reino, seja santificado o Vosso nome,” pedimos perdão dos nossos pecados, pois nós próprios estamos comprometidos com os nossos irmãos e irmãs que são injustiçados por nós. Estamos prontos a perdoar e ousamos pedir ao Senhor que nos perdoe. O perdão do Senhor é exigente e nós somos convidados a aplicar a medida do perdão que pedimos a Deus, nosso Pai, e que oferecemos aos nossos irmãos e irmãs.

Ouçamos Jesus: “Ouvistes que foi dito aos antigos: Não matarás; mas qualquer que matar será réu de juízo. Eu, porém, vos digo que qualquer que, sem motivo, se encolerizar contra seu irmão, será réu de juízo; e qualquer que disser a seu irmão: raca, será réu do sinédrio; e qualquer que lhe disser: louco, será réu do fogo do inferno. Portanto, se trouxeres a tua oferta ao altar, e aí te lembrares de que teu irmão tem alguma coisa contra ti, deixa ali diante do altar a tua oferta, e vai reconciliar-te primeiro com teu irmão e, depois, vem e apresenta a tua oferta” (*Mt 5,21-24*).

Note-se a exigência: se alguém se zanga com o seu irmão; se alguém insulta o seu irmão; se alguém o chama de louco... se se lembrar que o seu irmão tem algo contra si. Não és tu que te lembras de ter algo contra o teu irmão, mas lembras-te que o teu irmão tem algo contra ti. Não podemos ir ‘tranquilamente’ apresentar a nossa oferta a Deus e rezar, sem nos preocuparmos com a nossa relação com os nossos irmãos e irmãs. O nosso Pai pede-nos que nos reconciliemos primeiro com os nossos irmãos e irmãs antes de irmos apresentar-Lhe as nossas ofertas. Que exigência!

Cada um de nós volta-se para Deus, obviamente, mas somos convidados a voltarmos-nos para Ele juntos, pois Ele é “Pai Nosso” e nós somos ‘seus filhos’; somos irmãos e irmãs do mesmo Pai. A relação amorosa de Deus conosco, com cada um de nós, deve ser vivida entre nós. “A história da salvação exalta Deus na Sua caridade gratuita, generosa e inesgotável [*agapé*] (Rom 8,31-38); mas também exalta o ser humano, tornado capaz pelo Senhor de manifestar verdadeiramente a sua natureza de ‘filho’, não só como receptor mas também como transmissor de amor, o princípio, portanto, da esperança, até que não haja nada mais que amor, porque todas as coisas estarão sujeitas a Deus, que será ‘tudo em todos’ (1 Cor 15,28)” (Pontifícia Comissão Bíblica, *Qu’est-ce que l’Homme? Un itinéraire d’anthropologie biblique*, Paris, Cerf, 2020, p. 423).

Esta é uma boa oportunidade para ligar este texto ao que o Apóstolo Paulo nos diz sobre o Apóstolo Pedro e a sua atitude para com os fiéis de origem pagã: ele tomou as suas refeições com os fiéis de origem gentia, mas muda de atitude assim que os cristãos de origem judaica chegam, daí a censura do apóstolo Paulo que percebeu que não estava a comportar-se de acordo com a verdade do Evangelho: “Se tu, que és judeu, vives à maneira dos gentios e não dos judeus, como podes obrigar os gentios a proceder como os judeus?” Como podemos viver como irmãos e irmãs de Jesus? Somos convidados a viver segundo o Evangelho e não segundo os valores culturais que os missionários possam ter levado e imposto. Certamente, o Evangelho entra nas culturas dos discípulos de Cristo, mas devemos saber criticar os nossos modos de vida, as nossas relações sociais e fraternas, à luz do Evangelho. Tanto a missão *ad gentes* como a missão *inter-gentes* desafiam-nos a aceitar a inculturação e os encontros interculturais. Somos convidados a levar a sério a luz do Evangelho e a enraizar as nossas acções e decisões na misericórdia e ternura de Deus. A justiça e a paz de Deus, amor e perdão, revelados em Jesus Cristo, desafiam-nos a todos e podem levar-nos à conversão. O Evangelho que oferecemos aos outros também nos é dirigido.

Em conjunto, e cada um à sua maneira, somos convidados a converter-nos para nos tornarmos verdadeiros e cada vez melhores irmãos e irmãs em Cristo. Somos convidados a construir uma Igreja-Fraternidade. Não se trata de permanecer nas dimensões económica e financeira dos problemas e da ajuda, mas de mostrar as tarefas a assumir para que o tecido social permaneça vivo. Do ponto de vista humano e fraternal, somos convidados a ter em consideração o sofrimento daqueles que se sentem abandonados e excluídos, sejam eles idosos, jovens ou mulheres. Como podemos integrar na vida social aqueles que parecem inúteis, afastados do trabalho e de outras actividades sociais?

Juntos somos convidados a louvar o Senhor e a oferecê-lo a todos os povos. Estamos todos convidados a celebrá-l’O, nas nossas línguas, culturas e tradições, em todos os países. Somos convidados a dar graças pelo Seu amor e perdão que são mais fortes do que toda a nossa violência e todas as nossas organizações que constroem muros entre seres humanos. Bendito seja o Senhor, cuja fidelidade é eterna! Âmen.

Quinta-feira, 6 de Outubro de 2022

S. Bruno, sacerdote (MF)

Gal 3,1-5; Lc 1,69-70.71-72.73-75; Lc 11,5-13

Meditação

As perguntas feitas aos Gálatas são duras: “Ó Gálatas insensatos, quem vos fascinou?” “Aquele que vos dá o Espírito e realiza milagres entre vós, procede assim por cumprirdes as obras da Lei de Moisés, ou porque ouvistes a mensagem da fé?” Estas questões parecem subentender uma reprovação. A questão da fé é colocada como a questão da Lei e a questão de receber os dons de Deus, especialmente o dom do Espírito. Deus dá-nos os Seus dons porque praticamos a Lei ou porque Ele é bom? Será que Deus se deixa ficar preso numa lógica de ‘dar e receber’?

Talvez a generosidade de Deus para connosco não esteja condicionada pelo nosso comportamento para com Ele e para com os outros. Talvez Deus não seja bom para connosco porque não tem nada que nos censurar, porque estamos sem pecado. Deus dá-nos os Seus dons porque nos tornámos justos perante Ele pela prática da lei, ou pela fé? Não é o dom de Deus gratuito? Qualquer que seja a nossa resposta, tentemos ir mais além na nossa meditação. Receberá Deus algo das pessoas em troca por conceder-lhes os Seus dons? Talvez Deus não funcione com a lógica humana. Para os homens, é tão essencial receber como dar. Talvez devêssemos precisar dizendo que é essencial receber da pessoa a quem damos. Se aceitarmos esta forma de encarar as relações, na reciprocidade, já não podemos falar apenas de dar, mas também de troca. Será que isto significa que devemos olhar para a prática de dar de forma diferente?

O dom pode-se transformar em domínio do outro quando não se espera nada dele. Dar sem uma perspectiva de enriquecimento mútuo não será uma prática que consagra a desigualdade e pode significar ganhar poder sobre os outros? A troca, em que cada pessoa dá e recebe, tem a imensa vantagem de afirmar uma igualdade fundamental entre dois parceiros, mesmo que se entenda que cada um não dá a mesma coisa. Além disso, o “valor de mercado” da coisa dada não é equivalente. No entanto, os parceiros estão ao mesmo nível, sendo cada um deles simultaneamente doador e receptor, como Alain Durand (*La foi chrétienne aux prises avec la mondialisation*, Paris, Cerf, 2003, p. 81) bem explica quando fala de uma ética da reciprocidade.

Estamos dispostos a interrogar-nos sobre esta questão do intercâmbio e da reciprocidade, não só a nível económico, mas também a nível cultural e religioso? Poderíamos considerar aqui a abertura recíproca e fundamentada dos mercados, mas articulemos o bem trocado com os seus aspectos económicos e culturais. Temos muito a receber de um ponto de vista cultural de outros povos e de outros países; mas será que o aceitamos realmente? As contribuições culturais e espirituais de outros povos e comunidades podem levantar questões importantes sobre a nossa relação com a natureza, com os nossos antepassados, com os nossos mortos, com a comunidade, com os santos, e com a forma como praticamos a justiça. Será que a justiça tem por fim essencial a reabilitação ou punição daqueles que se desviaram da norma comunitária? O que é que aceitamos receber, de um ponto de vista cultural, das populações que ajudamos de bom grado em vários países?

A troca é talvez superior ao dar, porque o que é dado de ambos os lados é dado no contexto do reconhecimento recíproco. As relações humanas tornam-se o quadro para o acto de dar e da coisa dada. Neste contexto, permito que o outro seja uma pessoa perante mim como eu o sou diante dele? Tanto ele como eu tornamo-nos fontes de iniciativa relacional e de auto-realização. O intercâmbio recíproco torna-se uma fonte de vida, que começa pelo reconhecimento das pessoas. Já não é simplesmente uma questão de comportamento moral que consiste em fazer o bem ao outro, mas a relação pertence à ordem irreduzível da presença perante o outro e da presença do outro. Ambos os parceiros são convidados a ir para além do campo das suas necessidades e carências, a fim de acederem juntos à nova ordem da relação e mesmo às profundas transformações. A relação de ajuda, bem como as intervenções humanitárias, são importantes, mas correm o risco de se limitarem ao socorro prestado. Para pertencerem à ordem do encontro propriamente humano, devem também criar laços sociais.

Podemos nós, à luz desta reflexão muito rápida sobre o dom, o intercâmbio, a reciprocidade e os diferentes tipos de ajuda, interrogar-nos sobre a nossa relação com Deus? O nosso Deus enviou-

nos o Emmanuel, o Sol que se levanta e ilumina “o povo que andava nas trevas”. “O povo que andava nas trevas, viu uma grande luz” (*Is* 9,2). O Espírito de Deus repousa sobre esta descendência da linhagem de Jessé, ou seja, a dinastia davídica (*Is* 11,1-2). Em Cristo, temos a “luz verdadeira que ilumina todo o homem que vem ao mundo” (*Jo* 1,9) e promove a vida. “Nele estava a vida e a vida era a luz dos homens” (*Jo* 1,4). Cristo, esperado como o Sol de justiça, brilhará, carregando a saúde nos seus raios (*Ml* 3,20). Este Sol conduzirá os nossos passos pelo caminho da paz (*Lc* 1,79) e poderemos mover-nos com esta luz como nosso ponto de referência.

Será Deus simplesmente o Pai a quem gritamos apenas quando precisamos, inclusive de bens espirituais? “Misericórdia: é a palavra que revela o mistério da Santíssima Trindade. Misericórdia: é o acto último e supremo pelo qual Deus vem ao nosso encontro. ... Misericórdia: é o caminho que une Deus e o homem, porque nos abre o coração à esperança de sermos amados para sempre, apesar da limitação do nosso pecado” (Papa Francisco, *Misericordiae vultus* (O rosto da misericórdia) – Bula de proclamação do jubileu extraordinário da misericórdia, Roma, 11 de Abril de 2015, n.º 2). Sabemos dar graças e manter relações amigáveis e filiais com Deus? Sabemos como dar graças através de Jesus Cristo e por Ele? Sabemos como pedir ao Senhor que nos dê o seu Espírito Santo? Sabemos como bendizer Deus que, em Jesus Cristo e no Espírito Santo, visita o Seu povo? Deus está presente nas nossas vidas, no nosso mundo, e nem sempre O percebemos. Esquecemo-nos de dar graças. Ousemos, como Maria, dizer: “A minha alma glorifica ao Senhor e o meu espírito se alegra em Deus, meu Salvador. O Todo-Poderoso fez em mim maravilhas: Santo é o seu nome.”

Sexta-feira, 7 de Outubro de 2022

Virgem Santa Maria do Rosário (MO)
Gal 3,6-14; *Sal* 110; *Lc* 11,15-26

Meditação

As testemunhas da vida de São Domingos de Gusmão relataram sua devoção à Mãe de Deus. Quando uma cruzada mariana deveria ser organizada contra os turcos, Pio V mobilizou espiritualmente para esse fim todas as confrarias do Rosário. A brilhante vitória em Lepanto (7 de Outubro de 1570) foi saudada como a resposta de Maria aos seus devotos e o Papa autorizou os Frades Pregadores a comemorarem todos os anos o aniversário do Rosário. No século XIX, o Papa Leão XIII e os dominicanos trabalharam arduamente para a restauração do Rosário. O Rosário parece ser um meio privilegiado, adaptado aos crentes de todas as culturas, para rezar com Maria os grandes mistérios da salvação, uma espécie de resumo do Evangelho. Que oportunidade de encontrar Jesus através de Sua mãe, a Virgem Maria!

De entre todas as mulheres, Maria foi escolhida para ser a mãe do Salvador. O único Salvador é Jesus, o filho de Maria. Cristo redimiu-nos da maldição da Lei, tornando-se para nós objecto de uma maldição, pois está escrito: “Maldito aquele que é suspenso do madeiro.” É assim que o apóstolo Paulo o explica aos Gálatas. Através de Jesus Cristo, o crucificado e ressuscitado, a salvação é-nos oferecida e nós participamos na vida divina. Através da Sua morte e ressurreição, Cristo tornou-se para nós “o princípio da salvação eterna” (*Heb* 5,9), o salvador do Corpo que é a Igreja (*Ef* 5,23). O Evangelho, que relata todos os factos sobre Jesus e a nossa salvação, é “o poder de Deus para a salvação de todo o crente”, como explica o apóstolo Paulo aos Romanos (*Rom* 1,16). Na pregação do Evangelho, um apóstolo não tem outro objectivo senão a salvação dos homens e mulheres (*1 Cor* 9,22; 10,33; *1 Tim* 1,15). Assim, a bênção de Abraão se estende às nações pagãs em Cristo.

Recebemos de Jesus, pela fé, o Espírito que nos foi prometido. Pelo dedo de Deus, Jesus expulsa demónios e traz o reino de Deus a cada um de nós. O profeta Isaías tinha dito: “O Espírito do Senhor está sobre mim, porque me ungiu para anunciar a boa nova aos pobres, enviou-me a proclamar aos prisioneiros a libertação e aos cegos a recuperação da vista, a mandar em liberdade

os oprimidos, a proclamar um ano favorável do Senhor” (Lc 4,17-19). Jesus aplica a Si estas palavras quando diz: “Hoje, aos vossos ouvidos cumpriu-se esta escritura” (Lc 4,21). Estas palavras do profeta Isaías, retomadas por Jesus, podem ser vistas como o programa missionário de Jesus. Em Jesus Cristo, Deus liberta-nos de todo o tipo de servidão e alienação; Ele é a nossa luz e o nosso médico. Não permitamos que outros espíritos, mais alienantes do que aqueles dos quais Jesus nos libertou, se apoderem de nós. A partir de agora, vivamos numa confiança audaz, mesmo num orgulho que revele a liberdade do missionário. É livre de dizer tudo: para denunciar o mal e abrir caminhos de diálogo, conversão e esperança. Esta é uma atitude característica do cristão e ainda mais do apóstolo e do discípulo missionário. O cristão comporta-se como um filho perante Deus, pois é um espírito de filho adoptado e não um espírito de escravo que recebemos no dia do nosso baptismo (Rom 8,14-17). No baptismo, também recebemos o Espírito Santo que nos dá plena confiança para proclamar a Boa Nova.

Fomos chamados à liberdade, mas a liberdade não é uma licença para a libertinagem. Que esta liberdade não se torne “um pretexto para aquilo que é da carne”, aconselha o apóstolo Paulo aos Gálatas (Gal 5,13). Tal como os apóstolos, somos convidados a denunciar certas falsificações da liberdade cristã, como aconselha São Pedro (1 Pd 2,16; 2 Pd 2,10). Certamente, “tudo é permitido”, como pensavam em Corinto, mas devemos ouvir o esclarecimento de Paulo: o cristão não pode esquecer que ele pertence ao Senhor e que é destinado à ressurreição (1 Cor 6,12ss). A libertação do cristão resulta de um acontecimento histórico – a morte vitoriosa de Jesus –, e de um contacto pessoal – a adesão a Cristo no baptismo. O crente é livre no sentido de que, em Cristo, recebeu o poder de viver a partir de agora na intimidade do Pai, livre dos laços do Pecado, da Morte e da Lei. O pecado é o verdadeiro déspota de cujo jugo Jesus Cristo nos resgata. O pecado exerce uma verdadeira tirania sobre o mundo (Rom 1-3). Mas Cristo libertou-nos.

Felizmente, temos a superabundância da graça! O Senhor é terno e misericordioso; vela por cada uma das suas criaturas e recorda a Sua Aliança, a ligação que tem com a sua criação, obra das Suas mãos. Todas as Suas leis são uma expressão do amor, segurança e salvação que Ele planeou para todos. Ao associarmo-nos ao mistério da morte e ressurreição de Cristo, escapamos à escravidão, como São Paulo explica aos Romanos (Rom 6,6). “Deus tirou-nos do domínio das trevas e transferiu-nos para o reino do seu amado Filho, em quem temos a redenção, o perdão dos pecados” (Col 1,13-14). A morte perdeu o seu veneno (1 Cor 15,56). Os últimos tempos começaram e “passamos da morte à vida” (1 Jo 3,14; Jo 5,24), na medida em que vivemos na fé e no amor. Ao mesmo tempo, já não estamos sob a Lei, mas sob a graça (Rom 6,15).

A docilidade ao Espírito derramado nos nossos corações é agora a norma de conduta cristã, mesmo que possamos falar como São Paulo da “lei de Cristo” (Gal 6,2; 1 Cor 9,21). Esta lei resume-se no amor (Rom 13,8ss). Sob a moção do Espírito, cumprimos esta lei espontaneamente, “pois onde está o Espírito do Senhor, há liberdade” (2 Cor 3,17), há amor. Este foi derramado nos nossos corações, porque o Espírito nos foi dado (Rom 5,5), daí o nosso compromisso para com uma vida de fidelidade e esperança. Que alegria para o cristão viver ligado a Cristo e comprometido com a missão de evangelização! Pode saborear a sua liberdade, a sua confiança ousada e até o orgulho de ser um discípulo missionário.

Sábado, 8 de Outubro de 2022

Gal 3,22-29; Sal 104; Lc 11,27-28

Meditação

“Feliz Aquela que Te trouxe no seu ventre e Te amamentou ao seu peito!” Longe de ser uma crítica a Maria, a resposta de Jesus parece mais um elogio a sua mãe: “Mais felizes são os que ouvem a palavra de Deus e a põem em prática!” Que mãe não ficaria feliz em ouvir isto sobre o Seu filho. Mais do que isso, ela ficaria feliz em saber que ouviu a palavra de Deus e a mantém cuidadosamente no seu coração, pondo-a em prática. Sim, Maria pode estar orgulhosa do seu filho Jesus, feliz por ter sido escolhida pelo Senhor para dar à luz o Salvador do mundo. Que sorte em

ser a Mãe de Deus! A segunda frase não é uma crítica a Maria; pelo contrário, sublinha a importância da relação que cada um de nós deve ter com a Palavra de Deus: “Felizes os que ouvem a Palavra de Deus e a põem em prática!”

Recordemos o anúncio do nascimento de Jesus, o diálogo que Maria teve com o anjo Gabriel. Um diálogo bastante breve, mas que termina com uma palavra inesquecível: “Maria disse então: ‘Eu sou a serva do Senhor. Cumpra-se em mim a Tua palavra.’ E o anjo retirou-se.” O que diz Maria? É uma aceitação, quase um voto ou desejo profundo que poderia ser traduzido desta forma: “Que se faça em mim, segundo a Tua palavra!” Ao apresentar-se como serva, Maria expressa não só uma atitude de humildade, mas também a sua fé e mesmo o seu amor, porque ser serva de Deus é um título de glória na Bíblia. Maria é a serva do Senhor, como Abraão, Moisés e os profetas. O Espírito de Deus, que presidiu à criação do mundo (*Gen 1,2*), inaugurará a criação do novo mundo na concepção de Jesus. Além disso, quem mais do que Maria ouviu a Palavra do Senhor, a guardou e a pôs em prática? Quem mais do que Maria acolheu no seu coração o Espírito criador, que transforma e prepara todo o ser para acolher a Palavra? Acolher a Palavra é viver de acordo com ela, deixando-se guiar por ela. A Palavra é Cristo.

No princípio era o Verbo, e o Verbo estava junto de Deus, e o Verbo era Deus... E o Verbo fez-se carne e habitou entre nós, e vimos a Sua glória, glória que como unigénito do Pai, cheio de graça e de verdade Ele tem (*Jo 1,1-14*). O mundo não o reconheceu, não o acolheu, mas Maria disse: “Sim, faça-se em mim segundo a Tua palavra!” Maria está atenta à Palavra de Deus, que ela saúda, mesmo que isso perturbe os seus planos e talvez cause ansiedade a José (*Mt 1,19ss*). Maria entra nos planos de Deus, como podemos compreender pela *Visitação*, o *Magnificat* e a *Apresentação* de Jesus no Templo. Não é já Jesus que age através de Sua mãe? Maria permaneceu fiel, em silêncio, quando o seu Filho entrou na vida pública; ela permaneceu fiel até à Cruz. Com Maria, o Reino já está presente. No *Magnificat*, Maria mostra-se inteiramente ao serviço do povo de Deus. Nela e através dela, a salvação é anunciada, a promessa cumprida. O próprio Deus vem salvar o Seu povo; Ele está lá, presente: Emmanuel! Em Maria, e na sua própria pobreza, o mistério das Bem-aventuranças é cumprido. A fé de Maria é a do povo de Deus: uma fé humilde que se aprofunda constantemente através de provações e acontecimentos diversos, mas também através da meditação da salvação, através do serviço generoso que gradualmente ilumina o olhar crente dos fiéis (*Jo 3,21; 8,31ss*). É por causa desta fé, atenta a guardar a Palavra de Deus, que o próprio Jesus proclama bem-aventurada a mulher que o trouxe no seu ventre (*Lc 11,27ss*).

É pelo povo de Deus que Maria concorda em dar à luz o Filho de Deus. Ela representa este povo e compromete-se a aceitar a salvação que Deus oferece. Não é ela a Filha de Sião (*Sof 3,14; Lc 1,28*), a nova Jerusalém com o seu papel materno? Não é ela a Mulher arrebatada por Deus aos ataques da Serpente (*Ap 12,13-16*), a contraparte de Eva enganada pela mesma Serpente (*2 Cor 11,3; Gen 3,13*)? Jesus é o novo Adão e Maria a nova Eva. Foi através dela que o Filho de Deus, o único Mediador, se tornou o irmão de todos os homens e estabeleceu a sua ligação orgânica com eles. É difícil para homens e mulheres alcançá-lo sem passar pela Igreja, que é o seu Corpo (*Col 1,18*). A atitude dos cristãos para com Maria deriva deste facto fundamental. Com Maria, somos convidados a dar graças, a comprometer-nos com o nosso Deus, a fim de repetir as Suas maravilhas sem fim. Somos convidados a glorificar o seu nome santíssimo. Que alegria ter Maria, para os corações que procuram a Deus! Procuremos o Senhor e o Seu poder; procuremos o Seu rosto sem cessar. O seu amor e ternura tranquilizam-nos e encorajam-nos no caminho da missão. Recordando as maravilhas que ele fez, em Maria, no dom do Filho, a nossa missão é antes de mais nada uma acção de graças pela salvação oferecida gratuitamente, pela nova criação, o dom da Palavra e do Espírito que nos transforma na imagem do Filho. Que a nossa missão, que é acção de graças, seja também uma forma de proclamar as maravilhas de Deus, de expressar a alegria de saber que a salvação de toda a humanidade é oferecida em Jesus Cristo, o filho de Maria, o Filho de Deus.

Domingo, 9 de Outubro de 2022

28º Domingo do Tempo Comum

S. Denis e C. S. Denis, bispo, e os seus companheiros, mártires (MF)

S. John Leonardi, Sacerdote (MF)

2 Reis 5,14-17; Sal 97; 2 Tim 2,8-13; Lc 17,11-19

Meditação

“Não foram dez os que ficaram curados? Onde estão os outros nove? Não se encontrou quem voltasse para dar glória a Deus senão este estrangeiro?” Estas palavras de Jesus podem parecer provocadoras. O estrangeiro é apresentado como exemplo. De facto, ele volta atrás para agradecer a Jesus e dar glória a Deus. Jesus vai mais longe e diz-lhe: “Levanta-te e segue o teu caminho; a tua fé te salvou.” O estrangeiro acreditou que estava realmente curado e que era a obra de Jesus, mas também a obra de Deus. Ele não duvida que Jesus tem uma relação especial com Deus, uma vez que pode curar. E os outros que não são estrangeiros, porque não voltaram para trás? Acham eles que têm direito a esta cura porque são judeus? Deus, o seu salvador, deve-lhes isso, não é verdade? Será porque duvidam que a sua cura não esteja completa? Será porque querem continuar o seu caminho para se mostrarem aos sacerdotes, como Jesus lhes pediu que fizessem? Depois de terem encontrado Jesus, ainda precisam de ir ter com os sacerdotes da Aliança? Todas estas questões fazem-nos reflectir, para nos interrogarmos de uma forma fundamental sobre a relação que devemos ter com o Senhor Jesus. Se considerarmos os dons, bênçãos e graças que Deus nos dá como algo que nos é devido, teremos dificuldade em agradecer-Lhe. Teremos dificuldade em reconhecer o Seu amor gratuito, a salvação oferecida sem qualquer mérito da nossa parte. Não sentiremos a necessidade de dar-Lhe graças.

Somos convidados a dar graças sem cessar. Não será este o significado principal da Eucaristia? Somos convidados a cantar com o salmista este hino ao Senhor, rei do universo e da história. É um “cântico novo” que significa, em linguagem bíblica, um cântico perfeito, pleno e solene que deve ser acompanhado por instrumentos musicais festivos: a harpa, a trombeta e a corneta, mas talvez também por um bater de palmas e até mesmo por um aplauso cósmico. O mar, as montanhas, a terra e o mundo inteiro, especialmente os habitantes da terra, são convidados a cantar as maravilhas de Deus, a dançar de alegria perante o Senhor. A nossa gratidão deve impelir-nos a agradecer de todo o coração, com todo o nosso ser, cantando, batendo palmas, tocando instrumentos musicais como se tivéssemos associado toda a criação à nossa acção de graças.

O “nosso Deus” está no centro da cena de aclamação e canto festivo. Ele, o Criador, opera a salvação na história e espera-se que “julgue”, ou seja, que governe o mundo e os seus povos, para lhes trazer paz e justiça como um bom governante. A história de Israel é evocada, com as imagens da “Sua mão” e do “Seu santo braço”, que se referem ao Êxodo, à libertação da escravatura no Egipto, mas também ao deserto onde Deus não deixou o Seu povo morrer de fome. Deus também deu ao Seu povo a Sua Lei, regras para se reger. A aliança com o povo escolhido é recordada, com as duas grandes perfeições divinas: o amor e a fidelidade. Estes sinais de salvação são destinados a todos, a todas as nações e a toda a terra. Assim, toda a humanidade e mesmo toda a criação será atraída para o Deus salvador, o Deus de Amor anunciado no Primeiro Testamento. Todos os seres humanos são convidados a abrir-se à palavra do Senhor e à Sua obra salvadora. Todos são convidados a acolher a Palavra e, além dela, o próprio Senhor.

A grande dança de acção de graças torna-se uma expressão de esperança e mesmo uma invocação: “Venha a nós o vosso reino!” Que alegria participar no estabelecimento do reino de Deus aqui na terra: um reino de paz, justiça e serenidade que impregna toda a criação! Este salmo revela, sem dúvida, uma profecia da obra de Deus no mistério de Cristo. No Evangelho, a justiça de Deus é revelada (*Rom 1,17*), manifestada (*Rom 3,21*), como diz o apóstolo Paulo aos Romanos. Deus salva o Seu povo, e todas as nações da terra ficam admiradas. Na perspectiva cristã, Deus opera a salvação em Cristo e todos os povos são convidados a desfrutar desta salvação. Já não está reservada para o povo da Aliança; a nova Aliança oferece a salvação a todos. O Evangelho é o poder de Deus para a salvação de cada ser humano que se tornou crente, seja judeu ou gentio

(Rom 1,16). Não só todas as nações viram a salvação do “nosso Deus” (Sal 97,3), como a receberam ou, de várias maneiras, a salvação é oferecida a todos.

O “cântico novo” do salmo pode ser visto como um convite para celebrar em antecipação a novidade cristã do Redentor crucificado. Que alegria é para cristãos aclamarmos o Ressuscitado, no Domingo de Páscoa, mas também sempre que o Mistério da nossa salvação é celebrado na Eucaristia, especialmente aos domingos. Cristo sofreu a Paixão como homem, mas salvou-nos como Deus. Realizou milagres entre os judeus, limpou leprosos, alimentou inúmeras pessoas e, como outros profetas, ressuscitou mortos. Mas porque é que Ele merece um cântico novo? Porque Deus morreu para que as pessoas pudessem ter vida. Porque o Filho de Deus foi crucificado para nos fazer filhos adotivos e para nos trazer para o Reino, no Céu, junto do Pai.

Se tivermos morrido com Cristo, com Ele viveremos. Se suportarmos a prova, com Ele reinaremos. Se o rejeitarmos, Ele também nos rejeitará, mas a Sua ternura e perdão permanecem disponíveis. Se nos faltar a fé, Ele permanece fiel à Sua palavra, pois não pode negar-se a Si mesmo. Ele é a expressão do amor mais forte e relevante; não há maior amor do que dar a própria vida por aqueles que amamos. Vós sois Meus amigos, se fizerdes o que Eu vos mando. *Amai-vos uns aos outros como Eu vos amei* (Jo 15,12-15). A salvação oferecida permanece disponível para todos. O Espírito Santo permanece disponível, daí a importância de recordar esta palavra de Paulo: *Lembra-te de Jesus Cristo, ressuscitado dos mortos, o descendente de David!* No dia das provações e perseguições, que a fé no Crucificado Ressuscitado nos dê a alegria de cantar, sem vacilar, um cântico novo em honra do Deus-Amor! Ele convida-nos, em todas as circunstâncias, a propor a salvação em Jesus Cristo a todos os nossos contemporâneos. Somos “discípulos missionários”!

Segunda-feira, 10 de Outubro de 2022

Gl 4,22-24.26-27.31-5,1; Sl 112; Lc 11,29-32

Meditação

“Irmãos, não somos filhos da escrava, mas da mulher livre.” Na verdade, somos livres, mas livres de quê? Do pecado, do medo, de uma origem da qual não nos orgulhamos, de uma geração que teve dificuldade em libertar-se de todo o tipo de escravidões? Ontem como hoje, gerações inteiras procuram sinais de salvação, mas será que sabem reconhecer os sinais do apelo à conversão, os sinais da misericórdia divina e a oferta de salvação?

O Evangelho de hoje convida-nos a aceitar o apelo à conversão e salvação. Somos enviados ao oráculo profético de Jonas, que aparece como uma breve condenação: “Dentro de quarenta dias, Nínive será destruída” (Jn 3,4). Isto não é realmente um apelo claro à conversão. Sabemos que Jonas, um profeta renitente, foi engolido por um grande peixe, mas na sua angústia atreve-se a rezar ao Senhor, que o livrou (Jn 2,1-11). No entanto, tinha-se recusado a obedecer ao Senhor. Recebe uma *nova ordem de missão*. Desta vez Jonas obedece (Jn 3,1-3). Os Ninivitas ouvem o apelo do profeta, convertem-se e fazem penitência (Jn 3,4-10). Face ao sucesso da sua missão, Jonas paradoxalmente deseja a morte (Jn 4,3,8; 1 Reis 19,4). Porquê? Porque Deus renunciou ao castigo que pesava sobre os Ninivitas. Num movimento de incompreensão da misericórdia de Deus e mesmo num movimento de raiva e desespero, Jonas dirige-se ao Senhor que justifica a Sua atitude com uma parábola (Jn 4,1-11). Com esta figura de Jonas, somos confrontados com a nossa relutância em dizer “sim” e com a abertura da salvação aos gentios. Com o “sinal de Jonas”, inicia-se uma leitura cristológica deste conto teológico: Jonas torna-se uma figura de Cristo, com esta pergunta: como pode Deus, perante a conversão do povo, mudar e conceder o perdão apesar do oráculo de destruição?

Deus é tanto Javé, o Deus de Israel, o Deus da Aliança, como o Deus que pode ser invocado por todas as criaturas. O que parece ser um paradoxo insuportável para Jonas e o partido que ele representa é que o Deus de Israel cuida de todos os seres humanos, e todos podem confessá-lo como Senhor. O olhar de misericórdia sobre a casa de Israel para não a exterminar (Ez 20,17)

estende-se agora da mesma forma aos gentios (*Jn 4,11*). Jonas não suporta que o Deus da Aliança, um Deus de misericórdia e ternura, lento a irar-se, rico em graça e que se arrepende do mal (*Jn 4,2; Ex 34,6-7*), permaneça como Ele é em relação aos pagãos. Jonas está escandalizado com a ideia de que Nínive escaparia ao castigo que não poupou Jerusalém. Ele não consegue penetrar no mistério de um Deus cuja bondade é ilimitada. Se os gentios responderem generosamente ao apelo de Deus, devemos olhá-los com os olhos de Deus. De facto, ouvem o apelo de Deus e entram numa dinâmica de conversão. A determinação não é tão grande entre os herdeiros da Aliança!

Aceitemos os textos evangélicos e as suas interpretações do sinal de Jonas (*Mt 12,38-42; Lc 11,16,29-32*). Aqueles que escutam a palavra de Deus e a observam (*Lc 11,28*) parecem opor-se à geração má que pede um sinal (*Lc 11,29*), como se estivesse na incredulidade. Em *Lucas*, o pedido de um sinal serve para introduzir a controvérsia sobre a origem da autoridade de Jesus (*Lc 11,17-23*). Em *Mateus*, Jesus apresentou-se pelas suas palavras e acções como o portador do reino de Deus; é levado a isso pelos fariseus. Os fariseus acabam por acusá-lo de possessão demoníaca (*Mt 12,22-24*), o que provoca um contra-ataque de Jesus (*Mt 12,22-37*). Juntos, fariseus e escribas pedem um sinal a Jesus. Aqueles que duvidam da origem divina de Jesus, pedem-lhe um sinal. Estamos no meio da polémica.

Será o Filho do Homem um sinal de conversão para os nossos contemporâneos? Tanto os homens de Nínive como a rainha do Sul levantar-se-ão no dia do juízo final para condenar a geração actual: os Ninivitas converteram-se com a proclamação de Jonas e a rainha de Saba veio para ouvir a sabedoria de Salomão. Assim, os gentios parecem estar a ultrapassar Israel. E aqui está quem é maior do que Jonas, maior do que Salomão. Como Jonas foi um sinal para os Ninivitas, assim será o Filho do Homem para esta geração (*Lc 11,30*). Esta geração não terá outro sinal senão o do Filho do Homem que chama à conversão. *Lucas* deixa implícito que a pregação do Filho do Homem também alcançará os pagãos. A abertura aos gentios é legitimada pela atitude dos Ninivitas que foram convertidos pela pregação de um profeta recalcitrante. Na sua maioria pagã-cristã, a comunidade lucana é talvez o verdadeiro sinal de Jonas.

Devemos ligar o anúncio da Paixão, especialmente em *Mateus*, ao sinal de Jonas? Como Jonas esteve no ventre do monstro marinho durante três dias e três noites, assim estará o Filho do Homem no seio da terra durante três dias e três noites (*Mt 12,40; Jn 2,1*). Certamente que, se contarmos cuidadosamente, não são exactamente três dias e três noites, mas este enterro deve falar-nos, porque se refere, de forma paradoxal, à morte do Filho do Homem. O sinal de Jonas age assim como um sinal da Paixão: é através da Sua morte que Aquele que estabelece o reino de Deus deve ser revelado. Jonas é um sinal do Crucificado ressuscitado e Ele é o Salvador, não só o sinal de conversão e salvação, mas o próprio Salvador. Somos convidados a ouvir o Seu apelo à conversão, como Jonas fez com os Ninivitas. Mais radicalmente, somos convidados a escolher Cristo, a segui-l'O e a tornarmo-nos nós próprios discípulos missionários.

Terça-feira, 11 de Outubro de 2022

S. João XXIII, Papa (MO)

Gal 5,1-6; Sal 118; Lc 11,37-41

Meditação

As palavras dirigidas aos fariseus são fortes, quase provocatórias, mas devem ser ouvidas com particular atenção. Ouçamos novamente essas palavras: “Vós, os fariseus, limpais o exterior do copo e do prato, mas o vosso interior está cheio de rapina e perversidade. Insensatos! Que fez o interior não fez também o exterior? Dai antes de esmola o que está dentro e tudo para vós ficará limpo.” O que deve ser purificado? O interior ou o exterior? O problema não é o exterior, a aparência, mas o nosso coração, todo o mal que nele podemos esconder: ganância, maldade e todo o tipo de pensamentos malignos.

Na verdade, o Senhor convida-nos a reflectir sobre a nossa hipocrisia, sobre as nossas aparências, sobre tudo o que fazemos para parecermos bem, quando o nosso coração não corresponde ao que apresentamos exteriormente. Ele convida-nos a cuidar do nosso coração, do que constitui o nosso ser mais profundo. Como sempre, o Senhor convida-nos a uma conversão radical. Aqui, Ele propõe que demos tudo o que temos como esmola e tudo será puro para nós. Deixaremos de ter o desejo de possuir mais, de acumular riqueza ou de parecer bem, correndo o risco de sermos egoístas.

O Senhor convida-nos assim à pureza, mas não a uma pureza qualquer. Não se trata de formalismo legal, abluções repetidas, lavagens minuciosas, ou fugir dos pecadores que parecem espalhar impurezas. Não se trata de evitar sepulturas e contaminações inadvertidamente. A única pureza é a pureza do interior, com Jesus explica: nada há fora do homem que, entrando nele, o possa tornar impuro, pois é de dentro, do coração dos homens, que saem os desejos perversos (*Mc 7,14-23*). Este é um ensinamento novo e libertador que os discípulos acham difícil de apreender e compreender. É sem dúvida mais fácil para cada um de nós lavar o exterior do que limpar o interior, os nossos pensamentos mais íntimos, o nosso coração e todo o mal que ele pode conter, todo o mal que muitas vezes desejamos aos outros.

O que é posto em relevo é a simplicidade da fé e do amor, o ideal a que os discípulos devem aspirar, ou seja, o coração puro: “Bem-aventurados os puros de coração, porque verão a Deus (*Mt 5,8*). Esta pureza é a do centro da pessoa, designada pela palavra espírito. Os pobres de coração são também os pobres *em* espírito. Trata-se do centro e da pessoa no seu todo. Pensemos no Salmo 34,19 onde está escrito, “O Senhor está perto dos corações atribulados e salva os que estão de espírito abatido.” Esses pobres pertencem à grande família daqueles que experimentaram provas materiais e espirituais e dependem apenas da ajuda do Senhor. Cada um deles pode dizer com confiança: “Sou pobre e desvalido, o Senhor cuida de mim” (*Sal 40,18*). A evangelização dos pobres, com milagres, é o sinal dado por Jesus aos enviados de João Baptista, para que eles reconheçam que Ele é o Messias esperado (*Mt 11,5*). O pobre aguarda a sua salvação do Senhor e, com confiança, espera e cumpre a vontade do seu Senhor. A sua alma observa as Suas exigências e os Seus preceitos. Ele está certo de que o seu grito e a sua oração chegarão ao ouvido do Senhor que o livrará de acordo com a Sua promessa. Ele já pode cantar os louvores do Senhor.

O Apóstolo Paulo explica que é para que possamos ser livres que Cristo nos libertou. Por conseguinte, somos convidados a permanecer firmes. *Não volteis a estar sob o jugo da escravidão*, explica o apóstolo. Para ver Deus, para apresentar-se a Ele, já não no Seu templo em Jerusalém, mas no Seu Reino, *a pureza moral em si já não é suficiente*. Exige a presença activa do Senhor na existência; exige amor, a presença do Deus-Amor; então o Homem será radicalmente puro. Na verdade, Jesus explica aos seus apóstolos: “Vós já estais limpos, por causa da palavra que vos disse” (*Jo 15,3*). “Quem tomou banho não tem necessidade de lavar senão os pés, pois está inteiramente puro. E vós estais puros” (*Jo 13,10*).

Sobre o tema da alimentação, Pedro é levado a uma tripla conclusão. Já não há alimentos impuros (*Act 10,15; 11,9*); os incircuncisos já não estão contaminados (*Act 10,28*); é através da fé que Deus purifica agora os corações dos gentios (*Act 15,9*). Paulo esclarece esta questão da pureza afirmando que para o cristão, “nada é impuro em si mesmo” (*Rom 14,14*). Desde que o regime da antiga Lei terminou, as observâncias da pureza tornam-se “coisas sem força” das quais Cristo nos libertou (*Gal 4,3.9; Col 2,16-23*). Cristo entregou-Se pela Igreja a fim de a santificar, purificando-a através da lavagem da água (*Ef 5,26*). Não se trata de uma limpeza externa, pois as águas do baptismo libertam-nos de toda a impureza associando-nos a Jesus Cristo ressuscitado (*1 Pd 3,21ss*). Estamos de facto purificados pela esperança em Deus que, através de Cristo, nos fez filhos adoptivos (*1 Jo 3,3*). Como cristãos, temos agora de nos purificar de toda a profanação do corpo e do espírito a fim de completar o trabalho da nossa santificação (*2 Cor 7,1*). Tudo é puro para os puros (*Tit 1,15*), e o que conta perante Deus é a disposição profunda dos corações regenerados (*1 Tim 4,4*). A caridade cristã brota de um coração puro, de uma boa consciência e de uma fé sem desvios (*1 Tim 1,5*). Que alegria servir ao Senhor com a consciência limpa (*2 Tim 1,3*)!

O oposto da impureza é a santidade (1 Ts 4,7s; Rom 6,19). Na verdade, somos convidados a encontrar Cristo, morto e ressuscitado; é Ele que nos purifica e nos livra de todo o mal.

Como podemos evangelizar se excluímos pessoas que consideramos impuras, pecaminosas, sujas? Como podemos evangelizar se não alcançamos os nossos contemporâneos, as nossas irmãs e irmãos humanos, sejam quais forem as suas convicções religiosas e graus de santidade? Cabe a cada um de nós, discípulos missionários, fazer brotar do nosso coração puro a justiça e a fé, a caridade e a paz, sem esquecer o dinamismo missionário. O Espírito é-nos dado para que possamos progredir no caminho da santidade, do amor e da justiça. A Igreja oferece-nos os sacramentos e vários outros meios para seguir o Senhor Jesus. Vós que procurais a justificação pela Lei, se vos separastes de Cristo, perdestes a graça se não confiais na misericórdia e ternura de Deus, se não acreditais no Espírito santificador. Discípulos de Cristo, é pelo Espírito, e na fé, que devemos esperar que a esperança de justiça, cresça em santidade. Pois em Cristo Jesus não é a circuncisão ou não que tem valor, mas sim a fé, que actua através da caridade.

Quarta-feira, 12 de Outubro de 2022

Gal 5,18-25; Sal 1; Lc 11,42-46

Meditação

“Ai de vós, fariseus!” “Ai de vós, fariseus!” “Ai de vós, fariseus!” Três vezes. E os doutores da Lei recebem o mesmo aviso: “Ai de vós também.” Porquê? Desprezam a justiça e o amor de Deus. É bom pagar o dízimo, mas amais a Deus? Amais o próximo? Gostais dos primeiros lugares, mas é o vosso coração tão puro como parece? Não será como os túmulos? Os túmulos são frequentemente bem decorados por fora, mas no interior só há podridão. Infelizes sois vós, doutores da Lei. Porquê? “Impondes aos homens fardos pesados e vós próprios nem com um só dedo tocais nesses fardos!”

Será que a Lei vai mudar? Em vez de ser gravada em tábuas de pedra, não será escrita nos corações, para que todos conheçam Javé? (*Jer 31,33; Os 4,2*). Deus mudará os corações, sob o impulso interior do Espírito divino. Os seres humanos observarão finalmente as leis e ordenanças de Deus (*Ez 36,26ss*), não como se tivessem vindo de fora, mas sim de dentro. Não será esta a abertura para a nova lei que Cristo traz ao mundo? Se Jesus se opõe aos fariseus e aos escribas, é porque eles tendem a anular a Palavra de Deus (*Mc 12,28-34*). No Reino que Jesus inaugura, a Lei não deve ser abolida, mas cumprida até ao último iota (*Mt 5,17ss*) e o próprio Jesus a observa. Com João Baptista, a Lei e os Profetas chegaram ao fim. A hierarquia de valores já não pode pôr de lado a justiça, a misericórdia e a boa vontade numa tentativa de salvar o secundário (*Mt 23,16-26*). O que se deve visar é o cumprimento de uma lei de perfeição, imitando a perfeição de Deus (*Mt 5,21-48*). “Sede vós, pois, perfeitos, como é perfeito o vosso Pai celestial”, diz-nos o evangelista Mateus.

De facto, a generosidade de Deus estende-se aos bons e aos maus. Para Lucas, devemos compreender que somos convidados a *ser misericordiosos como Deus* (*Lc 6,36*). O poder do Espírito permite ao homem lutar por esta perfeição, esta misericórdia (*Act 1,8; Jo 16,13*). *Bem-aventurados os misericordiosos, porque obterão misericórdia* (*Lc 6,36; Mt 5,7*). Deus é terno e misericordioso, lento na ira e cheio de amor e verdade (*Ex 34,6*). A misericórdia é uma fonte de alegria, serenidade e paz. É a condição da nossa salvação. É o último e supremo acto pelo qual Deus vem ao nosso encontro (*Misericordiae vultus*, 2015, no. 2). Misericórdia é a palavra que revela o mistério da Santíssima Trindade. “Recorda-te, Senhor, da tua compaixão e da tua misericórdia, que são desde sempre” (*Sal 25,6*). “Deixar de lado o ressentimento, a raiva, a violência e a vingança são condições necessárias para se viver feliz. Acolhamos, pois, a exortação do Apóstolo: ‘Que o sol não se ponha sobre o vosso ressentimento’ (*Ef 4,26*)” (*Misericordiae vultus*, 2015, n.º 9). Deus está sempre cheio de alegria quando perdoa (*Lc 15,1-32*). O amor nunca pode ser uma palavra abstracta; é a vida concreta, as intenções, as atitudes, os comportamentos que se verificam na acção diária. Quem pratica a misericórdia, deve fazê-lo com alegria (*Rom 12,8*).

O resumo da Lei do Reino é simples: ama a Deus e ama o teu próximo como a ti mesmo (*Mc 12,28-34*). Tudo é ordenado à volta deste mandamento, tudo deriva dele. A partir de agora, devemos ouvir a Palavra de Jesus, ir à Sua escola. O destino eterno dos homens é agora determinado pela sua atitude para com Jesus. Ele recebeu o mandamento de dar a Sua vida, que é o maior amor (*Jo 15,13*). Este mandamento é o próprio sinal do amor do Pai por Ele (*Jo 10,17ss*). Os cristãos também devem guardar os mandamentos de Deus (*1 Jo 3,22*). Estes mandamentos consistem em acreditar em Cristo (*1 Jo 3,23*) e viver na verdade (*2 Jo 4*). Na realidade, trata-se de obedecer aos mandamentos de Deus e guardar o testemunho de Jesus, o que é, de facto, a mesma coisa (*Ap 12,17; 14,12*). Devemos guardar os mandamentos de Jesus para o conhecer verdadeiramente (*1 Jo 2,3s*), para ter o Seu amor em nós (*1 Jo 2,5*), para permanecer no Seu amor (*Jo 14,15; 2 Jo 5*), tal como Ele guarda os mandamentos de Seu Pai e permanece no Seu amor (*Jo 15,10*). Guardar os mandamentos é o sinal do verdadeiro amor (*Jo 14,21; 1 Jo 5,2s; 2 Jo 6*). O mandamento por excelência é o do amor fraterno (*Jo 13,34; 15,12; 1 Jo 2,7s*), que flui do amor de Deus (*1 Jo 4,21*). Esta nova lei, que está ligada à Palavra de Jesus, permanece para sempre a regra da vida cristã.

O homem e a mulher que seguem este caminho são como árvores plantadas junto dum riacho, e dão frutos a seu tempo. As suas folhas nunca murcham. Tudo o que eles empreenderem será bem sucedido. A longa lista de coisas que devem evitar, nos termos da Lei, inclui opor-se ao amor. Através da má conduta, impureza, deboche, idolatria, bruxaria, ódio, rivalidade, ciúmes, raiva, intriga, divisão e sectarismo. A tudo isto, devemos opor amor, alegria, paz, paciência, bondade, bondade e fidelidade, sem esquecer a doçura, a misericórdia e o auto-controlo. Os valores do Reino estão lá, tendo o amor como fundamento. E este amor abre as portas à felicidade onde há alegria e paz, doçura e bondade, bondade e fidelidade.

Quinta-feira, 13 de Outubro de 2022

Ef 1,1-10; Sal 97; Lc 11,47-54

Meditação

O tema central da carta aos Efésios é o plano de Deus (o mistério), estabelecido desde toda a eternidade, velado durante séculos, realizado em Jesus Cristo, revelado ao apóstolo, implementado na Igreja. É uma realidade universal, tanto terrena como celeste. É a realização actual da obra de Deus, a da nova criação. Esta realidade é apresentada como o crescimento do corpo e a construção da casa de Deus. Os próprios cristãos tornam-se novas criaturas, através do conhecimento, louvor e obediência. A Igreja é o culminar da obra de Deus, num estilo que é simultaneamente litúrgico e pedagógico. É uma celebração da graça ilimitada de Deus (*Ef 1,3-14*). Será uma oração de iluminação que leva à exaltação de Cristo, cabeça do universo e cabeça da Igreja? Será este o grande ponto de viragem trazido por Cristo? O que estava morto está vivo; o que estava dividido e alienado é reconciliado; a salvação pela graça chega a todos e, como resultado, une todos os homens e mulheres em Cristo. A reconciliação está completa, entre Israel e os gentios, reconciliação de todo o universo. Paulo é o trabalhador desta reconciliação baseada no amor de Deus, manifestado no imensurável amor de Cristo (*Ef 3,14-19*).

Devemos, portanto, dar graças e receber, como nas nossas liturgias, a graça e a paz de Deus nosso Pai e do Senhor Jesus Cristo. Devemos bendizer Deus, o Pai de Nosso Senhor Jesus Cristo. Como diz o autor do salmo, o Senhor deu a conhecer a sua vitória e revelou a sua justiça às nações. Ele lembrou-se da Sua fidelidade, do Seu amor, pela casa de Israel. O Seu amor estende-se de geração em geração e já não exclui ninguém. A terra inteira viu a vitória do nosso Deus. Aclamai o Senhor, terra inteira: cantai e tocai. Tocai para o Senhor com a cítara e com todos os instrumentos; ao som da trombeta e da corneta, aclamai o vosso Rei, o Senhor! Estes gritos de alegria e esperança não parecem corresponder ao que Paulo está a viver na prisão em Roma. E, no entanto, Paulo tem a certeza de que a Palavra que tem vindo a propor durante toda a sua vida, essa Palavra irá continuar e chegar a todas as nações. Todos elas ouvirão a Boa Nova.

Paulo está prisioneiro em Roma e, como fez com os Colossenses, quer deixar às comunidades, talvez sob a forma de uma carta circular, a sua meditação última sobre o mistério da salvação e da Igreja. Os temas típicos paulinos são abordados nesta carta: a salvação pela graça; o povo de Deus; o Espírito Santo. Os termos sabedoria, mistério e plenitude também aparecem. De facto, o baptizado participa no destino de Cristo e Paulo está interessado em colocar no centro da sua mensagem o que Deus fez de extraordinário em Jesus Cristo. A graça divina deve ser proclamada e mesmo celebrada, mas também a reconciliação que está ligada a essa grande obra realizada por Jesus Cristo. Os gentios são agora cidadãos plenos do Reino de Deus (*Ap 2,11-22*). A Igreja é definida tanto como o povo de Deus como o corpo de Cristo. A revelação divina é concedida, não em teoria ou num sistema, mas *na* e *através* da comunidade cristã, tornando explícito o 'mistério'. A Igreja deve ser vista como uma realidade universal, quase personificada na Carta aos Efésios, como o foi a Sabedoria de Deus na Primeira Aliança. A Igreja tende a tornar-se eterna, mesmo que apareça temporal, inserida na história. A união de Cristo e da Igreja é sublinhada como um modelo de união conjugal, onde a soberania de Cristo e a responsabilidade da Igreja são expressas.

Quer o texto tenha sido escrito por Paulo, por um dos seus secretários seguindo as instruções do apóstolo, ou por um dos seus continuadores, o autor é confrontado com a situação crítica que o cristianismo está a atravessar após a geração apostólica. A questão é: qual será o futuro da Igreja, do Cristianismo? O mundo mudou radicalmente desde a morte e ressurreição de Cristo. O dom de Deus está agora ligado à formação da Igreja, o que abre uma situação de não retorno. Poderíamos perguntar-nos hoje: qual é o futuro da nossa Igreja, das nossas comunidades cristãs? Como irão assegurar o testemunho e a proclamação do Evangelho às gerações futuras? O que é que o futuro nos reserva?

A questão fundamental que parece ser colocada, tanto aos Efésios como a nós, é a atitude de cada um de nós para com a Lei, ou mais precisamente para com Jesus, o novo legislador. Na Primeira Aliança, a Torá, a Lei está em todo o lado. Os sacerdotes devem ensinar as decisões e instruções de Javé (*Dt 33,10*). Os profetas, homens da Palavra movidos pelo Espírito de Deus, reconhecem a autoridade desta Torá e convidam todos, incluindo os sacerdotes, a serem fiéis a Javé, à Sua Palavra, à Lei. Os profetas por vezes censuram os sacerdotes por negligenciarem a Torá (*Os 4,6; Ez 22,26*). Eles denunciam os pecados que são acima de tudo violações do Decálogo (*Os 4,1s*). Jeremias prega a obediência às "Palavras da Aliança" (*Jer 11,1-12*). Ezequiel enumera os pecados cuja lista parece ter sido presa do código de santidade (*Ez 22,1-16.26*). Entre os sábios, o ensino da mesma Torá é feito com novas formas: máximas, provérbios, biografias exemplares. A sabedoria autêntica é apresentada como a Lei, a obediência à Lei (*Sir 24,23ss*); ela armou a sua tenda em Israel quando a Lei foi dada por Moisés. Devemos, portanto, cantar a grandeza da Lei de Deus (*Sal 19,8ss*), o dom supremo que Deus não deu a nenhuma outra nação (*Sal 147,19ss*). Proclamar amor pela Lei (*Sal 119*) é, para o povo, manifestar o seu amor pelo próprio Deus. Não será esta a essência da piedade judaica? Não é esta, a Torá, que Israel deve colocar no centro da sua vida?

Com Jesus, devemos ligar a Lei ao amor que resume todas as prescrições: amor a Deus e amor ao próximo. Que infelicidade para vós, explica Jesus aos escribas e fariseus, porque edificastes os túmulos dos profetas, quando foram os vossos pais que os mataram. Assim dais aprovação às obras dos vossos pais, porque eles mataram-nos e vós levantai os monumentos. Vós perseguis e matais os profetas e os apóstolos, tal como fizeram os vossos pais. Tereis de dar contas do sangue de todos os profetas que foi derramado desde a fundação do mundo. Que infelicidade para vós, doutores da Lei, porque tirastes a chave do conhecimento; vós não entrastes, e impedistes os que queriam entrar. O julgamento é severo e podemos compreender porque é que os escribas e os fariseus começam a atacar Jesus e a assediá-lo com perguntas, a tentar aramar-Lhe ciladas, a rastrear cada palavra Sua. E qual é o nosso compromisso de aceitar o Evangelho e de o proclamar aos nossos contemporâneos? Estamos prontos a sofrer humilhações para continuar o trabalho de evangelização, para continuar a falar do Senhor Jesus? Estamos prontos a enfrentar os desafios missionários do nosso tempo, mesmo que tenhamos de sofrer e ser perseguidos?

Sexta-feira, 14 de Outubro de 2022

S. Calisto I, papa e mártir (MF)

Ef 1,11-14; Sal 32; Lc 12,1-7

Meditação

“Não temais. Valeis mais do que todos os passarinhos.” Estas são palavras bonitas de Jesus para tranquilizar os Seus amigos, para nos acalmar. E, no entanto, temos de ter cuidado com o fermento dos fariseus, ou seja, com a sua hipocrisia. Nós, que somos os amigos de Jesus, devemos temer, não aqueles que matam o corpo, e depois disso nada mais podem fazer, mas Aquele que, depois de matar, tem o poder de enviar para a geena (o inferno). Certamente Deus cuida de nós como cuida de uma multidão de pardais, mas temos de ter cuidado. Todos os cabelos da nossa cabeça estão contados. Devemos afastar o medo, pois valemos mais do que uma multidão de pardais. Contudo, tenhamos cuidado com a hipocrisia, o fermento dos fariseus. Não é o fermento que faz subir a massa. Pelo contrário, é o fermento, um corpo estranho, impuro e corruptor. A sua ausência simboliza a libertação de Israel por Deus. Essa ausência de fermento refere-se ao pão ázimo, à Páscoa, à acção libertadora de Deus, mas também à pureza recuperada, graças a Deus. Pertencendo a Deus e libertados de todo o tipo de impurezas e alienação, os seres humanos podem viver na pureza e na verdade. O povo libertado do Egito não se purifica no deserto, vivendo na intimidade com o seu libertador? Esse não parece ser o caso dos fariseus, que parecem confiar principalmente nas próprias forças para adquirirem a sua salvação.

Os fariseus, “os separados”, ligados aos “piedosos”, são os escribas e os doutores da Lei, mas também um certo número de sacerdotes. Os membros estão organizados em fraternidades religiosas que visam mantê-los fiéis à Lei e fervorosos na sua defesa. Quais são as origens do conflito entre os fariseus e Jesus? Nem todos os fariseus estão contra Jesus; muitos querem contactar com Jesus convidando-o para a sua mesa (*Lc 7,36; 11,37; 14,1*). Alguns defendem-n’O abertamente (*Lc 13,31; Jo 7,50*) e aos cristãos (*Act 5,34; 23,9*). Muitos viram Jesus como aquele que cumpriu a sua fé judaica (*Act 15,5*). Mas muitos opuseram-se ferozmente ao ensino e à pessoa de Jesus. Jesus admira o zelo dos fariseus (*Mt 23,15*), a sua preocupação pela perfeição e pureza (*Mt 5,20*). Paulo, um ilustre representante dos fariseus (*Act 26,5; Fil 3,5*), sublinha o seu desejo de praticar a Lei meticulosamente; são admiráveis no seu apego às tradições orais vivas. Mas alguns deles, com o seu conhecimento jurídico, aniquilam o preceito de Deus submetendo-o às suas tradições humanas (*Mt 15,1-20*) e desprezam os ignorantes em nome da sua própria justiça (*Lc 18,11s*). Evitam qualquer contacto com pecadores e publicanos e assim limitam o amor de Deus ao seu próprio horizonte. Consideram mesmo que têm direitos sobre Deus, em nome do que fazem (*Mt 20,1-15; Lc 15,25-30*). A sua tragédia é que não podem pôr em prática o seu ideal (*Rom 2,17-24*); comportam-se como hipócritas, “sepulcros caiados” (*Mt 23,27*). Muitos fariseus parecem estar cegos a qualquer luz vinda de outro lugar e recusam-se a reconhecer Jesus, segundo os evangelistas. Para eles, Ele é um impostor ou um aliado do diabo.

Os fariseus aparecem ser crentes de mente fechada, contrários ao espírito do Evangelho. Considerando-se puros, tendem a separar-se. A sua cegueira coloca-os em conflito com Jesus (*Jo 8,13; 9,13-40*). São como pessoas cobertas com a máscara da justiça, a fim de dispensar viver interiormente ou reconhecer-se como pecadores e ouvir o chamamento de Deus, como se cada um deles quisesse encerrar o amor de Deus no círculo estreito da sua ciência religiosa. Esta mentalidade foi encontrada no cristianismo primitivo, entre os judeus-cristãos que Paulo encontrou (*Act 15,5*). Queriam submeter os convertidos do paganismo às práticas judaicas e assim manter sob o jugo da Lei aqueles que tinham sido libertados da mesma pela morte de Cristo. O farisaísmo ameaça o cristianismo na medida em que regressa à fase de observância legal e ignora a universalidade da graça.

Não temos por vezes um espírito farisaico? Será que por vezes não pensamos que temos direitos sobre Deus? Não sobrecarregamos os outros com detalhes da Lei, fingindo conhecer bem a Lei de Deus? Ao fazê-lo, não estaremos talvez a tentar colocar-nos numa posição de julgamento sobre os

pequenos, os pecadores e aqueles que não tiveram a oportunidade de estudar tanto como nós? Não somos por vezes hipócritas, “sepulcros caiados de branco”, procurando parecer bem, sem aceitar convertermo-nos verdadeiramente para corresponder o melhor possível à perfeição que o Senhor exige? *Sede, pois, perfeitos, como é perfeito o vosso Pai celestial. Amai-vos uns aos outros. “Dou-vos um mandamento novo: que vos ameis uns aos outros; como vos amei, que também vós vos ameis uns aos outros. Nisto saberão todos que sois Meus discípulos: se tiverdes amor uns pelos outros” (Jo 13,34-35). “É este o meu mandamento: que vos ameis uns aos outros como Eu vos amei. Ninguém tem maior amor do que este: que alguém dê a sua vida pelos seus amigos. Vós sois meus amigos, se fizerdes o que Eu vos mando” (Jo 15,12-15). Aqueles que progrediram no conhecimento de Deus e no caminho da santidade não devem de forma alguma desprezar os outros e separar-se deles.*

Jesus ama-nos, mas o Seu amor é exigente. Ele diz-nos: “Já não vos chamo servos, porque o servo não sabe o que faz o seu senhor; chamo-vos amigos, porque vos dei a conhecer tudo o que ouvi do meu Pai. Não fostes vós que me escolhestes, mas fui Eu que vos escolhi e vos designei, para que vades e deis fruto e o vosso fruto permaneça; para que aquilo que pedirdes ao Pai no meu nome, Ele vos dê” (Jo 15,15-16). Na verdade, a generosidade de Deus estende-se aos bons e aos maus. Somos convidados a ouvir a interpretação de Lucas, que a perfeição é simplesmente um comportamento de acordo com a misericórdia, a misericórdia que Deus demonstrou em Jesus. Esta misericórdia é a expressão do seu amor, daí este convite: *sê misericordioso como o teu Pai é misericordioso. Não julgueis e jamais sereis julgados, não condeneis e jamais sereis condenados... Dai e ser-vos-á dado” (Lc 6,36-38). É juntos – evangelizando-se uns aos outros e encorajando-se mutuamente no caminho da santidade e da prática da caridade – que os discípulos de Cristo podem progredir e atrair para Jesus aqueles que não O conhecem. Os irmãos e irmãs, discípulos missionários de Cristo, que se amam uns aos outros, seguramente atraem novos membros. As comunidades cristãs que vivem em verdadeira fraternidade podem propor com mais sucesso o Evangelho, e a gente pode dizer: *vede como eles se amam!**

Sábado, 15 de Outubro de 2022

S. Teresa de Ávila, virgem e doutora da Igreja (MO)
Ef 1,15-23; Sal 8; Lc 12,8-12

Meditação

Teresa de Jesus ou de Ávila foi a primeira mulher a receber o título de Doutora da Igreja, que lhe foi concedido pelo Papa Paulo VI, em 1970. Da sua vida, devemos recordar que entrou no convento carmelita de Ávila aos vinte anos de idade, onde havia 180 freiras que viviam num contexto em que a regra carmelita era praticada de uma forma mitigada. De facto, recebiam muitos visitantes e iam jantar na cidade. Teresa decidiu, em 1555, viver plenamente a sua vocação carmelita. Ela percebe claramente a necessidade de reformar a Ordem dos Carmelitas após uma série de experiências místicas que lhe permitiram contemplar a humanidade de Cristo. Ela teve visões, perseguições demoníacas e aparições de Nosso Senhor. Com a ajuda dos seus directores espirituais, nomeadamente Pedro de Alcântara, ela familiarizou-se com a oração mística e experimentou o amor divino. Fundou um novo mosteiro de rigorosa observância em Ávila, onde os Carmelitas estavam totalmente separados do mundo e levavam uma vida inteiramente dedicada à oração. Apesar de vários obstáculos, ela teve sucesso no seu projecto, com a vontade de despojamento das suas freiras. Isto é simbolizado pelo abandono dos sapatos, daí o nome de Carmelitas “descalças”. Teresa aparece como uma mulher cheia de bom senso, perfeitamente honesta e natural, sempre alegre e encantadora. Os seus muitos escritos sobre as suas experiências místicas e a sua vida foram lidos por muitas pessoas. Juntamente com o futuro João da Cruz, que também ficou desapontado com a sua ordem, Teresa empreendeu uma reforma a partir de 1557. Os conventos do Carmo e das Carmelitas reformadas multiplicar-se-ão em Espanha, com uma pedagogia de oração. Aprovada pelo Papa Gregório XII em 1580, a reforma irá intensificar-se, insistindo numa vida espiritual mais interiorizada. Na altura da sua morte, já existiam 16 fundações femininas e 14 masculinas. À sua morte, Teresa deixou uma autobiografia, *O Livro*

da Vida, mas também *O Caminho da Perfeição* e especialmente *O Castelo Interior*. Este último descreve a viagem da graça nas sete “habitacões” da alma.

Teresa declarou-se claramente a favor do Senhor Jesus ao longo da sua vida, deslumbrada pelo amor de Deus. Ela escreveu: “Vivo já fora de mim, / depois que morro de amor, / porque vivo no Senhor, / que me quis só para Si.” O seu desejo de estar com o Senhor é tão forte que ela não hesita em escrever, como um desejo: “morro por não morrer.” O seu testemunho inspirou os seus contemporâneos a investir numa vida espiritual a fim de lutar por uma perfeição cada vez maior e, sobretudo, a conhecer melhor o Deus-Homem.

Poderíamos comparar a experiência de Teresa com a do apóstolo Paulo, especialmente o seu desejo de ver os Efésios progredir no caminho do conhecimento do Senhor Jesus. O que é que ele deseja para eles? Que o Senhor iluminasse os olhos dos seus corações, para compreenderem a esperança a que tinham sido chamados, a glória inestimável da herança que devem partilhar uns com os outros. Paulo deseja que tenham consciência da energia, da força e do vigor que Deus nosso Pai colocou em cada um deles em Cristo quando O ressuscitou dentre os mortos e O sentou à Sua direita no céu. A ressurreição diz-lhes respeito; diz respeito a todos nós, pois a Sua vitória sobre o pecado e a morte é também a nossa vitória. É posto em marcha um dinamismo missionário. O Pai está no Filho, o Filho nos discípulos e os discípulos no mundo, segundo as expressões joaninas (*Jo 17,11.20-26*). Cristo preenche tudo em tudo. A Igreja, plenitude de Cristo, é animada por Cristo no Espírito e é conduzida à sua realização. O próprio Cristo penetra todo o universo em todos os aspectos. A sua glorificação é também a nossa. A Igreja está cheia das riquezas da vida divina através de Cristo, que é Ele próprio a plenitude de Deus, de acordo com a declaração em *Col 2,9-10*. Porque Deus nosso Pai pôs todas as coisas debaixo dos Seus pés e, colocando-O acima de todas as coisas, fez dele a cabeça da Igreja, que é o seu corpo. Entende-se que a Igreja é a realização plena de Cristo, a quem Deus enche completamente com a Sua plenitude.

Podemos cantar ao Senhor, usando o Salmo 8, com uma nota especial: “Como é admirável, Senhor, o Vosso nome em toda a terra!” Somos todos convidados a louvá-l’O, a cantar o Seu esplendor. Mesmo as bocas de crianças e bebés podem glorificá-lo, juntamente com os adultos e os idosos. Basta olhar para o céu para ver a obra dos dedos de Deus. Basta olhar para a lua e para as estrelas. Não devemos esquecer o Homem, tão pequeno no coração da criação, mas moldado de uma forma extraordinária. A maravilha é que Deus cuida de todos e de cada um de nós. Ele queria que cada um de nós fosse um pouco menos do que um deus, coroando-nos de glória e honra, pondo tudo aos nossos pés. Ligados a Cristo, somos ainda mais maravilhosos, totalmente cheios de glória e honra. Pois a Sua glória é também nossa.

Que a nossa acção de graças seja sincera. Que exprima o nosso amor, seguindo os passos de Santa Teresa, e que estejamos em íntima relação com o Senhor Jesus. Que esta relação nos coloque no caminho da perfeição, no caminho de um compromisso missionário enraizado no amor deste Deus que tanto nos ama e que quer salvar-nos a todos. Este Deus que ressuscitou Jesus de entre os mortos e que nos associa a essa ressurreição.

Domingo, 16 de Outubro de 2022

29º Domingo do Tempo Comum

S. Edviges, religiosa; S. Margarida Maria Alacoque, virgem (MF)

Início da Semana Missionária Mundial 2022

Ex 17,8-13; Sal 120; 2 Tim 3,14—4,2; Lc 18,1-8

Meditação

Toda a Escritura é inspirada por Deus. Revela-nos a verdadeira face de Deus e dos seres humanos. Consideremos primeiro esta bela palavra e o seu significado para nós hoje. Veremos

então como esta palavra nos remete para o Salvador Jesus e para o nosso compromisso missionário.

Toda a Escritura é inspirada por Deus; é útil para ensinar, denunciar o mal, corrigir e educar na justiça. Então como agora, é útil para conhecer Deus e para melhorar a nossa relação com Ele. Pode levar-nos de volta às disputas teológicas do passado e a explicações que nem sempre são simples. As questões que se colocam são: Como é inspirada a Escritura? Como é que Deus vai inspirando os escritores ao longo da história do povo eleito, mas também depois da morte e ressurreição de Jesus? Como é que Deus o faz? Como influenciou ele os Profetas, e como é que uma escrita religiosa se torna sagrada e normativa? Mesmo que se trate de um registo diferente, pensemos na inspiração artística, com o seu carácter inesperado, espontâneo e ocasional. Pensemos também na inspiração no vasto domínio das religiões e dos textos sagrados. Note-se simplesmente que o Espírito Santo confere aos escritores sagrados uma força sobrenatural que os empurra e os leva a escrever. O Espírito influencia-os, inspira-os, ajuda-os, para que escrevam sem erros. Não é fácil saber exactamente como Deus procede, mas é compreensível que exista um autor divino e um autor humano, e é a acção deste último que explica a originalidade histórica e individual de cada uma das obras sagradas, as diferenças e mesmo as várias concepções teológicas, com a sua evolução e articulação.

A fim de explicar que um único livro pode ter vários autores, recorremos à doutrina da relação entre *causa principal e causa instrumental*, tal como explicado por Pio XII na encíclica *Divino afflante Spiritu*. Deus é o *autor primeiro* das Escrituras, ou seja, a causa principal, enquanto o homem desempenha o papel de uma *causa instrumental*. Mas o “instrumento” humano é mais do que um escriba, pois ele deve ser reconhecido como um sujeito inteligente e livre. Deus expressa-se através dele, mas ele continua a ser o autor humano. O Espírito não nos foi dado em abundância, especialmente a nós cristãos (*Rom 5,5*)? A esperança não engana, porque o amor de Deus foi derramado nos nossos corações através do Espírito Santo que nos foi dado! Claro que não é uma questão de ditado, no sentido moderno da palavra, mas Deus é o autor de todo o texto sagrado. Para os católicos, a fé da Igreja original é aceite como base e regra de fé permanente ao longo dos séculos, daí o fim da “Revelação”, com a morte dos Apóstolos, o fim da era apostólica, ou da Igreja primitiva. Através do Magistério e da fé da Igreja, o povo de Deus pode discernir e compreender cada vez melhor o significado das Escrituras, sabendo que a Igreja está ligada a esta Palavra tal como está ao primeiro e constitutivo período da sua história, moldado pelo próprio Deus em Cristo.

A Tradição Sagrada e a Sagrada Escritura estão intimamente relacionadas e comunicam entre elas. Pois ambas, nascidas da mesma fonte divina, são, por assim dizer, uma e a mesma, e tendem para o mesmo fim, como o Concílio Vaticano II explicou na *Dei Verbum* (n.º 9). A Tradição, a Escritura, o povo de Deus e o Magistério devem estar ligados, especialmente na interpretação da Escritura, da teologia e da vida da Igreja em diferentes contextos. Desta forma, compreendemos melhor como a Palavra de Deus chega aos confins da terra. Compreendemos melhor como a Palavra é acolhida e glorificada e como enche cada vez mais o coração dos seres humanos, em ligação com a Eucaristia, os sacramentos e a veneração da Palavra de Deus. É o Espírito Santo que prepara os corações e as culturas para acolher a Palavra, Jesus, o Cristo.

Ontem como hoje, a Escritura é útil para ensinar, persuadir, corrigir e formar segundo a justiça, mas sobretudo para saber quem é Deus e quem é o Homem. Só podemos realmente compreender Deus e o ser humano se os relacionarmos. De Adão a Jesus, o que é que a Bíblia nos diz sobre a pessoa humana? Como podemos caracterizar correctamente a humanidade, se não na sua relação com o Criador? Não testemunha o texto inspirado sobretudo uma esperança inexorável na grandeza do ser humano, que torna a totalidade dos filhos de Deus irmãos e irmãs ligados por uma sede de amor, justiça e comunhão autêntica, enraizada em Deus, nosso Pai? A palavra de Deus é uma força divina para a salvação de cada crente, de cada ser humano. O Verbo de Deus “fez-se carne e estabeleceu a tenda entre nós e contemplámos a Sua glória; glória como unigénito do Pai, cheio de graça e de verdade” (*Jo 1,14*). Cristo estabeleceu o reino de Deus na terra; pelas suas acções e palavras, revelou o seu Pai e revelou-se a Si mesmo. Ele também revelou o Homem, pois

ele é o Deus-Homem. Pela sua morte, ressurreição, gloriosa ascensão e envio do Espírito, Ele completou a sua obra. De agora em diante, atrai todos os homens a Si (Jo 12,32), pois só Ele tem palavras de vida eterna (Jo 6,68). Somos convidados, seguindo os apóstolos e as muitas testemunhas do Ressuscitado, a pregar o Evangelho, a propor aos nossos contemporâneos a fé em Jesus, no Cristo e no Senhor, para que se juntem à Igreja e formem com os outros discípulos o corpo de Cristo.

Oremos sem cessar para que a Palavra de Deus seja bem recebida, para que possa ser útil na denúncia do mal, na correção, na educação para a justiça e na formação de comunidades enraizadas no amor. Rezemos sem cessar, como a viúva que, pela sua insistência e constância, começou a irritar o juiz que não temia a Deus e não respeitava os homens. Deus, Nosso Pai, ouvi-nos e responde-nos. Mas a questão permanece: será que o Filho do Homem, quando vier, encontrará fé sobre a terra? Isso depende do nosso testemunho e do nosso empenho missionário. Depende também das pessoas e da sua liberdade quando Jesus Cristo lhes é anunciado. Depende também da sua docilidade ao Espírito. Que o Espírito nos dê força para continuar a missão, 'contra ventos e marés'. O Senhor é o nosso auxílio. Ele nos manterá afastados de todo o mal. Ele está ao lado de cada um de nós. Ele dá-nos vida e força; rezemos para que ele aumente a nossa força de testemunho. Ele nos guardará, quando partimos para a missão e quando regressamos. Ele cuida de nós agora e para sempre. Oremos para que o Senhor envie operários para a Sua messe e para que o nosso compromisso missionário na Igreja dê frutos. Que o amor e a justiça, a paz e a esperança cresçam no mundo.

Segunda-feira, 17 de Outubro de 2022

*S. Inácio de Antioquia, bispo e mártir (MO); Dia Internacional para a Erradicação da Pobreza
Ef 2,1-10; Sal 99; Lc 12,13-21*

Meditação

“De facto, é pela graça que fostes salvos, por meio da fé. A salvação não vem de vós: é dom de Deus. Não se deve às obras: ninguém se pode gloriar. Na verdade, nós somos obra de Deus, criados em Cristo Jesus, em vista das boas obras que Deus de antemão preparou, como caminho que devemos seguir.” A nossa salvação não vem de nós; é pela graça que somos salvos. Ninguém se pode orgulhar disso. Foi Deus quem nos criou em Cristo Jesus; porquê? Para realizarmos boas obras, que ele preparou com antecedência para que nós as praticássemos. Que coisa maravilhosa e atenciosa da parte do nosso Deus! Estávamos mortos por causa das nossas falhas e pecados. Ele deu-nos vida em Cristo: é pela graça que somos salvos.

Com Cristo, Ele ressuscitou-nos e fez-nos sentar no céu, em Cristo Jesus. Desta forma, Ele quis mostrar em idades futuras, a riqueza superabundante da Sua graça, através da Sua bondade para conosco em Cristo Jesus.

Que podemos fazer antes de tudo senão dar graças? Somos convidados a aclamar o Senhor, com a terra inteira. Somos convidados a servir o Senhor com alegria, a aclamá-lo com cânticos de alegria! Somos convidados a reconhecer que o Senhor, a quem Jesus Cristo revelou, é o único Deus. Ele fez-nos, e nós somos Seus, somos o Seu povo, o Seu rebanho. Agradecemos-Lhe na Sua casa e onde quer que vamos. Ele é o Deus-Amor, o Deus cheio de ternura e de misericórdia, cheio de amor, de paz e de verdade. Sim, o Senhor é bom, o Seu amor é eterno, a Sua fidelidade permanece para sempre. Podemos servi-’O sem preocupações, mas não esqueçamos a nossa responsabilidade pela nossa própria salvação e pela dos outros. Há tantas pessoas pobres e infelizes na Terra; o que estamos a fazer por elas e com elas?

Compreendestes a parábola que segue o convite de Jesus? “Vede bem, guardai-vos de toda a avareza: a vida de uma pessoa não depende da abundância dos seus bens.” Após esta recomendação, Jesus conta esta parábola muito fácil de recordar. O resultado é um pouco dramático, mas ouça o que o homem diz: “Que hei-de fazer, pois não tenho onde guardar a minha

colheita? Vou fazer assim: Deitarei abaixo os meus celeiros para construir outros maiores, onde guardarei todo o meu trigo e os meus bens. Então poderei dizer a mim mesmo: minha alma, tens muitos bens em depósito para longos anos. Descansa, come, bebe, regala-te.” Ouve o resto e compreende a lição. “Mas Deus respondeu-lhe: ‘Insensato! Esta noite terás de entregar a tua alma. O que preparaste para quem será?’ A lição é muito simples e fácil de recordar. “Assim acontece a quem acumula para si, em vez de se tornar rico aos olhos de Deus.”

Precisamos de associar esta lição ao Dia Internacional para a Erradicação da Pobreza. Pois, no final, somos convidados a partilhar o que temos com os outros, de uma forma ou de outra. Podemos referir-nos às primeiras comunidades cristãs que souberam partilhar os seus bens. Os crentes tinham um só coração e uma só alma e ninguém considerava seu os bens que possuía. Pelo contrário, tudo partilhavam (*Act 4,32ss*). E quanto à partilha entre ricos e pobres hoje em dia? E quanto à partilha entre igrejas ricas e pobres? E os intercâmbios entre igrejas? E a partilha de dons entre as Igrejas e as diversas comunidades cristãs, especialmente no que se relaciona com o ecumenismo? Devemos dar atenção à troca de dons entre as comunidades cristãs, tanto mais que celebramos Santo Inácio de Antioquia, bispo e mártir. Foi bispo da terceira cidade do Império Romano.

Preso durante o reinado de Trajano, Inácio de Antioquia foi enviado a Roma para ser devorados pelas feras. Mas ao longo da sua viagem, foi visitando as comunidades cristãs e escrevendo uma série de cartas de encorajamento e testemunho da sua fé. Oremos por todos aqueles que têm uma responsabilidade na Igreja, especialmente bispos, diáconos e sacerdotes, superiores de institutos e congregações. Têm uma responsabilidade especial na evangelização, na partilha entre as Igrejas e na solidariedade. Como cristãos, não devemos esquecer de ajudar os pobres e os mais necessitados. Demos às nossas igrejas os meios para proclamar o Evangelho, para socorrer os pobres, os pequenos e os desfavorecidos ou excluídos. Isto também faz parte das boas obras para as quais Deus nos criou, nos salvou e nos preparou com antecedência para que as praticássemos.

Terça-feira, 18 de Outubro de 2022

S. Lucas, Evangelista (*Festa*)

2 *Tim* 4,9-17b; *Sal* 144; *Lc* 10,1-9

Meditação

Hoje é a festa de S. Lucas, e sabemos como que determinação ele queria apresentar Jesus e a Igreja nascente. É, portanto, importante recordar que nos seus dois livros, dedicados a Teófilo (*theo-philos*: amigo de Deus), Lucas articula as duas partes da mesma obra sobre a Ascensão de Jesus (*Lc* 24,50-53; *Act* 1,6-11). A Ascensão significa tanto o culminar da senhoria de Jesus como o estabelecimento da sua ausência. É importante que o patrono Teófilo possa verificar a solidez dos ensinamentos recebidos, a fiabilidade e credibilidade das palavras (*Lc* 1,4), porque assumirá a tarefa de financiar e divulgar o trabalho de Lucas. As nações a quem a salvação de Deus é enviada ouvirão (*Act* 28,28), mas é preciso esclarecer o essencial da mensagem.

Lucas escreveu, portanto, uma biografia (Evangelho) e um livro de história (*Actos dos Apóstolos*) para apresentar o movimento cristão como um relato de origem, como a história de Adão e Eva (*Gn* 2-3), a vocação de Abraão (*Gen* 12) ou a travessia do Mar Vermelho (*Ex* 14), a saída do Egipto. Os *Actos dos Apóstolos* podem ser divididos em duas partes: a missão aos judeus (*Act* 1,1–15.35) e a evangelização dos gentios (*Act* 15,36–28.31). O que é importante notar desde já é o testemunho e o caminho da Palavra de Deus de Jerusalém para Roma; este é também o plano dos *Actos dos Apóstolos*. Podemos também distinguir no texto de *Actos* um ciclo de Pedro (*Act* 1–12) e um ciclo de Paulo (*Act* 13–28), mas a chave para a organização da narrativa é inspirada pelo comando do Ressuscitado: “Recebereis poder quando o Espírito Santo vier sobre vós; e sereis minhas testemunhas em Jerusalém, em toda a Judeia e Samaria, e até aos confins da terra (*Act* 1,8). Nesta organização geográfica, notemos várias etapas, incluindo a expectativa do Espírito (*Act* 1,1-

26), a comunidade de Jerusalém em torno dos Doze (*Act* 2,1–8,1a), a missão de Paulo (*Act* 15,36–21,14) e a sua viagem de Jerusalém a Roma.

Um esquema kerigmático está presente nos discursos dos apóstolos, especialmente nos de Pedro e Paulo, que podemos resumir como se segue: Jesus que vós matastes – Ele foi ressuscitado por Deus – foi o Deus de Israel que o exaltou – nós somos Suas testemunhas. De facto, Deus deu testemunho de Seu Filho e atestou a verdade do que Ele disse e fez (*Jo* 3,11; 5,32.37; 8,18; *1 Jo* 5,9s). O Filho dá testemunho do Pai dando-O a conhecer à humanidade (*Jo* 1,7,19; 3,11.32s; 18,37). O Pai testemunha a fé dos gentios pelo Espírito Santo, que lhes foi dado a eles e aos apóstolos (*Act* 15,8; *Jo* 15,26). Os discursos, 24 no total segundo os especialistas, ocupam mais de um terço do livro dos *Actos dos Apóstolos*. É necessário dar testemunho de Jesus, o Cristo, falar dele, falar do seu Nome que significa: *Deus salva, Deus-connosco*.

Lucas é um historiador ao longo de todo o seu livro. No início do livro, Jesus concentra a atenção dos discípulos na tarefa em mãos: “Não vos pertence saber os tempos ou as estações que o Pai estabeleceu pelo Seu próprio poder (...) e ser-me-eis testemunhas” (*Act* 1,7s; 2,1s; 3,15). O que significa para os cristãos *ser testemunhas hoje em dia*? A fé dos discípulos deve ser mobilizada tendo em vista o *testemunho que deve ser implementado na história*; entre a Ascensão e a *Parousia* deve haver um tempo em que a fidelidade já não é simplesmente um esperar pelo Reino, mas sobretudo trabalhar para difundir a Palavra. É uma questão de *valorização do presente e do futuro*; é o tempo da Igreja, do testemunho e da missão. Temos de proclamar o Nome que por si só salva plenamente.

É estabelecida uma forte ligação entre as personagens da história e Jesus, entre Jesus e as testemunhas; além disso, as testemunhas estão ligadas umas às outras. A Igreja é comunhão! Assim, o martírio de Estêvão é modelado sobre a morte de Jesus (*Act* 7,55-60; *Lc* 23,34-46). É estabelecida uma forte ligação entre Jesus, Pedro e Paulo. Eles curam como Jesus curava (*Lc* 5,18-25; *Act* 3,1-8; 14,8-10). Eles pregam e suportam a hostilidade dos judeus como Jesus; como Ele sofrem e são ameaçados de morte (*Act* 12; 21). Paulo é julgado como Jesus (*Act* 21–26). Tal como o seu Mestre, Pedro e Paulo são, no fim das suas vidas, objecto de uma libertação milagrosa (*Act* 12,6-17; 24,27–28,6). Existe um destino semelhante entre Cristo e as Suas testemunhas; é pelo nome de Jesus que os apóstolos sofrem (*Act* 5,41; 21,13). Ontem como hoje, os cristãos sofrem e são perseguidos por causa da sua fé em Jesus, por causa do Nome de Jesus.

O Nome equivale aqui à própria pessoa de Jesus ressuscitado. É o Nome que traz a salvação aos homens, do qual os milagres são apenas a imagem; é Nele que os crentes são baptizados: “Convertei-vos, e cada um de vós seja baptizado em nome de Jesus Cristo para o perdão dos vossos pecados, e recebereis o dom do Espírito Santo” (*Act* 2,38). O nome dado a Jesus, crucificado e ressuscitado, está acima de qualquer nome (*Fil* 2,9s; *Act* 3,16; 4,12) e deve ser proclamado. A fé em Jesus é necessária para os milagres (*Act* 3,5; *Lc* 17,6; *1 Cor* 12,9; 13,2). O milagre de Pentecostes prefigura a proclamação da Palavra a todos os povos (*Act* 2,5-11); o Espírito provoca o baptismo do eunuco etíope em Samaria (*Act* 8,26-40); a barreira milenar de puro e impuro cai no encontro entre Pedro e Cornélio, onde o Espírito toma posse dos presentes, abrindo caminho ao seu baptismo (*Act* 10,47).

Como testemunhas de Cristo, somos convidados a falar dele e a agir em Seu nome. Pensemos nos sacramentos, mas também em todas as circunstâncias em que damos testemunho por palavras e actos. Como cristãos, somos testemunhas pelo que dizemos sobre Cristo, a “testemunha fiel” (*Ap* 1,5; 3,14; *Col* 1,24), bem como pelo que fazemos. O que fazemos muitas vezes fala mais alto do que aquilo que dizemos. Na sua mensagem para o Dia Mundial das Missões de 2021, o Papa Francisco diz o seguinte sobre a proclamação libertadora do Evangelho: “Possuímos o testemunho vivo de tudo isto nos *Actos dos Apóstolos*, livro que os discípulos missionários sempre têm à mão. É o livro que mostra como o perfume do Evangelho se difundiu à passagem deles, suscitando aquela alegria que só o Espírito nos pode dar. O livro dos *Actos dos Apóstolos* ensina-nos a viver as provações unindo-nos a Cristo...” É importante compreender que

Lucas escreve uma história dos apóstolos na sequência da de Jesus, afirmando que a acção de Cristo continua através das suas testemunhas. A revelação também inclui a história das testemunhas. Eles devem também difundir o perfume do Evangelho por onde passam.

O Papa Francisco convida-nos a viver, com todos, a “gratuidade fraterna” (*Fratelli Tutti*, n.º 140), porque o Deus manifestado em Jesus Cristo “dá de graça, chegando ao ponto de ajudar mesmo os que não são fiéis e ‘fazer com que o Sol se levante sobre os bons e os maus’.” (*Fratelli Tutti*, n.º 140). Somos convidados a testemunhar o Senhor Jesus, o amor de Deus manifestado no nosso mundo (*Mt* 5,45; 10,8). Amemos a Deus e amemos os nossos irmãos e irmãs, todas as pessoas que precisam de amor. Vamos dar à Igreja os meios para a sua missão, para que ela possa continuar, em todo o lado, a oferecer Cristo livremente e de várias maneiras a todos os seres humanos. Vamos dar à Igreja os meios para continuar a trabalhar pela paz, para abrir caminhos de diálogo com todos. Demos à nossa Igreja os meios para continuar a curar os doentes, para celebrar os sacramentos, para falar do Senhor que sustenta todos os que caem e levanta todos os que estão sobrecarregados. Oremos a Deus, Pai Nosso, para que mostre a Sua proximidade a todos aqueles que o invocam em verdade. Que Ele responda ao desejo daqueles que O temem e ouça os nossos gritos, os gritos dos pobres, dos pecadores e dos missionários que somos todos. Que Ele nos mantenha na Sua paz, no Seu amor, pois Ele ama-nos. Que Ele fortaleça a nossa fé em Jesus Cristo e que o Espírito Santo nos seja dado em abundância para que sejamos testemunhas credíveis, apaixonadas por Cristo. E que sejamos muitos a proclamar os louvores deste Deus, Pai-Filho-Espírito. Bendito seja o Seu nome hoje e para sempre.

Quarta-feira, 19 de Outubro de 2022

S. João de Brébeuf e S. Isaac Jogues, presbíteros e seus companheiros, mártires (MF); S. Paulo da Cruz, presbítero (MF)

Ef 3,2-12; *Is* 12,2.4bcde-5abc-6; *Lc* 12,39-48

Meditação

A última frase do Evangelho de hoje capta a nossa atenção: “A quem muito foi dado, muito será exigido; a quem muito foi confiado, mais se lhe pedirá.” Que temos nós sem que o tenhamos recebido do Senhor? Nada. Tudo vem do Senhor: os nossos pais, a nossa vida, o que adquirimos no decurso da nossa vida, educação, formação, bens materiais e espirituais e, claro, o que cada um de nós se tornou. A questão é: o que é que fizemos com tudo o que recebemos?

Jesus pede-nos para não imitarmos o servo que não se importa com o regresso do seu Senhor. Ouçamos mais uma vez: “Se aquele servo disser consigo mesmo: ‘O meu senhor tarda em vir’; e começar a bater em servos e servas, a comer, a beber e a embriagar-se, o senhor daquele servo chegará no dia em que menos espera e a horas que ele não sabe; ele o expulsará e fará que tenha a sorte dos infieis.” Claro que podemos pensar no fim do mundo, mas parece-me que é todos os dias que o Senhor vem até nós, que nos desafia e nos pergunta se ainda estamos ao serviço. Estamos ao serviço de Deus, da Igreja, dos nossos irmãos e irmãs?

Nos relatos e discursos evangélicos, não encontramos nenhum convite particular ao trabalho ou quaisquer directivas relativas ao trabalho. Mas diz-se que Jesus era um “carpinteiro” (*Mc* 6,3), o filho de um carpinteiro (*Mt* 13,55). Os seus primeiros discípulos foram pescadores (*Mc* 1,16-20), um era cobrador de impostos (*Mc* 2,14). Ele vai passar de uma profissão aprendida com o pai, e cuja função era assegurar a subsistência da família, para uma responsabilidade suscitada por uma “vocação” carismática, promovida por Deus ou por um dos seus porta-vozes, de modo a criar uma nova actividade para o bem das multidões, um pouco como Moisés, David e outros líderes de Israel. Pensemos em Eliseu e Amós, agricultores ou criadores de gado, que se tornaram profetas. Também os apóstolos mudaram as suas vidas profissionais por causa do encontro com Jesus, o Cristo. Isto não é uma espécie de promoção, de acordo com parâmetros humanos. Pelo contrário, é um apelo a tornar-se “servos” do Senhor para uma obra de natureza espiritual, que envolverá perseguição (*Mt* 5,11-12), humilhação (*Mt* 23,11-12) e mesmo o dom da vida (*Mt* 16,25; 23,34-35).

Nas parábolas, são mencionados vários tipos de trabalho: o semeador (*Mt 13,3*), o trabalhador agrícola (*Mt 20,1*), o comerciante de pérolas (*Mt 13,45*), o encarregado (*Mt 24,45*), o administrador (*Lc 16,1*), mas também a dona de casa que amassa a farinha (*Mt 13,33*). Há um encorajamento a amar a assiduidade ao trabalho, juntamente com a atenção e a sabedoria, qualidades que tornam o servo fiável (*Mt 8,9; 24,45; 25,21*). Também é encorajado um sentimento de confiança num resultado seguro, resultado de um trabalho bem feito (*Mt 7,24-25; 24,46; 25,29*). Não há nenhum mérito a fazer-se valer diante de Deus, pois cada um deve considerar-se um “servo inútil”, contente simplesmente por ter cumprido o seu dever (*Lc 17,10*).

Será que devemos falar sobre os ministérios de ensino e de cura que os discípulos devem levar a cabo no seguimento de Jesus? (*Mt 9,37-38; Jo 5,17; 9,4*). Devemos comparar esse trabalho com o do lavrador, do semeador, do ceifeiro, do pastor ou do pecador? Este trabalho produz frutos pelos quais é esperado um salário, uma recompensa pelo serviço prestado (*Mt 10,10; 20,2; Lc 10,7*). Mas trata-se mesmo de uma metáfora? Os compromissos de natureza espiritual são valorizados. O Mestre dirige o desejo para recompensas celestiais duradouras que encham de felicidade suprema. Devemos ir além das críticas de *Qohelet* sobre a vaidade da actividade humana. “Se alguém não quer trabalhar, também não deve comer” (*2 Ts 3,10*). Este é o conselho do apóstolo Paulo. Quem rouba, que não roube mais; pelo contrário, que se dê ao trabalho de trabalhar honestamente com as mãos, para que possa ter algo para partilhar com os necessitados (*Ef 4,28*). Devemos não só providenciar para nós próprios, mas também partilhar com os outros, especialmente com aqueles que estão em desvantagem. Nesta área, Paulo apresenta-se como um exemplo a ser emulado. Na realidade, a obra de Cristo e dos discípulos imita a do próprio Deus (*Jo 4,34; 5,17; 17,4*). Torna-se um modelo inspirador para cada sector e modalidade de trabalho humano, introduzindo em particular o princípio do “serviço” (*Lc 22,26-27; Jo 13,13-17*), da “gratuidade” (*Mt 10,8; 2 Cor 11,7*), mas também da renúncia à acumulação de bens (*Mt 10,10*). A generosidade é fortemente desejada, porque permite que outros beneficiem do fruto do nosso trabalho (*Mt 19,21*). Não será esta partilha um sinal claro de amor?

O trabalho assumido como um “serviço” (*diakonia*) e ordenado pelo Senhor dá frutos para todos (*1 Cor 9,22*). É, por isso, importante ter colaboradores, bons colaboradores na preciosa tarefa de anunciar o Evangelho, os quais são em última análise “colaboradores de Deus” (*1 Cor 3,9; Mc 16,20*). O trabalho missionário pode ser comparado ao trabalho agrícola (*1 Cor 3,5-9*) e/ou de construção (*1 Cor 3,10-14*). Mas há que reconhecer que só Deus faz crescer a planta (*1 Cor 3,7*). Só Cristo é a base sólida do edifício que é a Igreja (*1 Cor 3,11*).

Por isso, é importante dar graças ao Senhor quando somos bem sucedidos nos nossos esforços: “Dai graças ao Senhor, proclamai o Seu nome, proclamai as Suas grandes obras entre os povos!” Repeti: “Sublime é o seu nome!” Deus escolheu-nos para cooperar na Sua missão, na *Missio Dei*, apesar de sermos frágeis, pecadores e pequenos. Escutai Paulo: “Deste Evangelho me tornei ministro, pelo dom da graça que Deus me concedeu pela força do Seu poder. A mim, o último de todos os santos, foi concedida a graça de anunciar aos gentios a insondável riqueza de Cristo.” Demos graças e que o Senhor continue a encher-nos com os Seus dons, com o seu Espírito que nos tornará operários e missionários extraordinários nas pegadas de Paulo, Pedro, João Paulo II, Bento XVI, o Papa Francisco e todas as testemunhas de Cristo Jesus.

Quinta-feira, 20 de Outubro de 2022

Ef 3,14-21; Sal 32; Lc 12,49-53

Meditação

O desejo de Paulo para os Efésios é crucial para as vidas daqueles que optaram por Cristo. Abramos os nossos corações para compreender. “Que Cristo habite pela fé em vossos corações. Assim, profundamente enraizados na caridade, podereis compreender, com todos os santos, a largura, o comprimento, a altura e a profundidade do amor de Cristo, que ultrapassa todo o conhecimento, para que sejais totalmente saciados na plenitude de Deus.” Que Cristo habite em

vós, nos vossos corações, pela fé. Permanecei enraizado no amor. Todos são convidados a optar por Jesus, a escolher o amor. Não será este o fundamento da vida cristã? Mas devemos estar conscientes de que o fogo do amor pode dividir. Aqueles que optam por Jesus podem ser confrontados com aqueles que rejeitam Jesus ou que não o aceitam totalmente.

Uma reflexão sobre o amor é como uma “pescadinha de rabo na boca”. Com efeito, se Cristo habita nos nossos corações, viveremos no amor. Do mesmo modo, se vivemos no amor, Cristo vive em nós. Porquê? Porque Deus é amor. Não são Amor e Misericórdia os nomes que melhor se adequam a Deus? Deus revela-se a Adão e Eva cheio de bondade. Quer dar-lhes vida em plenitude; quer empenhar-se num diálogo amoroso com eles. O mistério da sua bondade manifesta-se na Sua misericórdia para com o pecador e nas suas promessas de salvação. Gradualmente, os laços de amor que unem Deus e o homem são restabelecidos. Ao escolher Abraão de entre os pagãos para se tornar Seu amigo, Deus expressa o seu amor sob a forma de amizade. Abraão torna-se o confidente de Deus; Deus revela-lhe os seus segredos e planos. Abraão compreende e responde às exigências do amor divino. Mas depois de deixar a sua pátria devido à chamada de Deus (*Gen 12,1*), deve entrar mais profundamente no mistério do temor de Deus, que é amor. Não será ele convidado a sacrificar o seu único filho, e talvez com ele o seu amor humano? “Toma o teu filho, a quem amas” (*Gen 22,2*). Quando o crente descobre que Deus o ama, ele entra na lógica do salmista. Como ele pode dizer: “Cantai-lhe um cântico novo, cantai-lhe com arte e com alma. A palavra do Senhor é recta; da fidelidade nascem as Sua obras. Ele ama a justiça e a rectidão; a terra está cheia da bondade do Senhor.” Deus escolheu Abraão, mas Ele chama várias outras pessoas a quem revela as exigências do Seu amor.

Moisés não tem de sacrificar o seu filho, mas todo o seu povo é posto à prova, até mesmo em questão, pelo conflito entre a santidade divina e o pecado. Moisés deve crescer na intimidade com Deus. Ele fala com Deus como com um amigo. Deus revela-lhe a Sua ternura, um amor que, sem sacrificar nada da santidade, é misericórdia. Na mesma lógica, os profetas terão de lembrar ao povo que devem preferir o amor de Deus ao culto dos ídolos. De facto, devem recordar-lhes que o amor de Deus por Israel é gratuito. Israel deve, portanto, amar a Deus com todo o seu coração, e este amor deve ser expresso em actos de adoração e obediência que envolvam uma escolha radical, uma separação cara. Isso só é realmente possível se Deus vier pessoalmente para circuncidar o coração de Israel e torná-lo capaz de amar. Gradualmente Israel e todos os judeus piedosos compreenderão que devem meditar sobre a Palavra de Deus e tomar consciência de serem amados por um Deus cuja fidelidade misericordiosa à Aliança deve ser cantada. Devemos cantar a bondade, a graça e a ternura de Deus (*Sal 86,15*, *Sab 15,1*). Temos de amar a Deus de todo o coração e, para o provar, por vezes temos de aceitar ir até ao martírio, como aconteceu na época dos Macabeus, mas também com Jesus, os apóstolos e ao longo de toda a história da Igreja.

Na cruz, o amor revela a sua intensidade e drama de uma forma decisiva. Ao longo do Evangelho, há uma divisão entre aqueles que aceitam e aqueles que recusam este amor, em face do qual não se pode permanecer neutro. Amar Jesus é manter a Sua palavra na Sua totalidade e segui-l’O renunciando a tudo (*Mc 10,17-21*; *Lc 14,25ss*; *Jo 6,60-71*). Através da cruz, Deus é plenamente glorificado (*Jo 17,4*), “o homem Jesus” (*1 Tim 2,5*), e com Ele toda a humanidade, merece ser amado por Deus sem reservas (*Jo 10,17*; *Fil 2,9ss*). Deus e o homem comungam em unidade, segundo a última oração de Jesus (*Jo 17*). O homem é chamado a amar e mesmo a sacrificar-se no seguimento de Jesus, o Cristo (*Jo 17,19*). Cada pessoa precisa do Espírito para poder dizer “Abba, Pai” (*Rom 8,15*), “Amén, sim, é verdade” (*2 Cor 1,20*) e para glorificar Cristo (*Jo 16,14*). Deste modo, é derramado em nós um amor (*Rom 5,5*) que nos impele (*2 Cor 5,14*), um amor do qual nada nos pode separar (*Rom 8,35-39*) e que nos prepara para o encontro definitivo do amor quando “conheceremos como somos conhecidos” (*1 Cor 13,12*). Que alegria descobrir que Deus nos ama e que os Seus nomes são Amor e Misericórdia!

O cristão é assim conduzido pelo Espírito a viver com o seu Senhor num diálogo de amor. Ao fazê-lo, ele ou ela aproxima-se do próprio mistério de Deus. Este Deus fala, chama, age, e através deste

caminho de diálogo, o homem ganha acesso a um conhecimento mais profundo e espiritual. Ao dar o Seu Filho, Deus revela que é Ele quem dá os Seus benefícios e Se dá a Si próprio por amor (*Rom 8,32*). Vivendo com o seu Pai num diálogo de amor absoluto, revelando que Ele e o Pai são “um” desde toda a eternidade (*Jo 10,30; Mt 11,27*), Jesus manifesta que Ele é Deus, como Filho único que está no seio do Pai e que nos faz conhecer Deus, o Ser que ninguém jamais viu (*Jo 1,18*). Este Deus é Ele e o seu Pai na unidade do Espírito, o Deus de Amor. Sim, Deus é amor (*1 Jo 4,8.16*), como São João explica tão bem.

A palavra Amor é a única palavra que nos pode dar um vislumbre do mistério de Deus-Trindade, o dom recíproco e eterno do Pai, do Filho e do Espírito. Compreendemos, portanto, que o amor ao próximo não é mera filantropia. É religioso; é religioso devido ao seu modelo: o próprio amor de Deus (*Mt 5,44ss; Ef 5,1ss.25; 1Jo 4,11ss*). O amor é a obra de Deus em nós. Poderíamos ser misericordiosos como o Pai celestial (*Lc 6,36*), se o Pai não nos ensinasse (*1 Ts 4,9*), se o Espírito não derramasse amor nos nossos corações (*Rom 5,5; 15,30*)? Amando os nossos irmãos e irmãs, amamos o próprio Senhor (*Mt 25,40*), pois todos juntos formamos o Corpo de Cristo (*Rom 12,5-10; 1 Cor 12,12-27*). Através do amor, da caridade, o crente permanece em comunhão com Deus (*1 Jo 4,7-5,4*). A oração de Jesus é expressa da seguinte forma: “Que o amor com que Me amastes esteja neles e eu neles” (*Jo 17,26*). Este amor fraterno que os discípulos missionários tentam viver é o testemunho através do qual o mundo pode reconhecer Jesus como O enviado do Pai (*Jo 17,21*). “Nisto saberão todos que sois meus discípulos: se tiverdes amor uns pelos outros” (*Jo 13,35*). Devemos certamente proclamar Cristo, mas devemos também testemunhá-lo através do amor fraterno, da atenção aos pobres e aos pequenos, do perdão, da misericórdia e da caridade, praticando, em particular, as obras de misericórdia: aconselhar quem tem dúvida; ensinar os ignorantes; corrigir os que erram; consolar os tristes; perdoar as injúrias; Sofrer com paciência as fraquezas do nosso próximo; Rogar a Deus por vivos e defuntos.

Sexta-feira, 21 de Outubro de 2022

Ef 4,1-6; Sal 23; Lc 12,54-59

Meditação

As palavras de Paulo aos Efésios merecem ser escutadas mais uma vez: “Procedei com toda a humildade, mansidão e paciência; suportai-vos uns aos outros com caridade; empenhai-vos em manter a unidade de espírito pelo vínculo da paz. Há um só Corpo e um só Espírito, como existe uma só esperança na vida a que fostes chamados. Há um só Senhor, uma só fé, um só Baptismo. Há um só Deus e Pai de todos, que está acima de todos, actua em todos e em todos Se encontra.”

O vínculo da paz é importante, porque a paz é um dom de Deus. A paz é também o sinal da justiça. Ela favorece o caminho para a paz, e por isso a articulação entre elas deve ser tida em conta. A paz não é apenas um sinal de felicidade; ela deve ser vista como um bem espiritual, devido à sua origem celestial. Quem confia em Deus pode repousar em paz (*Sal 4,9; Is 26,3*). Na oração confiante, o homem pode obtê-la. Mas a paz também se obtém através da luta pela justiça; é uma luta pela esperança. Uma aliança de paz será celebrada e Deus será com Seu povo (*Jer 29,11; Ez 34,25-30; 37,26*). Isaías sonha com o Príncipe da Paz (*Is 9,5*) que dará a paz sem fim (*Is 9,6*), abrirá um novo paraíso, pois Ele será a Paz (*Mt 5,4*). Com o Príncipe da Paz, as nações viverão em paz (*Is 2,2; 11,1; 32,15-20*).

Quem ama a lei do Senhor tem muita paz, no seu caminho não há tropeços (*Sal 119,165*). As almas dos justos estão nas mãos de Deus... Aos olhos dos insensatos, eles parecem mortos, mas estão em paz (*Sab 3,1ss*). Eles estão na plenitude dos bens e na comunhão do doador. Eles estão na bem-aventurança. A esperança dos profetas e dos sábios torna-se uma realidade em Jesus Cristo, pois o pecado é vencido n'Ele e através d'Ele. Mas até que o pecado esteja morto em cada homem, até que o Senhor venha no último dia, a paz permanece um bem futuro, a conquistar, a acolher. O autor do salmo tem razão ao perguntar: “Quem poderá subir à montanha do Senhor e habitar no Seu santuário? O que tem as mãos inocentes e o coração puro, que não invocou o Seu

nome em vão, nem jurou falso. Este será abençoado pelo Senhor e recompensado por Deus, Seu Salvador” (*Sal* 23).

O evangelista Lucas retrata um rei pacífico e justo. Ao Seu nascimento, os anjos anunciaram a paz ao povo que Deus ama (*Lc* 2,14). O desejo da paz terrena torna-se o anúncio da salvação. Como um bom judeu, Jesus diz: “Vai em paz”, mas com esta palavra Ele devolve a saúde à mulher que sofria de uma hemorragia (8,48), perdoa os pecados à pecadora arrependida (7,50), afirmando assim a Sua vitória sobre o poder da doença e do pecado. Tal como Ele, os discípulos oferecem às cidades, com a sua saudação de paz, a salvação em Jesus (10,5-9). Finalmente, Deus anunciou a paz através de Jesus Cristo ao revelar-Se o Senhor de todos (10,36). Com Paulo, a paz é oferecida a cada um de nós, ao nosso coração (*Col* 3,15), graças ao Espírito que tece um forte vínculo entre nós (*Ef* 4,3). Todo o crente, justificado por meio de Jesus Cristo, está em paz com Deus (*Rom* 5,1), o Deus de amor e de paz (2 *Cor* 13,11) que o santifica inteiramente (1 *Ts* 5,23).

Como a caridade e a alegria, a paz é fruto do Espírito (*Gal* 5,22; *Rom* 14,17); ela é a vida eterna antecipada aqui na terra. Ela ultrapassa todo o entendimento (*Fil* 4,7), irradia sobre os nossos relacionamentos humanos (1 *Cor* 7,15; *Rom* 12,18; 2 *Tim* 2,22) até ao Dia em que o Deus da paz que ressuscitou Jesus (*Heb* 13,20), tendo destruído Satanás (*Rom* 16,20), restabelecerá todas as coisas à sua integridade original. Lucas tem razão em dar este conselho àqueles que procuram a paz: “quando fores com o teu adversário ao magistrado, esforça-te por te entenderes com ele no caminho, para que ele não te arraste ao juiz e o juiz te entregue ao oficial de justiça e o oficial de justiça te meta na prisão.” Lucas tem razão e, de facto, este é o conselho do Senhor Jesus. A partir do momento em que iniciamos os procedimentos e as acusações, e vamos à presença de juizes, a busca da paz torna-se cada vez mais difícil. Porque não simplesmente encontrar soluções entre irmãos e irmãs cristãos, no seio da comunidade cristã? Porque não optar por uma busca comum da paz, entre fiéis e mesmo entre pessoas de diferentes convicções religiosas? Porque não orientar-se verso uma gratuidade fraterna, no diálogo, pensando no único criador, Deus “nosso Pai”? (Pierre Diarra, *Gratuité fraternelle au coeur du dialogue. Rencontres entre chrétiens et adeptes des religions des ancêtres*, Paris, Karthala, 2021, p. 289).

Para João, como para Paulo, a paz é o fruto do sacrifício de Jesus (*Jo* 16,33). É diferente da paz deste mundo. Tal como na Primeira Aliança, a presença de Deus entre o Seu povo é o bem supremo da paz (*Lev* 26,12; *Ez* 37,26). Para João, a presença de Jesus é a fonte e a realidade da paz. Quando Jesus percebe a tristeza dos Seus discípulos, diz-lhes: “Deixo-vos a paz; a minha paz vos dou” (*Jo* 14,27). Esta paz já não está ligada à Sua presença corporal, mas sim à Sua vitória sobre o mundo. Assim, vitorioso sobre a morte, Jesus dá, com a Sua paz, o Espírito Santo e poder sobre o pecado (*Jo* 20,19-23). O cristão aspira a realizar a bem-aventurança: “Bem-aventurados os pacificadores” (*Mt* 5,9), porque é viver como Deus, é ser filho de Deus no Filho único, Jesus. É por isso que o cristão trabalha aqui na terra para estabelecer a concórdia e a tranquilidade. Jesus deve ser proposto em todo o mundo, a fim de esperar uma paz universal, construída sobre o amor e a justiça, enraizada no Deus-Amor. Devemos propor a Igreja, povo de Deus, Corpo de Cristo, que ultrapassa as diferenças, as exclusões e as separações de todo o tipo, propondo a todos a paz, a justiça e amor. Mas estas palavras não podem ser totalmente compreendidas se não referidas ao Deus-Amor.

Deus, o Deus de Jesus Cristo, doa a paz, pois é a paz que elimina o pecado, a fonte de toda a divisão. O que Deus diz é a paz, a felicidade e a fidelidade (*Sal* 85,9-14). Sim, o próprio Deus nos dá a felicidade ao conceder-nos a paz. Vivendo pelo Espírito, o discípulo segue o seu Senhor e, como Ele, a justiça irá à sua frente e a paz seguirá os seus passos. O Senhor Jesus é a nossa paz, e é Ele que devemos acolher e propor aos nossos contemporâneos, não só por palavras, mas também pelo testemunho das nossas vidas, pelas nossas acções. Rezemos para que o Senhor nos conserve na Sua paz, no Seu amor. Que o Espírito de paz nos seja dado em abundância, para que possamos ter muita humildade, mansidão e paciência para ir ao encontro dos outros e construir com eles a paz. Rezemos para que possamos suportar-nos uns aos outros com amor e

crescer juntos em santidade. Que o Espírito nos seja dado em abundância para que possamos ter o cuidado de manter a unidade pelo vínculo da paz.

Sábado, 22 de Outubro de 2022

S. João Paulo II, Papa (MF)

Ef 4,7-16; Sal 121; Lc 13,1-9

Meditação

A grande figura do Papa João Paulo II e os textos do dia permitem-nos meditar sobre questões antropológicas e teológicas. O Evangelho põe-nos diante da questão do mal e da responsabilidade dos seres humanos pelo que lhes acontece. “Julgais que, por terem sofrido tal castigo, esses galileus eram mais pecadores do que todos os outros galileus? Eu digo-vos que não. E se não vos arrependerdes, morrereis todos do mesmo modo.” Vamos procurar entender bem esta frase: “Se não vos arrependerdes, morrereis todos do mesmo modo.”

Antes de evidenciar algumas ideias sobre este apelo à conversão, pensemos em São João Paulo II e em tudo o que ele fez, como Papa, pela Igreja e pelo mundo. Mencionemos simplesmente alguns pontos sobre o primeiro grupo de encíclicas que se referem à Trindade: *Redemptor Hominis* (1979), *Dives in Misericordia* (1980) e *Dominum et Vivificantem* (1986). Poderíamos também ter evidenciado algumas ideias das encíclicas sociais ou das encíclicas eclesiológicas ou das encíclicas em que a temática antropológica é desenvolvida sob diversos aspectos. Mas estes grupos de encíclicas já estão contidos no programa das encíclicas em que a Trindade e a fé são discutidas, que são o foco da nossa atenção.

A *Redemptor Hominis* é o ponto de partida para todas as outras: o tema da verdade e do vínculo entre verdade e liberdade, no entendimento de que a verdade pode ser vista como uma pretensão e o oposto da liberdade. A paixão ecuménica do Papa já é evidente neste primeiro grande texto magisterial. Os grandes temas ligados à Eucaristia, como o sacrifício, a redenção e a penitência, estão presentes. Acrescentemos também o mandamento “não matarás”, sem esquecer o vínculo entre a Igreja e Cristo, orientando-o em direcção ao futuro. A Igreja é convidada a abrir-se a um novo período de fé. O profundo desejo do Papa é pedir ao Senhor que nos dê um novo dom da fé e da plenitude de vida, um novo Pentecostes, daí a invocação do Espírito Santo: “Vem Espírito Santo, vem!”

A questão que está implícita é esta: “Quem é o homem?” Por detrás desta pergunta surge a questão da redenção: como pode o homem viver? Quem é capaz de nos ensinar a viver? Materialismo, marxismo ou cristianismo? Como podemos mostrar às pessoas o caminho da vida e fazer compreender, tanto aos que crêem quanto aos que não crêem que as suas perguntas são também as nossas perguntas e que, perante o dilema do homem de hoje como do de ontem, Pedro tinha razão quando disse ao Senhor: “Senhor, a quem iremos nós? Só tu tens palavras de vida eterna” (Jo 6,68).

A primeira encíclica de João Paulo II gira em torno da questão do homem, com esta frase forte: “O homem é a primeira e fundamental via da Igreja.” Esta frase tornou-se quase um lema. Esquece-se frequentemente que pouco antes, o Papa tinha dito: “Jesus Cristo é o caminho principal da Igreja; Ele é o nosso caminho para a casa do Pai” (cf. Jo 14,1s) e “é também o caminho até cada homem.” A citação continua dizendo “... via traçada pelo próprio Cristo e via que imutavelmente conduz através do mistério da Encarnação e da Redenção.”

Antropologia e cristologia são, para o Papa, inseparáveis. Quem é o homem e onde deve ir para encontrar a vida? Isto é precisamente o que apareceu em Cristo. Ele é “um com cada homem”; não deve, portanto, ser reduzido a um exemplo de como se deve viver. Ele não é apenas a imagem de uma existência humana. Ele encontra-nos a partir do interior, na raiz da nossa existência, tornando-se assim, a partir de dentro, o caminho para o homem. Quebra o isolamento do “eu”. Ele é a

garantia da dignidade indestrutível de cada indivíduo e, ao mesmo tempo, ele é aquele que supera o individualismo numa comunicação à qual aspira toda a natureza do homem. A questão do homem não pode ser dissociada da questão de Deus.

O tema de Deus-Pai aparece escondido em primeiro lugar sob o título “*Dives in Misericordia*”. Pôr a misericórdia de Deus no centro da fé e da vida cristã foi o grande desejo da Irmã Faustina Kowalska, a freira de Cracóvia. São Bernardo escreveu: “Deus não pode sofrer, mas pode compadecer-se.” A encíclica sobre Deus-Pai é colocada sob o tema da misericórdia divina, sendo o primeiro subtítulo da encíclica, “Quem Me vê, vê o Pai” (Jo 14,9). Ver Cristo significa ver Deus misericordioso. A misericórdia de Deus tem as características do amor materno. Note-se também a interpretação profunda da parábola do filho pródigo ou do filho reencontrado (Lc 15,11-32), na qual a imagem do Pai brilha em toda a sua grandiosidade e beleza.

Quanto à encíclica sobre o Espírito Santo, na qual aparece o tema da verdade e da consciência, devemos lembrar que o Espírito é um dom, “um dom da verdade e da consciência e um dom da certeza da redenção” (n.º 31). Na raiz do pecado está a mentira, a recusa da verdade. “A ‘desobediência’ como dimensão originária do pecado significa *recusa desta fonte* (lei eterna), pela pretensão da parte do homem de se tornar fonte autônoma e exclusiva para decidir sobre o bem e o mal.” A perspectiva fundamental de “*Veritatis Splendor*” aparece aqui em toda a sua evidência. Esta encíclica sobre o Espírito Santo não se detém no diagnóstico do nosso estar em perigo, mas publica-a para abrir o caminho para a cura. Na conversão, a preocupação da consciência transforma-se em amor que cura, que sabe sofrer: “O dispensador escondido desta força de salvação é o Espírito Santo.”

Para concluir esta meditação, recordemos algumas ideias que nos encorajam à conversão. Não esqueçamos que a misericórdia é o caminho que une Deus e o homem, para que ele abra o seu coração à esperança de ser amado para sempre, apesar dos limites do seu pecado. Jesus aparece como um pregador de conversão: “Convertei-vos, porque o Reino de Deus está próximo” (Mt 4,17). Ele convida-nos a uma renovação total, a uma revolução interior e exterior exigida pela vinda do Reino. Deus nosso Pai está cheio de ternura e misericórdia, lento à ira e cheio de amor e verdade. Podemos voltar-nos para Ele com toda a confiança para Lhe pedir perdão. De facto, Jesus acolhe os pecadores e revela a misericórdia de Deus. Pensemos no paralítico (Mt 9,1-7), na mulher pecadora (Lc 7,44-50), que nos recordam que Jesus veio não para justos, mas para os pecadores (Mc 2,17). Não esqueçamos a alegria de Deus por um só pecador que se arrepende (Lc 15,7.10). Ensinando sobre a reconciliação, Jesus fala-nos da ovelha perdida e do bom pastor (Mt 18,12-14; Lc 15,4-7), do filho pródigo e do seu pai (Lc 15,11-32) e mesmo do regresso ao espírito da criança (Mt 18,3).

O homem que se desviou e a mulher que se perdeu são convidados a regressar a Deus, que se manifesta como Pai. Os apóstolos, a Igreja, os sacerdotes receberam a ordem e o poder de reconciliação de Jesus; também receberam de Jesus o poder de perdoar os pecados. Este poder de “ligar e desligar” remete para as exigências do arrependimento (Mt 16,19; 18,15-18; 1 Cor 5,1-13; 2 Cor 2,5-11; Act 2,38; 3,19; 22,16) e precisamos de estabelecer uma forte relação entre os sacramentos do Baptismo, da Eucaristia e da Reconciliação. Jesus morreu para a remissão dos pecados, a salvação de muitos. Deus quer que todos os seres humanos sejam salvos e cheguem ao conhecimento da verdade (1 Tm 2,4ss). Sabemos que o Mistério Pascal está no centro de todos os sacramentos, da vida da Igreja e de cada discípulo missionário. O Espírito Santo (Jo 20,22-23) é-nos dado a fim de que na Igreja, os sacerdotes nos perdoem os nossos pecados, nos ofereçam o perdão e a paz de Deus, e nos convidem à conversão e à misericórdia. “Perdoa-nos, Senhor, as nossas ofensas, assim como nós perdoamos a quem nos tem ofendido, e não nos deixeis cair em tentação. Livrai-nos do mal.” Que possamos acolher esta boa nova da misericórdia de Deus, esta boa nova do perdão de Deus em Jesus Cristo, esta boa nova que devemos oferecer aos nossos contemporâneos.

Domingo, 23 de Outubro de 2022

30º Domingo do Tempo Comum

Dia Mundial das Missões 2022

Ec 35,12-14.16-18; Sal 33; 2 Tm 4,6-8.16-18; Lc 18,9-14

Meditação

Na nossa meditação, que é um pouco mais longa do que o habitual, não podemos esquecer o tema da Semana Missionária Mundial, a saber: **Sereis minhas testemunhas** (Act 1,8). A que é que o cristão é chamado, se não a ser uma testemunha credível de Jesus Cristo? Somos remetidos aos *Actos dos Apóstolos* e à vida missionária dos primeiros cristãos. Jesus disse aos Seus apóstolos: “Não vos pertence saber os tempos ou as estações que o Pai estabeleceu pelo Seu próprio poder. Mas recebereis o poder do Espírito Santo, que há-de vir sobre vós; e **sereis minhas testemunhas**, em Jerusalém, em toda a Judeia e Samaria, e até aos confins da terra” (Act 1,7-8). Antes de esclarecer o que significa ser testemunha, recordemos o que o Papa Francisco escreveu: que os *Actos dos Apóstolos* é o livro que os discípulos missionários devem ter sempre à mão. É o livro que conta como a fragrância do Evangelho deve ser derramada à passagem do discípulo-missionário e suscita uma alegria que só o Espírito pode dar.

O que significa ser uma testemunha? Testemunhar o quê, quem, a quem e como? Testemunhar o que vimos e ouvimos, a saber, Jesus, crucificado e ressuscitado. Temos de estabelecer imediatamente a ligação entre testemunhas e mártires. A testemunha, tal como o mártir, pois estas duas palavras têm a mesma raiz, é aquela que, tendo estado presente num evento, pode dizer o que viu e ouviu, durante um julgamento, por exemplo. Mencionemos simplesmente que pode ser um objecto que serve de testemunho, de sinal, como uma estela é considerada uma testemunha histórica de um tratado de aliança. Quando falamos em *dar testemunho* ou *testemunhar em favor de alguém*, isso tem um significado muito forte. Podemos considerar as duas Tábuas da Lei como um forte sinal da Aliança concluída entre Israel e o seu Deus. Mas também poderíamos falar do testemunho entre familiares e amigos, de um estatuto e, claro, de Deus que chama homens e mulheres para darem testemunho d’Ele. Nós cristãos, somos convidados a dar testemunho do que vimos e ouvimos, a saber, de Cristo, mas mais precisamente da vida de Jesus, dos Seus milagres, dos Seus ensinamentos, da Sua atenção aos pecadores, aos pobres e aos pequenos, mas sobretudo da Sua morte e ressurreição, expressão do Amor da Trindade. Claro que não estávamos lá quando Jesus saiu do sepulcro, vitorioso sobre a morte, mas as testemunhas que O viram após a Sua ressurreição são credíveis e o seu testemunho chegou até nós. Muitos morreram como mártires, dando testemunho d’Ele: era impossível para eles permanecerem em silêncio; preferiram sofrer o martírio do que não testemunhá-l’O.

Cada um de nós fez a experiência de um encontro de fé com o Senhor ressuscitado. Cada um de nós pode atestá-l’O; pode declarar solenemente que o Senhor Jesus ressuscitou; pode ser fiador... As Sagradas Escrituras testemunham-n’O; as vidas e martírio dos primeiros cristãos testemunham-n’O; a história da Igreja testemunha-O; e hoje Jesus pode ser apresentado por cada um de nós como testemunha fiel, aquele que testemunhou o amor de Seu Pai, revelado como nosso Pai. Os primeiros responsáveis pela Igreja – o Papa, os bispos, os sacerdotes, os religiosos e as religiosas – podem dar testemunho de Cristo e até dedicar toda a sua vida a anunciá-l’O e confirmar que Ele é o único Salvador do mundo e que é preciso anunciá-l’O em todo o mundo como o único Salvador. Ele, a testemunha fiel, revelou-Se a cada um de nós e envia-nos a dar testemunho do Seu amor, da Sua paz e da Sua justiça. Ele envia-nos a trabalhar, com Ele e no Espírito, para que o Reino venha. Depois dos Doze e de muitos missionários, Ele envia-nos como baptizados, seja qual for a nossa responsabilidade eclesial, a dar testemunho do amor de Deus manifestado em toda a vida de Jesus, na Sua morte na cruz, na Sua ressurreição, no envio do Espírito Santo, na vida das primeiras comunidades cristãs, na vida da Igreja ao longo dos séculos, etc., sem esquecer os muitos missionários e mártires.

Antes de mais, somos convidados a perceber melhor que o Espírito Santo é o verdadeiro iniciador da missão apostólica, como Ele o foi da própria missão de Jesus (Lc 4,1). Jesus é conduzido pelo

Espírito que recebeu no batismo. Comunicado a Jesus e por Ele difundido (*Act 2,33*), o Espírito Santo é recebido com o batismo em nome de Jesus (*Act 1,5*). É dado principalmente para a pregação e o testemunho (*Act 4,8,31; 5,32; 6,10*). Ele intervém agindo sobre a conduta dos apóstolos como se pode ler nos *Actos dos Apóstolos* (*Act 8,15.17; 10,19.44-47; 11,12.15; 15,8*). Em seguida, somos convidados a perceber que o testemunho dado a Cristo é acima de tudo um testemunho da Ressurreição (*Act 1,22*). Nos *Actos dos Apóstolos*, as testemunhas são sobretudo os Doze (*Act 1,22; 10,41*), mas outros são igualmente chamados de testemunhas, num sentido um pouco diferente e diverso (*13,31; 22,20*). Hoje, todos nós somos testemunhas de Cristo Ressuscitado. Enfim, é-nos pedido que alarguemos o alcance do testemunho apostólico. Já não é apenas um testemunho de Jerusalém a Roma, dos judeus aos gentios, como mostra o plano dos *Actos dos Apóstolos*, mas em toda a parte e em todos os âmbitos da vida dos homens e das mulheres de hoje. Deus, poderosamente, intervém ainda hoje para fazer avançar esta história, enviando o Espírito Santo (*2,1-13; 10,44; 19,6*) e suscitando testemunhas da Ressurreição, prontos a morrer para testemunhar Cristo.

Lucas, o autor dos *Actos dos Apóstolos*, defende a integração do cristianismo na sociedade romana. Os cristãos são encorajados a viver a sua fé no ambiente sócio-cultural onde se joga de agora em diante o futuro da sua religião, o Império Romano. Lucas está convencido de que o acesso ao Deus universal será facilitado pela universalidade do império. Para Lucas, a Palavra tornou-se carne num destino humano que ele teve de descrever. Como teólogo, ele especifica que a história é o lugar da revelação de Deus. A história, através da sua caneta, torna-se *kerygma*, e este realiza-se na história. Lucas quis ser o historiador de Deus e conta uma história na qual o leitor percebe tensões e mudanças, caminhos de conversão e de testemunho. Ele convida-nos a dar testemunho de Cristo morto e ressuscitado, a vivê-lo para melhor O anunciar e ajudar as pessoas a serem n'Ele e a fazer parte da Igreja. Deus, o Deus revelado em Jesus Cristo, é o Deus de todos e de cada um. A extensão da salvação à raça humana é tanto uma obra divina, para a qual o Espírito Santo contribui poderosamente, como o resultado do trabalho e do sofrimento dos enviados. Acções divinas e esforços humanos aliam-se para fazer nascer uma Igreja que reúne homens e mulheres de todas as proveniências (*Act 14,27*). O programa missionário proposto pelo Ressuscitado, partindo de Jerusalém e indo até Roma, permanece inacabado. Deve, portanto, ser continuado, não no mundo da narrativa, mas no mundo do leitor: é o horizonte, jamais alcançado, da Igreja, uma promessa de universalidade que ultrapassa a cristandade.

O Espírito é um poder; ele capacita os discípulos a *serem testemunhas* do Ressuscitado, de Jerusalém até aos confins da terra e em todos os contextos. O Espírito é força de testemunho; Ele capacita cada batizado a *dar testemunho* da salvação que recebeu, como Pedro deixa claro: “Arrependei-vos, e cada um de vós seja batizado em nome de Jesus Cristo, para perdão dos pecados; e recebereis o dom do Espírito Santo” (*Act 2,38; 1 Cor 12,1-3.9*). O Espírito permite que o mesmo Evangelho seja compreendido na pluralidade das línguas e dos povos. Cada ser humano é *convidado a abrir-se* a uma relação comum com o Evangelho na diversidade irreduzível das culturas. Deus chama-nos a todos, aos que estão perto e aos que estão longe (*Act 2,39*), pois não há salvação a não ser em Jesus Cristo (*Act 4,12*). Somos *convidados a partilhar* a Palavra e a Santa Ceia, fonte de vida e de comunhão, que não pode ser uma ocasião de morte (*Act 12,6; 16,25*).

É importante tomar consciência da urgência de dar testemunho aos nossos contemporâneos. Como convencer em 2022 todos os batizados a serem testemunhas de Cristo e a apoiarem as Obras Missionárias Pontifícias, para *dar à Igreja universal os meios para a sua missão*? Como ajudá-los a *seguir os passos de Pauline Jaricot*, com os olhos fixos em Maria e no Seu filho, o Senhor Jesus? Como suscitar a generosidade dos cristãos a fim de que as nossas Igrejas locais tenham os *meios para continuar a testemunhar Cristo*? O final triunfalista dos *Actos dos Apóstolos* não é o triunfo de um homem, uma vez que Paulo é um prisioneiro, mas o *triunfo da Palavra* cuja expansão nada pode impedir. A vitória da Palavra de Deus refere-se a Paulo que permanece um missionário em Roma até ao fim. *Somos convidados a viver uma comunhão fraterna para além de todas as fronteiras e a permanecer abertos a todos.*

A oração está no centro dos textos que nos são propostos hoje, Dia Mundial das Missões; ela está no centro da missão cristã. Se tiver a oportunidade de reler estes textos nos próximos dias, valerá bem a pena, mesmo que esta meditação já seja longa. O Senhor não despreza as nossas orações, nem as dos órfãos e das viúvas; o Senhor escuta-nos a todos. Somos aconselhados a dar ao Altíssimo de acordo com os nossos recursos e de acordo com o que Ele dá, sem sermos mesquinhos. Por outras palavras: uma vez que o Senhor é generoso para conosco, demos generosa e alegremente. *Deus ama quem dá com alegria* (2 Cor 9,7; Prov 22,8). A sabedoria bíblica diz-nos que o Senhor paga de volta; Ele devolve-nos sete vezes mais do que aquilo que damos. Isto mostra que o Senhor não segue a lógica do *dar e receber*, Ele dá muito mais, daí este desafio que nos é feito e que devemos levar a sério. Somos convidados a amar verdadeiramente, optando por um diálogo filial com Deus nosso Pai, por uma gratuidade fraterna no coração do diálogo da salvação (Pierre Diarra, *Gratuité fraternelle au coeur du dialogue*, Paris, Karthala, 2021). Leiamos: “Não tente influenciá-l’O com presentes, Ele não os aceitará.” O Senhor é bom; não há, portanto, necessidade de tentar influenciá-l’O ou suborná-l’O. Ele não discrimina os pobres, Ele escuta a oração dos oprimidos. De facto, Ele não prejudica ninguém.

O que o Senhor nos pede é que confiemos n’Ele; a oração é uma expressão dessa confiança. Sabemo-lo e pode ser que o tenhamos experimentado: quando um pobre grita, o Senhor escuta-o e salva-o de todas as suas angústias. O Senhor está presente para libertar aqueles que O temem. Mas isto não significa que não esteja interessado na salvação dos outros, menos piedosos, menos crentes ou mesmo incrédulos. Com o salmista, podemos convidar os nossos contemporâneos dizendo: *Provai e vede como o Senhor é bom! Feliz aquele que nele se refugia!* Quem quer que seja, adora o Senhor; nada falta àqueles que O temem. A quem busca o Senhor não faltará bem algum. Com o Senhor Jesus, temos tudo. Sim, tudo. Devemos dar graças ao Senhor, porque Ele é bom e não Se esquece de nenhum dos Seus filhos. Somos convidados a ir o mais longe possível na nossa generosidade, no nosso amor por Deus e no nosso amor pelo próximo. Não devemos entrar ou permanecer numa lógica em que estamos sempre a medir o que damos e o que recebemos de volta ou em troca. De facto, como o Papa Francisco explica na *Fratelli Tutti* (n.º 140), Deus, pelo contrário, dá gratuitamente a ponto de ajudar mesmo aqueles que são infiéis, e “faz o Seu sol nascer sobre maus e bons” (Mt 5,45).

É por isso importante reflectir sobre a força do nosso testemunho, mas também sobre a atitude do fariseu e do publicano, uma página do Evangelho que conhecemos bem. Ouçamos o que o fariseu, estando de pé, disse na sua oração: “Meu Deus, dou-vos graças por não ser como os outros homens, que são ladrões, injustos e adúlteros, nem como este publicano.” Por vezes esquecemo-nos que os fariseus eram os fiéis que se esforçavam por praticar tudo o que a Lei de Moisés prescrevia. Muitas vezes conseguiam-no e por vezes gabavam-se disso, ao ponto de se justificarem perante Deus, dizendo: “Eu faço isto e isto e ainda aquilo. Eu não sou assim, nem assim; eu não sou como este publicano.” Quanto ao publicano, ele reconhece humildemente que é um pecador. Com efeito, ele batia no peito, dizendo: “Meu Deus, tende compaixão de mim, que sou pecador.” E Jesus declara que “este desceu justificado para sua casa, e o outro não. Porque todo aquele que se exalta será humilhado e quem se humilha será exaltado.”

Segunda-feira, 24 de Outubro de 2022

S. António Maria Claret, Bispo (MF)

Ef 4,32 a 5,8; Sal 1; Lc 13,10-17

Meditação

Somos convidados a meditar sobre os textos bíblicos, pensando em António Maria Claret (nascido em Espanha em 1807 e falecido em França em 1870), um missionário que, em 1835, decidiu tornar-se sacerdote porque queria trabalhar para a salvação das almas. Durante uma dúzia de anos, evangelizou a Catalunha como missionário itinerante, deixando em todo o lado brochuras da sua autoria. Em Julho de 1849, juntamente com cinco amigos sacerdotes, fundou o que viria a ser

a congregação dos missionários “Claretianos”. Pio IX nomeou-o Arcebispo de Santiago de Cuba. Durante os seus seis anos como bispo (1851-1857), crismou 300 mil pessoas, regularizou 30 mil casamentos, pregou 11 mil sermões, e distribuiu um milhão de livrinhos e 60 mil terços.

António Maria Claret tentou defender os escravos negros que os ricos latifundiários tratavam como animais. Também quis reformar um clero ignorante e laxista, mas isso foi mal visto e por quinze vezes tentaram assassiná-lo. Na última ocasião, escapou à morte, mas foi esfaqueado na cara. A Rainha Isabel II ordenou o seu retorno e fez dele o seu confessor e conselheiro. Tendo-se tornado o homem mais odiado em Espanha, teve de deixar o país em 1868 com a sua soberana destronada e foi morrer em França, no mosteiro cisterciense de Font-Froide (Aude). O difícil caminho de conversão que ele empreendeu remete-nos para a Carta de S. Paulo aos Efésios.

A Carta aos Efésios dá conselhos muito práticos sobre como percorrer o caminho da perfeição. Somos convidados a ser generosos e ternos, a perdoarmo-nos uns aos outros como Deus nos perdoou em Cristo. Somos convidados a imitar Deus, uma vez que somos Seus filhos queridos, daí a urgência de vivermos no amor. O nosso modelo é Cristo: como Cristo nos amou e Se entregou por nós, oferecendo-Se a Si mesmo como sacrifício a Deus, também nós somos convidados a ser como um perfume de agradável odor. A imoralidade e qualquer impureza ou avareza, nem sequer deveriam ser mencionadas entre nós, diz S. Paulo aos Efésios. Paulo avisa-nos: “nenhum imoral, impúdico ou avarento – que é uma idolatria – terá parte na herança do reino de Cristo e de Deus.” Somos convidados a evitar linguagem grosseira, estúpida ou obscena. Em vez disso, devemos dar acções de graças.

O Evangelho de Lucas fala-nos da polémica que surgiu depois de Jesus curar uma mulher com estas palavras: “Mulher, estás livre da tua enfermidade.” E acrescenta um gesto: Ele impõe-lhe as mãos. Imediatamente ela endireitou-se e começou a dar glória a Deus. Então o chefe da sinagoga, indignado por ver Jesus curar em dia de Sábado, tomou a palavra e disse à multidão: “Há seis dias para trabalhar. Portanto, vinde curar-vos nesses dias e não no dia de Sábado.” O Senhor respondeu: “Hipócritas! Não solta cada um de vós do estábulo o seu boi ou o seu jumento ao Sábado, para o levar a beber? E esta mulher, filha de Abraão, que Satanás prendeu há dezoito anos, não deveria libertar-se desse jugo no dia de Sábado?” O evangelista acrescenta estas palavras com, ao que parece, uma nota de humor: “Enquanto Jesus assim falava, todos os Seus adversários ficaram envergonhados e a multidão alegrava-se com todas as maravilhas que Ele realizava.”

Os adversários de Jesus sentem-se envergonhados e toda a multidão se regozija. Há um verdadeiro contraste: sentir vergonha ou alegria. A vergonha é frágil e ilusória, uma mentira e uma esterilidade; e olhar para o rosto de Deus salva da vergonha. O justo é salvo da vergonha (*Sal* 34,6). O discípulo não deve ter vergonha do Senhor; ele não se envergonha de Jesus nem da Sua palavra; ele tem uma vontade activa de crer, agir e falar, sem temer a vergonha. São Paulo não se envergonha do Evangelho. Ele tem a garantia do Evangelho, o orgulho, a linguagem e a acção de um homem liberto da vergonha pela fé. Nada pode confundir o justo; pelo contrário, ele mantém toda a sua confiança e Cristo será glorificado no seu corpo. Não foi Jesus o primeiro a desprezar a vergonha (*Heb* 12,2)? A Igreja é um corpo no qual nenhuma parte se deve envergonhar da outra (*1 Cor* 12,23). Cristo não Se envergonha de nos chamar irmãos (*Heb* 2,11). Esta é a regra que nos convida a não desprezar nenhum irmão ou irmã (*Rom* 14,10). Pelo contrário, devemos alegrar-nos quando podemos ajudar os nossos irmãos e irmãs. Trata-se também de os ajudar a acolher o Evangelho e a saborear a *alegria do Evangelho*, para usar as palavras do Papa Francisco.

A alegria do Evangelho: é o próprio Jesus Cristo que anuncia a *alegria da salvação* aos humildes e lha doa pelo Seu sacrifício. João Baptista exulta no seio de sua mãe (*Lc* 1,41.44) e a Virgem, a quem a saudação do Anjo havia convidado à alegria (*Lc* 1,28), canta com tanta alegria quanto com humildade ao Senhor que se tornou seu filho para salvar os humildes (*Lc* 1,42.46-55). Acolher Jesus e converter-se produzem alegria. Os discípulos têm motivos para se regozijarem com os milagres de Jesus, que confirmam a Sua missão (*Lc* 19,37ss). Como verdadeiros irmãos (*Lc*

15,32), devem alegrar-se com as conversões assim como o Pai e os anjos se alegram no céu (*Lc 15,7.10.24*). Devem alegrar-se como se alegra o Bom Pastor, cujo amor salvou as suas ovelhas perdidas (*Lc 15,16; Mt 18,13*). Mas para partilhar a alegria do Ressuscitado, devemos amar como Ele amou. Notemos que os discípulos compreenderam tão pouco que a paixão leva à ressurreição, que a sua esperança foi destruída (*Lc 24,21*). Por isso, não se atreva a entregar-se à alegria que os invade durante as aparições (*Lc 24,41*). Mas o Ressuscitado mostrar-lhes-á como as Escrituras se cumprem e a importância do Espírito pelo qual devem esperar. Eles serão mesmo “felizes por serem julgados dignos de sofrer pelo nome” do Salvador de quem são testemunhas (*Act 5,41; 4,12; Lc 24,46ss*).

Peçamos ao Senhor a caridade que faz com que os fiéis participem na alegria, na esperança e na verdade (*1 Cor 13,6*). Eles buscam uma alegria constante que alimenta a sua incessante oração e acção de graças (*1 Ts 5,16; Fil 3,1; 4,4ss*). Como anunciar a boa nova da salvação sem ser na alegria? A oração assídua é uma fonte de alegria porque a esperança a anima e o Deus da esperança lhe responde enchendo de alegria o crente (*Rom 12,12; 15,13*), a testemunha. Esta alegria é o antegozo da glória. Antes disso, pode ser necessário passar por provações e sofrimentos. Deve-se então encontrar alegria no sofrimento pelos outros fiéis e pela Igreja (*Col 1,24*). O discípulo-missionário poderia então convidar os seus irmãos e irmãs a partilhar a alegria que teria em derramar o seu sangue como supremo testemunho de fé (*Fil 2,17*). Haverá uma grande alegria no céu (*Ap 19,7ss*) quando serão celebradas as núpcias do Cordeiro. O Espírito que é dado já nos faz participar na alegria do Evangelho, na alegria da salvação, na alegria de estarmos todos unidos ao Pai e ao Seu Filho Jesus Cristo (*1 Jo 1,2s*).

Terça-feira, 25 de Outubro de 2022

Ef 5,21-33; Sal 127; Lc 13,18-21

Meditação

O Reino ou Reinado, mesmo que possamos fazer algumas distinções entre estes dois termos, é o objecto principal da pregação de João Baptista e de Jesus (*Mt 3,1; 4,17*). Mas em que consiste essa misteriosa realidade que Jesus veio instaurar aqui na terra? Qual é a sua natureza e quais são as suas exigências? A que pode ser comparado o reino de Deus? Duas respostas são dadas no Evangelho de hoje. Primeiro, Jesus compara o reino de Deus a um grão de mostarda que um homem tomou e lançou na sua horta. Ele vai crescer e tornar-se uma árvore e as aves do céu virão e farão os seus ninhos nos seus ramos. Em seguida, o reino de Deus é comparado com o fermento que uma mulher tomou e misturou em três medidas de farinha, até que toda a massa fica levedada.

Aparentemente, a vinda do reinado ou do reino de Deus não é evidente e imediata. Não será esta vinda comparável ao que acontece no coração do homem quando ele recebe a Palavra de Deus, como uma semente lançada à terra, que se dilata e cresce pelo seu próprio poder, como a semente? Esta Palavra vai elevar o mundo, como o fermento posto na massa. A quem é dirigida a Palavra? Só aos judeus da Palestina? Ao “pequeno rebanho” dos discípulos? O reino/reinado deve tornar-se uma grande árvore onde todas as aves do céu farão os seus ninhos (*Mt 13,31ss*). Ele acolherá todas as nações no seu seio, porque não está ligado exclusivamente a nenhuma delas, nem mesmo ao povo judeu. Pode aparecer como uma realidade invisível, porém, assim que a Palavra é acolhida, algo acontece. As transformações ocorrem lenta mas seguramente no coração que a acolheu, nas comunidades humanas que a recebem. Não deveríamos pensar no trigo misturado com o joio no campo (*Mt 13,24*)? Devemos pensar num “pequeno rebanho”, num novo Israel ou numa Igreja fundada sobre Pedro que recebe “as chaves do reino dos céus” (*Mt 16,18s*)? No entanto, Jesus escapa quando as pessoas o querem fazer rei (*Jo 6,15*), mesmo que Ele aceite o título de Messias.

O crescimento parece estar muito presente na abordagem do significado do reino/reinado de Deus. Isto supõe que é preciso contar com o tempo, mesmo se os tempos se cumpriram e o Reino já esteja aqui. Desde João Baptista, a era do Reino está aberta (*Mt 11,12s*); é o tempo das núpcias e

da missão (*Mt 9,37s; Jo 4,35; Mt 13*). No entanto, há um intervalo entre esta inauguração histórica do Reino e a sua perfeita realização. Como é que a pregação vai contribuir para o advento do Reino/Reinado de Deus? Qual será o papel do testemunho, a importância do tempo do testemunho (*Act 1,8; Jo 17,27*) e do tempo da Igreja? No termo desse tempo, o Reino virá na sua plenitude (*Lc 21,31*): a Páscoa se consumará (*Lc 22,14ss*), haverá o banquete escatológico (*Lc 22,17ss*) onde os convidados de todos os lugares festejarão com os patriarcas (*Lc 13,28ss; 14,15; Mt 22,2-10; 25,10*). Este Reino que chegou à sua consumação, os fiéis são chamados a “herdar” (*Mt 25,34*), após a ressurreição e a transformação dos seus corpos (*1 Cor 15,50; Gal 5,21; Ef 5,5*). Entretanto, todos são convidados a clamar com toda a sua voz a vinda do reino/reinado: “Venha a nós o Vosso reino!” (*Mt 6,10*). Não tenhamos medo de nos perguntar: que tipo de reino é este? Que Deus invocam em seu socorro os nossos contemporâneos? É realmente o Deus de Jesus Cristo? Como podemos conhecê-lo e propô-lo de forma credível aos nossos contemporâneos? (Gaston Ogui Cossi, Christiane Baka, Pierre Diarra e Paulin Poucota (eds.), *De qui Dieu est-il le nom ? Penser le divin*, Paris, Karthala, 2021, p. 7)

O Reino é o dom de Deus por excelência, o valor essencial que deve ser adquirido ao preço de tudo o que se possui (*Mt 13, 44ss*), mas certas condições devem ser cumpridas. Não se trata de um salário devido por justiça: Deus contrata livremente os homens para a Sua vinha e dá aos Seus trabalhadores o que Lhe agrada dar (*Mt 20,1-16*). No entanto, se tudo é graça, os homens e as mulheres devem responder à graça. Os pecadores endurecidos no mal “não herdarão o reino de Cristo e de Deus” (*1 Cor 6,9ss; Gal 5,21; Ef 5,5*). O que é preciso? Uma alma pobre (*Mt 5,3*), uma atitude de criança (*Mt 18,1-4*), uma busca activa do Reino e da sua justiça (*Mt 6,33*), suportar a perseguição (*Mt 5,10; Act 14,22; 2 Ts 1,5*), o sacrifício de tudo o que se possui (*Mt 13,44ss*), uma perfeição maior do que a dos fariseus (*Mt 5,20*), numa palavra, o cumprimento da vontade do Pai (*Mt 7,21*), especialmente em matéria de caridade fraterna (*Mt 25,34*). Tudo isto é exigido a quem queira entrar no Reino. Na verdade, todos os seres humanos são chamados, mas nem todos serão escolhidos: o convidado que não tiver a veste nupcial será expulso (*Mt 22,11-14*). No princípio, a conversão é necessária; não é isto que Jesus nos convida a fazer desde o início do Seu ministério?

A conversão refere-se a um novo nascimento, sem o qual não se pode ver o Reino de Deus (*Jo 3,3ss*), daí a necessidade de vigilância (*Mt 25,1-13*). O Rei-Messias é o próprio Filho de Deus. O lugar de Jesus está no centro do mistério do Reino, no coração das três etapas sucessivas pelas quais Ele deve passar: a vida terrena de Jesus; o tempo da Igreja e a consumação final das coisas. Deixar tudo para o Reino de Deus (*Lc 18,29*) é deixar tudo pelo Nome de Jesus (*Mt 19,29; Mc 10,29*). O Reino do Filho e o Reino do Pai podem, portanto, ser identificados (*Mt 13,41ss*). Na hora da ressurreição, o Filho toma o Seu lugar no próprio trono de Seu Pai (*Ap 3,21*), pois Ele é exaltado à direita de Deus (*Act 2,30-35*). Ao longo do tempo da Igreja, a realeza de Deus é exercida sobre as pessoas através da realeza do Filho, o Senhor do universo (*Fil 2,11*). Não foi o Filho constituído Rei dos reis e Senhor dos senhores? (*Ap 19,16; 17,14*).

Enquanto esperamos que Deus, mestre de todos, tome posse plena do Seu reino (*Ap 19,6*), os discípulos de Jesus são convidados a participar na glória deste reino (*Ap 3,21*), porque já desde aqui, Jesus fez deles “um reino de sacerdotes para o seu Deus e Pai” (*Ap 1,6; 1 Pd 2,9; Ex 19,6*). Portanto, é urgente anunciar o Evangelho e convidar os nossos contemporâneos a acolherem Jesus, o Salvador do mundo. Ele propõe um reino de justiça e paz, um caminho de amor que conduz ao Pai, com uma atenção particular por cada ser humano, que deve ser amado e respeitado. Homens e mulheres, maridos e esposas, todos devem amar-se ainda mais porque são membros do mesmo Corpo, o Corpo de Cristo, a Igreja. Não tem o matrimónio a vocação de reflectir a união conjugal de Cristo e da Igreja? Para além das exortações morais, estamos no coração do mistério da Igreja e do vínculo que a une a Cristo, no coração do mistério do amor. A Igreja, povo de Deus, é o Corpo de Cristo. O que é posto em relevo não é um poder dominador, como por vezes se vê da parte de um marido em relação a sua esposa.

O que é posto em relevo é o amor daquele que é o Salvador de todos e que Se entrega por aqueles e aquelas que Ele ama. Mas o marido não é o salvador da esposa, mesmo que a possa

ajudar a aceitar Cristo, o Salvador de todos. Como marido, o seu papel de liderança baseia-se também no amor e na doação de si mesmo. O que é posto em relevo nas relações sociais já não é o poder, a submissão e a obediência, mas o serviço, o amor fraterno e a urgência de constituir uma Igreja-Fraternidade, como nos primeiros séculos de cristianismo. Todos, casados ou solteiros, são convidados a submeter-se a Cristo e a adoptar as regras do Reino/Reinado de Deus: respeito e amor, justiça e paz, numa palavra, amar a Deus com todo o coração e com toda a alma e amar o próximo como a si mesmo, ou seja, todas as pessoas que precisam de nós, incluindo os estrangeiros, como indica a parábola do Bom Samaritano (Lc 10,29-37). Melhor ainda, cada um e cada uma de nós é convidado/a a amar como Cristo, que foi até à Cruz para significar o amor divino e o amor humano. Não há maior amor do que dar a própria vida por aqueles que amamos. Cristo amou a Igreja e entregou-Se por ela, a fim de a tornar santa, purificando-a no banho da água baptismal. Felizes os que temem o Senhor e caminham nos Seus caminhos! Feliz és tu! A felicidade esteja contigo!

Quarta-feira, 26 de Outubro de 2022

Ef 6,1-9; Sal 144; Lc 13,22-30

Meditação

Como retrospectiva, escutemos o texto de São Paulo. “Filhos, obedecei aos vossos pais, no Senhor... ‘Honra pai e mãe’ é o primeiro mandamento acompanhado de uma promessa: ‘para que sejas feliz e tenhas vida longa sobre a terra. Pais, não exaspereis os vossos filhos, mas educai-os com a disciplina e os conselhos inspirados pelo Senhor. Servos, obedecei aos vossos senhores terrenos, como a Cristo, com temor e respeito e na simplicidade de coração.” Não somos nós servos ou mesmo escravos de Cristo, convidados a fazer a vontade de Deus com todo o nosso coração? A frase que parece resumir todos estes conselhos talvez seja esta: todos, qualquer que seja a sua condição social, serão recompensados pelo Senhor. Entende-se que foi Cristo quem nos libertou. De facto, em Cristo, somos convidados a viver as nossas relações de uma maneira nova. Paulo inaugura a sua série de conselhos com as seguintes palavras: “Sujeitai-vos uns aos outros no temor de Cristo” (Ef 5,21) Os preceitos morais da filosofia actual devem ser relidos à luz do Evangelho. Mais precisamente, a constante referência ao Senhor modifica profundamente estes preceitos.

No seio da família, a reciprocidade é introduzida entre os deveres dos membros que se consideram fortes (maridos, pais, senhores) e os membros que são frequentemente considerados fracos (esposas, filhos, escravos). Cada um, como todos os outros, tem direitos e deveres enraizados em Cristo. Entende-se que o Mestre é Cristo e que todos nós estamos ao Seu serviço. Cada um de nós deve ser justo para com todos os outros. Todos são convidados a acolher a palavra de Cristo, para que ela habite no seu coração com toda a sua riqueza. Por isso, todos são convidados a instruir-se mutuamente e a advertir-se, com plena sabedoria, daí a importância de submeter-se uns aos outros. Cada um e cada uma se tornou um novo ser, uma nova criatura, porque uma transformação radical da existência, significada pelo baptismo, ocorreu. É no diálogo, na reciprocidade e na fraternidade que as relações humanas podem melhorar. Somos convidados a dialogar tomando consciência da diversidade das racionalidades culturais e religiosas (Thierry-Marie Courau (ed.), *Le dialogue des rationalités culturelles et religieuses*, Paris, Cerf, 2019).

A Primeira Aliança já tinha anunciado a renovação do homem sob a influência do Espírito que lhe dá um coração novo capaz de conhecer Deus (Ez 36,26-27; Sal 51,12). O último Adão é espírito e dá vida, porque é celestial, espiritual. Claro, Adão era a figura daquele que havia de vir, mas onde o primeiro trouxe a morte, o segundo traz a vida. A acção de Cristo é redentora para todos. Com Adão, houve desobediência, condenação e morte; com Cristo, há obediência, justificação e vida. Por meio de Adão, o pecado entrou no mundo; por meio de Cristo, que é a sua fonte, a graça superabundou. A união fecunda de Adão e Eva anunciou a união de Cristo e da Igreja; este, por sua vez, torna-se o mistério que é o fundamento do casamento cristão (Ef 5,25-33; 1 Cor 6,16). O

amor e o “sim” a Deus-Amor estão na base da revelação deste mistério de amor entre a humanidade e o seu Criador que é também o seu Salvador.

Falar de Adão não é falar de cada um de nós, com a sua fragilidade, o seu pecado e o seu dever de despojar-se do velho homem, segundo a palavra de Paulo (*Ef 4,22ss*)? Todo o destino do Homem está inscrito no drama dos dois Adões. Cada ser humano, em particular o cristão, encontra em Cristo o Homem por excelência. Aquele que foi rebaixado em relação aos anjos para oferecer a salvação a todos os homens, recebeu a glória prometida ao verdadeiro Adão. Não se trata sobretudo de “revestir-se de Jesus Cristo, o Homem novo”? Por meio da nova criação realizada em Cristo, o segundo Adão (*1 Cor 15,45*) e imagem de Deus (*Col 1,15*), o homem é conduzido à sua verdadeira humanidade: é criado segundo Deus na justiça e na santidade (*Ef 4,24*), e através da obediência caminha para o verdadeiro conhecimento (*Col 3,10; Gen 2,17*). Este novo homem constitui a nova humanidade para além das velhas distinções de religiões, origens, culturas, classes sociais (*Col 3,11*). O novo homem tem um carácter colectivo (a Igreja) e pessoal (o baptizado).

Somos convidados a dar graças ao Senhor. De geração em geração, devemos louvar as Suas obras, proclamar os Seus feitos, dar graças por Jesus Cristo, nosso Senhor. Somos convidados a recontar a história das maravilhas do nosso Deus – com o seu brilho, a sua glória e o seu esplendor, sem esquecer o Ressuscitado e a Sua vitória sobre a morte. O Seu poder é formidável e devemos contar a Sua grandeza, a Sua imensa bondade. Ao proclamar o Seu nome e aclamar a Sua justiça, não nos esqueçamos de O apresentar como o Senhor que é terno e misericordioso, lento a irar-se e cheio de amor e verdade. A bondade do Senhor é para todos; a Sua ternura para todas as Suas obras. Que ao darem graças, todos os fiéis, todos os discípulos missionários bendigam o Seu santo nome. Que todos, juntos e individualmente, apresentem o Ressuscitado como o novo Homem em quem todos temos salvação e esperança. Esta é também a missão: “dizer o bom nome” de Deus, apresentá-lo como o Deus que cuida das Suas criaturas, que nunca deixa sem resposta quem clama por Ele. Se nós cristãos tivermos o mesmo amor, o mesmo coração, e se procurarmos a unidade, sem rivalidade e sem glória (*Fil 2,2-11*), a nossa Igreja atrairá muitos a si, e Deus-Amor será mais conhecido e melhor servido. Se cada cristão der testemunho do Deus-Amor e se comprometer com o caminho do diálogo e do amor, atrairemos discípulos missionários para Cristo. Se o Deus Amor é bom para nós, bom para todo o ser humano, e se formos boas testemunhas deste Deus, os nossos contemporâneos acabarão por se interessar por Ele, incluindo aqueles que parecem indiferentes ao cristianismo.

Quinta-feira, 27 de Outubro de 2022

Ef 6,10-20; Sal 143; Lc 13,31-35

Meditação

Na carta aos Efésios e no evangelho de hoje, fala-se de demónios e do diabo. Quem são os demónios e quem é o diabo? Ainda precisamos de falar sobre eles nos nossos dias? De que combate se trata? Não será Jesus o vencedor sobre Satanás e os demónios? Não haverá uma luta entre dois mundos em que a salvação do homem está, em última análise, em jogo? Jesus enfrenta pessoalmente Satanás e derrota-o (*Mt 4,11; Jo 12,31*). Ele também enfrenta os espíritos malignos que têm poder sobre a humanidade pecadora. Podemos pensar em numerosos episódios em que estão em cena alguns possuídos: o demoníaco na sinagoga de Cafarnaum (*Mc 1,23-27*) e o de Gerasa (*Mc 5,1-20*); a filha da mulher siro-fenícia (*Mc 7,25-30*) e a criança epiléptica (*Mc 9,14-29*). Na maioria dos casos, a possessão diabólica e a doença estão interligadas (*Mt 17,15.18*). Por vezes diz-se que Jesus cura os possuídos (*Lc 6,18; 7,21*); outras vezes, que Ele expulsa os demónios (*Mc 1,34-39*). Serão problemas que hoje poderíamos ligar à psiquiatria (*Mc 9,20ss*)? Talvez, mas cada doença pode ser vista como um sinal do poder de Satanás sobre as pessoas (*Lc 13,11*). Ao enfrentar a doença, é Satanás que Jesus combate; ao curar, Ele triunfa sobre Satanás. Os demónios pensavam que eram senhores aqui na terra; Jesus veio para os vencer (*Mc 1,24*).

As multidões ficaram surpreendidas com a autoridade de Jesus sobre os demónios (*Mt 12,23; Lc 4,35ss*). Os Seus inimigos acusam-no: “Por Belzebu, príncipe dos demónios, é que Ele expulsa os demónios” (*Mc 3,22*); “não estará Ele próprio possuído por demónios?” (*Mc 3,30; Jo 7,20; 8,48; 10,20s*). Jesus explica que expulsa os demónios pelo Espírito de Deus, e este é o sinal de que o Reino de Deus chegou até nós (*Mt 12,25-28*). Satanás pensava que era forte, mas foi desalojado por alguém mais forte (*Mt 12,29*). De agora em diante, os exorcismos serão em nome de Jesus (*Mt 7,22; Mc 9,38s*). Ao enviar os Seus discípulos em missão, Jesus comunica-lhes o Seu poder sobre os demónios (*Mc 6,7.13*) e os discípulos percebem que os demónios lhes estão sujeitos. Durante séculos, este será um dos sinais que acompanhará a pregação do Evangelho, juntamente com os milagres (*Mc 16,17*). Mas o combate contra Satanás e os demónios continua na Igreja.

Nos *Actos dos Apóstolos* fala-se da libertação dos possuídos (*Act 8,7; 19,11-17*). Mas o confronto dos enviados de Jesus com os demónios assume várias formas: a luta contra a magia, as superstições de toda a espécie (*Act 13,8; 19,18f*), a crença em espíritos adivinhos (*Act 16,16*); a luta contra a idolatria, onde os demónios são adorados (*Ap 9,20*); a luta contra a falsa sabedoria (*Tg 3,15*), contra pessoas que espalham doutrinas demoníacas tentando enganar os homens (*1 Tim 4,1*), e contra os demónios que fazem prodígios em benefício da Besta (*Ap 16,13s*). Satanás e os seus ajudantes estão por detrás de todas as acções humanas que se opõem ao progresso do Evangelho. Mesmo as provações do Apóstolo são atribuíveis a Satanás (*2 Cor 12,7*). Graças ao Espírito Santo, é possível discernir os espíritos (*1 Cor 12,10*) e o cristão já não é enganado pelo falso prestígio do mundo diabólico (*1 Cor 12,1ss*). A Igreja está empenhada, seguindo Jesus, numa guerra até à morte contra Satanás, e mantém uma esperança invencível. De facto, Satanás já foi derrotado e o seu poder é agora limitado. A sua derrota e a dos seus ajudantes será definitiva no final dos tempos.

Ao mesmo tempo que luta contra os demónios, Jesus luta contra todos aqueles que se Lhe opõem, todos aqueles que querem impedir a proclamação do Reino, todos aqueles que O querem matar, como Herodes e muitos fariseus. A Sua acção é expulsar demónios e fazer curas hoje, amanhã e depois. Esta obra continua na Igreja, e embora Ele tenha sido morto, a obra de Jesus continua ainda com mais vigor porque Ele ressuscitou, vitorioso sobre todo o mal e sobre a morte. Morreu em Jerusalém, como muitos profetas, mas ressuscitou. Agora, os Seus enviados herdaram o Seu poder e, em Seu nome, podem vencer todas as forças do mal.

Mesmo na adversidade, devemos permanecer firmes, como Paulo explica aos Efésios. Devemos ter o cinto da verdade à volta da nossa cintura e estar revestidos da couraça da justiça. Paulo convida os Efésios a terem os pés calçados com o zelo de anunciar o Evangelho da paz. Nunca devem abandonar o escudo da fé, com o qual podem apagar as setas inflamadas do Maligno. Eles são convidados a usar o capacete da salvação e a espada do Espírito, ou seja, a palavra de Deus. Estamos numa luta, mesmo uma guerra de morte, contra Satanás e os inimigos do Evangelho. A oração não deve ser negligenciada. Pelo contrário, Paulo deseja que, em todas as circunstâncias, o Espírito dê poder aos Efésios para rezarem e implorarem. Devem permanecer alerta, diligentes na súplica por todos os fiéis.

Até ele, Paulo, precisa que os Efésios rezem por ele. Pois Paulo encontra-se prisioneiro em Roma. Ele sabe que o cristão já está salvo (*Ef 2,8*); os baptizados são “ressuscitados e elevados com Cristo em glória”. Mas ele insiste na urgência de anunciar o Evangelho a todos, aos judeus e aos demais, para que todos entrem numa dinâmica de conversão. A salvação e a reconciliação que a acompanha têm um carácter simultaneamente ético e cósmico. A Igreja é agora uma realidade universal; tende a tornar-se eterna, pois a Igreja é o corpo de Cristo e Ele é o Salvador de todos. Paulo pede aos Efésios que rezem por ele, para que quando ele abrir a boca lhe seja dada uma palavra certa para anunciar com firmeza o mistério do Evangelho. Que sorte se o Deus de Jesus Cristo puder ser acolhido, não como um Deus que parece estranho, mas como um Deus que gradualmente se torna um “Deus para todos”, o salvador de todos e de cada um! É um Deus que supera os “deuses locais” com a Sua luz, a Sua atenção a cada um, e que Se manifesta como o

Deus-Amor, cheio de amor e verdade (ver Yannick Essertel, *Évangélisation & cultures*, Paris, Cerf, 2020, p. 410).

Continuemos a orar pelas Igrejas locais, para que elas possam continuar a ser missionárias. Oremos pelos missionários para toda a vida, aqueles que se dedicam totalmente à proclamação do Evangelho. Oremos também pelas comunidades cristãs, para que continuem a sua missão de várias maneiras, sem esquecer de despertar no seu seio e apoiar as vocações missionárias. Demos graças ao Senhor que cuida de cada um de nós, pois Ele, o Criador, sabe que somos frágeis. Como diz o salmista, o homem é como um sopro, os seus dias são como uma sombra passageira. Mas o Senhor ouve as nossas orações e podemos pedir-Lhe que incline os céus e desça para nos salvar. Basta-Lhe tocar as montanhas para que elas ardam! Basta-Lhe lançar raios para espalhar o terror. Podemos pedir-Lhe que nos estenda a mão para nos libertar. Só Ele pode salvar-nos do abismo das águas, da influência de Satanás, da força do mal em nós e nas nossas sociedades. Que Ele nos dê a força do Espírito para crescermos em paz e na esperança.

Sexta-feira, 28 de Outubro de 2022

S. Simão e S. Judas, apóstolos (Festa)

Ef 2,19-22; Sal 18; Lc 6,12-19

Meditação

Celebramos Simão, o Zelota, ou Simão, o Cananeu, para o distinguir de Simão Pedro, e Judas ou Judas Tadeu, para o distinguir de Judas Iscariotes (*Mt 10,4; Mc 3,19; Lc 6,15; Jo 14,22*). Judas Tadeu pergunta a Jesus na Última Ceia: “Senhor, mas porque é que te revelarás a nós e não ao mundo?” (*Jo 14,22*) A esta pergunta Jesus responde: “Se alguém Me amar, guardará a Minha palavra e o Meu Pai o amará; viremos a ele e junto dele faremos morada. Quem não Me ama não guarda as Minhas palavras. Ora, a palavra que ouvís não é Minha, mas do Pai que Me enviou. ... O Paráclito, o Espírito Santo, que o Pai enviará no Meu nome, Ele vos ensinará todas as coisas e vos recordará todas as coisas que Eu vos disse. Deixo-vos a paz, dou-vos a Minha paz...” (*Jo 14:23-27*).

Como os Apóstolos, já não somos estrangeiros ou hóspedes, mas concidadãos do Céu, santos em certo sentido, membros da família de Deus, pois fomos integrados no edifício que tem como fundamento os Apóstolos e os profetas; e a pedra angular é o próprio Cristo Jesus. N’Ele, todo o edifício se eleva harmoniosamente para se tornar um templo santo no Senhor. N’Ele, todos nós fazemos parte da mesma construção, para nos tornarmos uma morada de Deus através do Espírito Santo. Com os Apóstolos, estamos em sintonia com o salmista quando diz: “Preserva a minha vida pelo Teu amor, e obedecerei aos estatutos que decretaste. A Tua palavra, Senhor, para sempre está firmada nos céus. A Tua fidelidade é constante por todas as gerações; estabeleceste a terra, que firme subsiste. Conforme as Tuas ordens, tudo permanece até hoje, pois tudo está a Teu serviço. Se a Tua lei não fosse o meu prazer, o sofrimento já me teria destruído. Jamais me esquecerei dos Teus preceitos, pois é por meio deles que preservas a minha vida. Salva-me, pois a Ti pertenço e busco os Teus preceitos!” (*Sal 119, 88-94*).

A Palavra confiada aos Apóstolos irá de Jerusalém a Roma, passando pela Judeia, Galileia dos Gentios, Samaria e toda a bacia mediterrânica. Como diz o Papa Francisco, o livro dos *Actos dos Apóstolos* é o livro que os discípulos missionários têm sempre à mão, porque conta como o *perfume do Evangelho* se difundiu onde quer que Cristo fosse anunciado, dando origem à alegria que só o Espírito nos pode dar. A Palavra chegará a Roma e de lá percorrerá o mundo pagão, espalhando o amor de Deus, a paz, a justiça e a comunhão fraterna. A Palavra triunfará e até o grande missionário Paulo, prisioneiro em Roma, continuará a fazer triunfar o anúncio do Evangelho. Nada pode impedir o caminho da Palavra, o progresso dos missionários que proclamam Cristo. Somos convidados a acreditar no poder do Espírito que sustenta as nossas actividades missionárias, que sustenta os nossos esforços de diálogo com os nossos contemporâneos. É o Espírito que nos permite acreditar no homem, em cada ser humano, e na sua

capacidade de se abrir ao Deus de Jesus Cristo. Somos chamados a ser próximos de cada homem e mulher, no diálogo. Somos chamados a optar pelo universalismo, a ir “além da tribo”, a “amar como Jesus”, a motivar-nos a “amar como Deus que busca o nosso bem” (Card. Jean-Louis Tauran, *Je crois en l'homme*, Paris, Bayard, 2016, p. 321).

Do céu, o Ressuscitado enviou Paulo, para além dos Doze; através desta missão apostólica, a natureza do apostolado pode ser esclarecida. Paulo é chamado “apóstolo” (*Rom* 1,1; *Gal* 1,15), porque conheceu o Ressuscitado e sabe dizer, a quem o quer escutar, que uma determinada vocação está na origem da sua missão. Como apóstolo, ele é um “enviado”, não dos homens, mas de Jesus pessoalmente. Para Paulo, os missionários, neste caso os Apóstolos, são “embaixadores de Cristo”. É Deus que exorta por meio deles (*2 Cor* 5,20); a sua história continua a de Jesus, como é claramente indicado nos *Actos dos Apóstolos*. A palavra que nós vos transmitimos não é palavra de homem, mas a palavra de Deus (*1 Ts* 2,13), explica o apóstolo Paulo. Felizes os que acolheram os missionários como um anjo de Deus, como Cristo Jesus (*Gal* 4,14). Os apóstolos são colaboradores de Deus (*1 Cor* 3,9; *1 Ts* 3,2). Por meio deles manifesta-se o ministério da glória escatológica (*2 Cor* 3,7-11). O apóstolo pode ser um homem desprezado pelo mundo, sem dúvida para não desviar esse poder e glória divinos em seu próprio benefício. Pode mesmo ser perseguido, entregue à morte para que seja dada vida aos homens (*2 Cor* 4,7-6.10; *1 Cor* 4,9-13). Mas Paulo trabalha pela comunhão nas comunidades que fundou (*1 Cor* 5,4). Ele exerce o seu ministério como um serviço, seguindo Jesus, o servo e testemunha fiel. O missionário é um pastor, que segue o grande Pastor, Jesus Cristo. Como Ele, sabe renunciar aos seus direitos quando necessário (*1 Cor* 9,12); estima os fiéis como um pai ou uma mãe (*1 Ts* 2,7-12) e dá-lhes o exemplo de fé (*1 Ts* 1,6; *2 Ts* 3,9).

Mesmo que o caso de Paulo seja único, é de notar que os seus colaboradores próximos, Timóteo (*1 Ts* 3,2), Silvano, a quem ele chama apóstolo (*1 Ts* 2,5ss), ou mesmo Sóstenes e Apolo (*1 Cor* 4,9), assim como os outros apóstolos, seguem esta lógica de atenção, serviço, fé e amor. Como apóstolos dos gentios, eles têm uma compreensão especial do mistério de Cristo. Estão prontos, como Filipe, para evangelizar os samaritanos (*Act* 8) e o Espírito Santo desce sobre os gentios (*Act* 10), como que para significar que Deus não está ausente das culturas dos vários povos do mundo e que Ele precede os missionários em toda a parte no coração das mulheres e dos homens. Deus já está a trabalhar nos corações, se podemos assim dizer. Devemos, portanto, evangelizar os judeus sem esquecer os outros povos. A salvação é oferecida a todos. Para onde quer que os discípulos de Cristo vão, eles devem proclamar o Seu Senhor e revelar o Seu mistério. Eles devem viver de modo que os gentios sintam a vontade de crer em Jesus Cristo.

Embora o apostolado seja a função dos Doze e de Paulo por excelência, é levado a cabo desde o início por toda a Igreja. As Igrejas de Antioquia e de Roma existiam antes de os líderes da Igreja lá terem chegado. Num sentido amplo, confirmado na Igreja pela expressão “discípulos missionários”, frequentemente utilizada pelo Papa Francisco, o apostolado é obra de cada discípulo de Cristo, de cada baptizado, “luz do mundo e sal da terra” (*Mt* 5,13s). No seu grau, e de acordo com o seu carisma e os seus compromissos, cada “discípulo missionário” deve participar no apostolado da Igreja, imitando Paulo, os Doze e os primeiros apóstolos no seu zelo apostólico. Anunciar a Palavra de salvação é também dar testemunho com toda a sua vida, palavras e obras, individualmente e em comunidade, o Senhor Jesus, o Salvador de toda a humanidade.

Sábado, 29 de Outubro de 2022

Fil 1, 18b-26; *Sal* 41; *Lc* 14, 1.7-11

Meditação

Escutemos São Paulo com atenção: “Cristo será glorificado no meu corpo, quer eu viva ou morra. Porque, para mim, viver é Cristo e morrer é lucro. Mas, se viver neste corpo mortal é útil para meu trabalho, não sei o que escolher. Sinto-me constrangido por este dilema: desejaria partir e estar

com Cristo, que seria muito melhor; mas é mais necessário para vós que eu permaneça neste corpo mortal.”

A missão de Paulo é muito clara. Se se preocupasse apenas consigo, partiria para “estar com Cristo”, pois isso é o que lhe parece preferível. Se ele deixasse este mundo, não se arrependeria. Morrer seria uma vantagem. Mas Paulo não vive apenas para si mesmo, nem para a sua própria salvação. O apóstolo das nações considera necessário permanecer nesta vida por causa dos filhos que gerou na fé. Na verdade, a questão é colocada a cada um de nós. O que estamos a fazer neste mundo? Devemos perguntar-nos sobre a missão que estamos a realizar aqui na terra. Que missão aceitamos cumprir aqui abaixo? Vivemos apenas para nós mesmos ou também vivemos procurando ser úteis aos outros, trabalhando com eles para a sua salvação? Deus quer a salvação de todos os homens, de todas as mulheres (1 *Tm* 2,4). O nosso Deus e Salvador veio salvar os pecadores; Ele foi enviado para isso (1 *Jo* 4,14; *Tt* 2,13; 1 *Tim* 1,15). Ele manifestou a graça e o amor de Deus. Por meio da Sua morte e ressurreição, Cristo tornou-Se para nós o princípio da salvação eterna (*Heb* 5,9), salvador do Corpo que é a Igreja (*Ef* 5,23). O título de Salvador convém igualmente ao Pai (1 *Tm* 1,1; *Tt* 1,3) e a Jesus (*Tt* 1, 4). Por isso, o Evangelho que relata todos esses factos é “uma força de Deus para a salvação de todo o crente” (*Rom* 1,16). Quem se empenha na evangelização não tem outro objectivo senão a salvação dos homens (1 *Cor* 9,22), sejam judeus ou pagãos.

Acolher o Evangelho e optar por Jesus são factores determinantes para a vida e a morte, a salvação ou a perdição (2 *Ts* 2,10; 2 *Cor* 2,15). Os que crêem e confessam a sua fé são salvos (*Rom* 10,9ss), sendo a sua fé selada pela recepção do baptismo, que é uma verdadeira experiência de salvação (1 *Pd* 3,21). Deus salva-os por pura misericórdia, sem considerar as suas obras (2 *Tm* 1,9; *Tt* 3,5), por Sua graça, dando-lhes o Espírito Santo. O cristão deve então nutrir a sua fé pelo conhecimento das Escrituras (2 *Tm* 3,15) e fazê-la frutificar em boas obras. Deve trabalhar com temor e tremor para “realizar a sua salvação”, praticando as virtudes salutares (1 *Ts* 5,8), graças nas quais crescerá em vista da salvação (1 *Pd* 2,2). Isso é oferecido em cada momento da vida (*Heb* 2,3): é agora o dia da salvação (2 *Cor* 6,2). Contudo, só somos salvos na esperança (*Rom* 8,24), explica o apóstolo Paulo, mas Deus reservou-nos para a salvação (1 *Ts* 5,9). Esta é uma herança que não será revelada senão no fim dos tempos (1 *Pd* 1,5). Portanto, a salvação deve ser considerada na perspectiva escatológica do Dia do Senhor (1 *Cor* 3,13s; 5,5). Já reconciliados com Deus pela morte do Seu Filho e justificados pelo Seu sangue, seremos então salvos por Ele da ira (*Rom* 5,9ss). Cristo aparecerá para nos dar a salvação (*Heb* 9,28). O nosso corpo será então transformado e, assim, Cristo completará a Sua obra de salvação. Seremos então salvos da doença, do sofrimento e da morte. Todos os males serão definitivamente abolidos. Será a vitória final de Deus e de Cristo. A salvação é para o nosso Deus e para o Cordeiro (*Ap* 7,10; 12, 10; 19,1) como já podemos cantar.

Enquanto esperamos para o cantar eternamente, cada um de nós é como um cervo sedento em busca de água viva. Porque cada um pode dizer: “Senhor, sois o meu Deus, desde a aurora Vos procuro. A minha alma tem sede de Vós. Por Vós suspiro como terra árida, sequiosa, sem água” (*Sal* 63). “Assim como o cervo brama pelas correntes das águas, assim suspira a minha alma por Ti, ó Deus! A minha alma tem sede de Deus, do Deus vivo; quando entrarei e me apresentarei ante a face de Deus? Por que estás abatida, ó minha alma, e por que te perturbas em mim? Espera em Deus, pois ainda o louvarei pela salvação da sua face” (*Sal* 42). Quem experimenta a bondade de Deus deve estar pronto a propô-la aos nossos contemporâneos, no seio de um diálogo franco, sincero, com uma nota de gratuidade que permite ter em conta a dimensão do devir e da duração, sem esquecer os requisitos do “viver juntos” (Pierre Diarra, *Gratuité fraternelle au cœur du dialogue*, Paris, Karthala, 2021, p. 102).

O conselho que Jesus dá refere-se ao nosso dever de servir, sem nos colocarmos em primeiro lugar. Pelo contrário, explica Jesus, “quando fores convidado vai sentar-te no último lugar; e quando vier aquele te convidou, dirá: ‘amigo, sobe mais para cima’; ficarás então honrado aos olhos dos outros convidados.” Na verdade, explica Jesus, “quem se exalta será humilhado e quem

se humilha será exaltado.” É um convite a ocupar o último lugar, mas acima de tudo é um convite a vestir o traje de serviço, a permanecer servo no seguimento daquele que Se ofereceu para a salvação dos homens. Como São Paulo pediu aos filipenses, ele também nos convida a ter as mesmas disposições, o mesmo amor, os mesmos sentimentos.

Somos convidados amar-nos uns aos outros e a procurar a unidade. Somos convidados a enfrentar os *desafios da convivência*, lutando contra a violência em todas as suas formas, privilegiando o diálogo e o amor, a justiça e a paz (Paulin Poucota, Gaston Ogui e Pierre Diarra (ed.), *Les défis du vivre-ensemble au XXI^e siècle*, Paris, Karthala, 2016, p. 9). Não pediu Jesus para que os Seus discípulos fossem um, para que o mundo acreditasse que o Pai O enviou (*Jo 17,21*)? “Nada façais por ambição, nem por vaidade; mas, com humildade, considerai os outros superiores a vós próprios, não tendo cada um em mira os próprios interesses, mas todos e cada um exactamente os interesses dos outros. Tende entre vós os mesmos sentimentos, que estão em Cristo Jesus: Ele, que é de condição divina, não considerou como uma usurpação ser igual a Deus; no entanto, esvaziou-se a Si mesmo, tomando a condição de servo. Tornando-se semelhante aos homens e sendo, ao manifestar-se, identificado como homem, rebaixou-se a Si mesmo, tornando-Se obediente até à morte e morte de cruz. Por isso mesmo é que Deus O elevou acima de tudo e Lhe concedeu o nome que está acima de todo o nome, para que, ao nome de Jesus, se dobrem todos os joelhos, os dos seres que estão no céu, na terra e debaixo da terra; e toda a língua proclame: ‘Jesus Cristo é o Senhor!’, para glória de Deus Pai” (*Fil 2, 3-11*). Concluamos esta meditação dando graças ao Senhor Jesus. Demos graças pelos numerosos missionários que dão a conhecer o Seu nome em todo o mundo e que às vezes são perseguidos e mortos. Que o Senhor nos mantenha fortes para continuar a servir as necessidades do Evangelho, a tornar a Igreja cada vez mais missionária.

Domingo, 30 de Outubro de 2022

31^o domingo do tempo comum

Sab 11,22—12,2; Sal 144; 2 Ts 1,11—2,2; Lc 19,1-10

Meditação

Quem devemos ouvir e o que devemos ouvir? Os que recriminam e parecem vigiar os actos dos outros? Aqueles que tentam converter-se, como Zaqueu, sejam quais forem as suas situações? Jesus dirige-se a todos quando convida à conversão?

O que dizem os que criticam, e que são muitos de acordo com o evangelista? Trata-se de “todos eles”, ou pelo menos da maioria deles: “Foi hospedar-Se em casa de um pecador.” O que devemos entender ou subentender? As “pessoas bem-comportadas” ou as “pessoas de bem” não vão para casa de quem quer que seja. Se uma pessoa parece bem-comportada não deve associar-se com pessoas de comportamento duvidoso. Não devem, pensa-se, deixar-se influenciar pelas más companhias. Mas devemos separar os bons de um lado e os maus do outro? Como viver a missão cristã se as pessoas que levam o Evangelho se distanciam daquelas que precisam do perdão do Senhor? Além disso, as pessoas que são bem vistas por aqueles que as rodeiam, que fazem um esforço para agir bem, para amar Deus e os seus vizinhos, podem cometer erros, carecer de amor e, conseqüentemente, precisam do perdão do Senhor.

Ouçamos o que Zaqueu disse ao Senhor: “Senhor, vou dar aos pobres metade dos meus bens e, se causei qualquer prejuízo a alguém, restituirei quatro vezes mais.” Zaqueu, cujo nome significa “o justo”, é um belo exemplo de arrependimento libertador e jubiloso. Ao confessar as suas falhas e ao mostrar um firme desejo de reparação, ele confessa o amor de Deus. Ele quer reconhecer diante do Senhor e das pessoas que estão com ele que é pecador e que precisa de salvação. Ele parece afirmar que o perdão nos é dado pelo Senhor Jesus, perante o qual reconhece ter feito mal às pessoas. Ele quer devolver quatro vezes mais, como se quisesse partilhar os lucros dos seus ganhos adquiridos injustamente. Poder-se-ia dizer: com tudo o que roubou, pode fazê-lo; mas não é assim tão simples; é preciso ser corajoso para ser justo e ir para além disso. Ao fazê-lo, Zaqueu

quer mostrar não só que devemos optar pela justiça, mas tentar ir mais longe, ou seja, percorrer os caminhos de um amor que não tem limites. Estamos orientados para o amor de Deus, que é o mais forte e que nos impele a ir sempre mais longe nos actos de amor que realizamos.

Confessar o amor de Deus é proclamar em voz alta, com uma certa exultação, que Deus me alcançou, pobre pecador que eu sou. O nome do meu Deus não é Jesus, que significa “Deus salva”? Este Deus não veio para os justos mas para os pecadores. Confessar o amor de um Deus que trabalha na minha vida é confessar o futuro que Deus me abre, juntamente com os meus irmãos e irmãs. É um Deus cuja misericórdia chega até mim, mas também a todos os seres humanos, a todos aqueles que reconhecem as suas faltas e pedem sinceramente perdão. Confesso que sou um pecador, mas acima de tudo confesso que Deus é Amor, Misericórdia; reconheço que o perdão me alcançou e que Deus está preocupado com a minha salvação, com o meu futuro. Não digo apenas “fiz isto, fiz aquilo e é mau...”, especialmente quando me encontro perante o sacerdote para o sacramento da reconciliação; digo também: Deus ama-me, Ele chama-me a viver isto, isso e aquilo e eis onde estou e como quero avançar. Estou consciente do amor de Deus, consciente de um Deus que perdoa. Encontro um Deus que me ama; ainda não cheguei ao caminho para a santidade, verso este Deus três vezes santo. Mas posso avançar; não disse a minha última palavra e Deus também não. Eu sei que o Seu amor e o Seu perdão estão comigo na minha caminhada como homem ou mulher. *Jesus está connosco todos os dias até ao fim dos tempos (Mt 28,20)*, mesmo que Ele possa ser rejeitado ou acolhido, estar em agonia ou ser crucificado de novo (*Heb 6,6*), sem nunca deixar de ressuscitar e de estar connosco de várias maneiras (ver Michel Fédou, *Jésus Christ au fil des siècles*, Paris, Cerf, 2019, p. 491).

Reconhecer o meu pecado e pedir perdão a Deus é fazer actos que são expressão de um assumir de responsabilidade pela minha história em relação à salvação em Jesus Cristo. Pedir perdão não é um acerto de contas. Trata-se de dizer com toda a confiança: “Ó Senhor, Tu amas-me; perdoa-me pelo que fiz e abre-me um futuro que me permita caminhar contigo em esperança e amor.” A confissão do meu pecado é também uma confissão da minha fé que pode tomar a forma de um credo, uma canção, uma acção de graças... A confissão do meu pecado ajuda-me a sentir-me amado, perdoado, encorajado a prosseguir os meus esforços para amar melhor, acreditar mais e a esperar com confiança. Porque Deus nos ama de modo único, cada um de nós deve sentir-se à vontade consigo próprio, com as suas limitações, as suas falhas e mesmo os seus fracassos. Não devemos desanimar na busca das verdadeiras sedes de verdade e amor. O perdão enraíza-nos nessa busca e encoraja-nos, por sua vez, a perdoar: “perdoai-nos as nossas ofensas e não nos deixeis cair em tentação, mas livra-nos do mal.”

Escutemos o que Jesus diz sobre Zaqueu: “Hoje entrou a salvação nesta casa, porque Zaqueu também é filho de Abraão. Com efeito, o Filho do Homem veio procurar e salvar o que estava perdido.” Oremos, seguindo o apóstolo Paulo, para que o nosso Deus nos ache dignos do chamamento que fez a cada um de nós. Rezemos para que pelo Seu poder todos possam realizar todo o bem que desejam, a fim de que a fé se torne activa.

Com o salmista, tomemos consciência da bondade e da misericórdia do nosso Deus. Pois “o Senhor ampara todos os que vacilam, e levanta todos os oprimidos.” Com os nossos olhos postos n’Ele, somos todos convidados a ter esperança. Ele dá-nos a vida, o mundo, a inteligência, o alimento em todos os momentos. Ele sacia com bondade tudo o que vive. “Justo é o Senhor em todos os seus caminhos, e santo em todas as Suas obras. Perto está o Senhor de todos os que o invocam, de todos os que o invocam em verdade. Ele cumprirá o desejo dos que O temem; ouvirá o seu clamor, e os salvará” (*Sal 145*). “Senhor, que o Teu amor esteja sobre nós, como a nossa esperança está em Ti” (*Sal 33*).

Ousemos louvar o nome do Senhor em cada circunstância e para sempre. Só Ele merece o louvor, porque a Sua grandeza e o Seu amor não têm limites. Ousemos elogiar as Suas obras, a Sua misericórdia e proclamar os Seus feitos. Que isto nos mantenha no caminho certo, o caminho da

santidade, mesmo que ele exija muito esforço. Cantemos a história das Suas maravilhas, do Seu perdão, e que todo o nosso ser saiba dar-Lhe graças.

Segunda-feira, 31 de Outubro de 2022

Fil 2,1-4; Sal 130; Lc 14,12-14

Meditação

Os textos de hoje são conselhos muito simples e práticos, para os cristãos de ontem e de hoje. Vamos relê-los com atenção. Tende em vós os mesmos sentimentos, a mesma caridade, e procurai a unidade. Confortai-vos uns aos outros. O apóstolo Paulo dá estes conselhos referindo-se a Cristo, convidando os cristãos da Igreja de Filipos a viver em comunhão no Espírito. Convida-os a terem mais ternura e compaixão. Ele explica: “Não façais nada por rivalidade nem por vanglória; mas, com humildade, considerai os outros superiores a vós mesmos, sem olhar cada um aos seus próprios interesses, mas aos interesses dos outros.” Temos aqui conselhos muito realistas que nos convidam a fazer um balanço das nossas relações com os nossos irmãos e irmãs: não ser vaidosos, estimar os outros superiores a nós mesmos, viver em comunhão no Espírito, ser ternos e compassivos.

O Salmo 130 também nos convida a descentrarmos-nos, a não nos tomarmos como o centro do mundo. O autor do salmo escreve: “Senhor, não se eleva soberbo o meu coração, nem se levantam altivos os meus olhos. Não ambiciona riquezas, nem coisas superiores a mim. Antes fico sossegado e tranquilo como criança ao colo da mãe.” Cada um de nós é convidado a ser como uma criança que espera tudo de sua mãe, confiando no seu Criador, numa espécie de simplicidade que nos permite adoptar, não com um olhar ambicioso ou um coração orgulhoso, uma atitude que nos permita manter a nossa alma tranquila e serena.

Nesta mesma lógica de conselhos propostos para terminar este mês de Outubro, Jesus diz-nos: “Quando ofereceres um almoço ou um jantar, não convides os teus amigos nem os teus irmãos, nem os teus parentes nem os teus vizinhos ricos, não seja que eles por sua vez te convidem e assim serás retribuído. Mas quando ofereceres um banquete, convida os pobres, os aleijados, os coxos e os cegos; e serás feliz por eles não terem com que retribuir-te: ser-te-ão retribuído na ressurreição dos justos.” Devemos tomar consciência aqui do compromisso missionário da Trindade, da *missio Dei* de que falam os teólogos, a saber, o envio do Filho pelo Pai e o envio do Espírito pelo Pai e pelo Filho num movimento no qual participa a Igreja, em que ela mesma é enviada ao mundo pelo Pai, o Filho e o Espírito. A Igreja, na sua peregrinação na terra, é missionária, pois não tem outra origem senão a missão do Filho e a do Espírito Santo, segundo o plano de Deus Pai (*Ad gentes*, nº 2). Temos um duplo movimento do qual o próprio Deus é a fonte: um primeiro, quando Ele envia o Seu Filho e o Seu Espírito ao mundo; e um segundo, quando a Igreja, por sua vez, envia mulheres e homens ao mundo para dar testemunho do nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo. Estes envios estão enraizados no amor gratuito do Pai; por isso, o Evangelho deve ser oferecido gratuitamente, no coração de um diálogo que também deve ser gratuito, respeitando a liberdade de consciência dos outros, como São João Paulo II explicou na *Redemptoris Missio* (n.º 39). Mas a Igreja deve repetir: “abri as vossas portas a Cristo!”

O envio de Deus, a *missio Dei*, significa que a missão depende de Deus e Lhe pertence, desde a sua origem até ao seu fim. O próprio Deus é o seu agente, que, como Pai, envia o Seu Filho e o Seu Espírito, segundo a perspectiva dos capítulos 16 e 17 do Evangelho de João. O envio da Igreja, a *missio Ecclesiae*, designa o envio de homens ao mundo pelo Pai e pelo Filho, mas também o envio de mulheres e homens por outros homens e mulheres, o envio em que a Igreja procede. Os nossos bispos, congregações missionárias e outros organismos da Igreja enviam missionários. Eles são convidados a propor a fé cristã, a fé em Jesus Cristo. É a *missio Dei* que de certa forma comanda a *missio Ecclesiae* e não o contrário. Assim a Igreja entra no “seguimento” de Cristo, como *sacramento de salvação* ou, segundo a concepção protestante, como um *signal oferecido* ao mundo. É toda a Igreja que é missionária, mesmo que haja missionários para toda a

vida que deixam tudo para proclamar o Evangelho onde quer que haja necessidade, especialmente no âmbito da *missio ad gentes*. Todos os batizados são convidados a levar o Evangelho para onde quer que vão e até aos confins da terra, humildemente, com coragem e amor.

O Espírito é dado a todos, como poder criativo na missão ou, nas palavras de São João Paulo II, como *protagonista de toda a missão eclesial*. Assim, como na Igreja primitiva, o Espírito impele os missionários por toda a parte, para que se realizem conversões, como no caso de Cornélio (*Act* 10), e para que vários povos aceitem Cristo e vivam mais na justiça, na paz e no amor, encontrando soluções para os problemas que as sociedades e os indivíduos encontram, tanto ontem como hoje (*Act* 15; 16,5-8). O Espírito age através dos Apóstolos e de todos os missionários, mas, ao mesmo tempo, age nos ouvintes. Ontem, como hoje, graças à Sua acção, a Boa Nova penetra nas consciências e nos corações humanos e difunde-se por toda a parte e ao longo da história. O Espírito dá vida, guia a missão, torna toda a Igreja missionária e abre os corações dos indivíduos, para que prestem atenção uns aos outros e optem por um amor cada vez mais sincero, sem esquecer o respeito. Não é o Espírito que espalha as “sementes do Verbo”, presentes nos ritos, nas religiões e nas culturas dos povos, e os prepara para o seu amadurecimento em Cristo? (*Redemptoris Missio*, n.º 28,39) “Precisamos do impulso do Espírito para não ser paralisados pelo medo e o calculismo, para não nos habituarmos a caminhar só dentro de confins seguros” (Papa Francisco, *Gaudete et Exsultate*, n.º 133; Michel Fédou (ed.), *Le sens du Credo aujourd'hui*, Paris, Éditions jésuites, 2020, p. 119).

A acção universal do Espírito não deve ser separada da acção particular que Ele realiza no corpo de Cristo que é a Igreja. É sempre o Espírito que age quando vivifica a Igreja e a impele a anunciar Cristo, ou quando espalha os Seus dons e os faz crescer em todos os homens e em todos os povos. A Igreja é então convidada a descobri-los, a acolhê-los e a promovê-los através do diálogo, fazendo progredir os valores espirituais, morais e socioculturais existentes nas tradições e religiões do mundo, como nos recomendou a *Nostra Aetate* (n.º 2). Assim, se difunde a Boa Nova da salvação e, ontem como hoje, mulheres e homens, sobretudo os pobres, os pequenos e os marginalizados, podem usufruir de melhores condições de vida e abrir-se melhor a Deus, ao Evangelho. O reino de justiça e de paz, de amor e de ternura pode então expandir-se, dando mais força a todos para viver no diálogo e na fraternidade (*Fratelli Tutti*, n.º 140). “De graça recebestes, de graça dai” (*Mt* 10,8).

Pierre Diarra
Consultor do Pontifício Conselho para o Diálogo Interreligioso,
União Missionária Pontifícia – França
Instituto Católico de Paris